



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Giannina Laucas de Campos

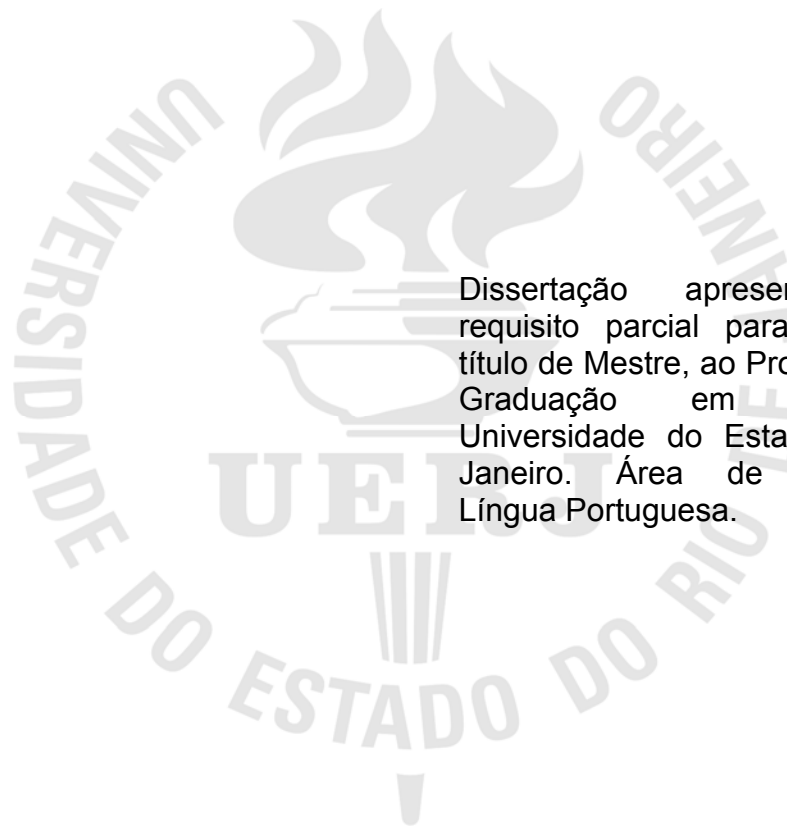
Texto, discurso e alteridade: heterogeneidade discursiva no “chat”

Rio de Janeiro

2007

Giannina Laucas de Campos

Texto, discurso e alteridade: heterogeneidade discursiva no “chat”



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Santos de Azeredo

Rio de Janeiro

2007

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

C198 Campos, Giannina Laucas de.
Texto, discurso e alteridade: heterogeneidade discursiva no “chat”
/ Giannina Laucas de Campos. – 2007.
151 f.

Orientador: José Carlos Santos de Azeredo.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Letras.

1. Análise do discurso - Teses. 2. Grupos de bate-papo pela
internet - Teses. 3. Jovens – Linguagem – Teses. 4. Alteridade –
Teses. I. Azeredo, José Carlos de. II. Universidade do Estado do Rio
de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82.085

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação desde que citada a fonte

Assinatura

Data

Giannina Laucas de Campos

Texto, discurso e alteridade: heterogeneidade discursiva no “chat”

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em 29 de março de 2007.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Carlos Santos de Azeredo (Orientador)
Instituto de Letras da UERJ

Prof^a. Dra. Regina Célia Cabral Angelim
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^a. Dra. Vanise Gomes de Medeiros
Instituto de Letras da UERJ

Rio de Janeiro

2007

A
Pedro e Felipe,
netos amados.

AGRADECIMENTOS

Meu preito de gratidão

A Deus, pela vida, “que para mim é nobre, colorida, bela e concedida.”

Ao Rei Solar, pela manutenção do Orbe sob a égide do Pai.

Aos Espíritos amigos, fonte de perene inspiração e amparo.

Aos meus genitores, pelo devotamento e abnegação à família.

Aos devotados e amados irmãos Carla Romilda, Marco Túlio e Vanessa Bianca, pelo suporte técnico e operacional e pelos comentários pertinentes a respeito desta dissertação.

Ao querido sobrinho Rafael Laucas Pereira, pelo auxílio na versão do resumo deste trabalho.

À psicóloga e amiga Márcia Ribeiro, pela forma com que se dedica aos relatos de seus clientes, sobretudo pela paciência com que ouve os casos de minha vida.

À Lúcia Cortines, pelo apoio material sempre presente nos momentos difíceis.

Aos filhos, noras, irmãos, cunhadas, cunhados e sobrinhos, amores e afetos, pelo apoio material e espiritual.

Aos amigos sempre presentes em meus projetos.

Aos professores do Mestrado André Valente, Claudio Cezar Henriques, Darcilia Simões, Décio Rocha, Del Carmen Daher, José Carlos Santos de Azeredo, Vanise Medeiros e Vera Lúcia Santanna, com quem tive a honra de compartilhar conhecimentos, pelo aprendizado oportuno e pela convivência agradável em todas as aulas, debates e encontros acadêmicos.

Se efetivamente o homem é, no mundo, o lugar de uma reduplicação empírico-transcendental, se deve ser essa figura paradoxal em que os conteúdos empíricos do conhecimento liberam, mas a partir de si, as condições que os tornaram possíveis, o homem não se pode dar na transparência imediata e soberana de um *cogito*; mas tampouco pode residir na inércia objetiva daquilo que, por direito, não acede e jamais acederá à consciência de si. [...] Porque é um duplo empírico-transcendental, o homem é também o lugar do desconhecimento.

Foucault, 2002, p. 444-5

SINOPSE

Fundamentação teórica. Goffman e Kerbrat-Orecchioni: conceitos auxiliares para análises etno-sociológicas. Quadro teórico de Authier-Revuz. Enfoque do objeto. Do *corpus*. A tipologia. O gênero “chat”. Interação virtual: o *continuum* entre a fala e a escrita. A noção de hipertexto. Análise do *corpus*. Inadequação do método de transcrição da Análise da Conversação aos textos do *corpus*. Respingos gramaticais. Heterogeneidade mostrada e marcada no “chat”: da morfossintaxe à ilusão de domínio discursivo do sujeito cartesiano. Condições de produção do “chat” paralelo ao “blog”.

RESUMO

CAMPOS, G. L. *Texto, discurso e alteridade: heterogeneidade discursiva no “chat”*. 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

A linguagem veiculada pela mídia eletrônica, produzida por jovens em salas de bate-papo, vem causando reações adversas em vários setores da sociedade brasileira, tais como os da lingüística, filosofia, educação, psicologia, psiquiatria e do direito. Jornais e revistas, freqüentemente, divulgam a perplexidade de muitos diante dessa linguagem. Em virtude disso, abriu-se um campo fecundo de investigação científica na área de estudos da língua portuguesa. O objetivo desta dissertação é investigar não só os elementos gramaticais dos enunciados/discursos concernentes ao *corpus*, mas, além disso, extrapolar as fronteiras da morfossintaxe, que opera no plano da descrição da frase, em direção à análise de discurso, que opera no plano da interpretação, do modo como são construídos os discursos, da materialidade discursiva e das condições de produção deste. O *corpus* é constituído de textos do gênero “chat”, produzidos por jovens, entre treze e dezesseis anos, matriculados em uma escola particular do Rio de Janeiro. Para abordar um uso conversacional da língua portuguesa no “chat”, do ponto vista discursivo, optou-se pelo quadro teórico de Jacqueline Authier-Revuz, com o fito de interpretar questões, tais como: formas de heterogeneidade mostrada e marcada; interdiscurso; negação do enunciador estratégico; distinção entre o sujeito cartesiano (homogêneo e transparente) e o sujeito não-cartesiano (heterogêneo e opaco); discurso direto (em que a alteridade transparece no enunciado/discurso do locutor, que dá lugar ao discurso de um outro em seu próprio discurso); e conotação autonímica. A metodologia adotada parte do campo das ciências humanas como uma pesquisa de cunho qualitativo. Em suma, é possível encontrar, nesta dissertação, a reflexão diluída dos conteúdos teóricos que contemplam a Gramática da Língua Portuguesa e a Análise de Discurso.

Palavras-chave: Alteridade. Heterogeneidade. Chat. Texto. Discurso.

ABSTRACT

The language propagated through the electronic media, produced by youths inside chat rooms, have caused different types of reaction in many different sectors of the brazilian society, such as linguistics, philosophy, education, psychology, psychiatry and law. Newspapers and magazines often divulge the perplexity of several ahead this language. In virtue of this, a field full of scientific investigation in the area of studies of the portuguese language was opened. The aim of this paper is to investigate not only the grammatical elements of enunciations containing in the *corpus*, but, moreover, surpass the borders of morfossintaxe, that operates in the plan of the description of the phrase, in direction to the speech analysis, that operates in the plan of the interpretation, in a way as the speeches are constructed, of the discursive materiality and the conditions of production of this. The *corpus* is constituted of texts of the sort "chat", produced by youths, between thirteen and sixteen years old, registered at a particular school in Rio de Janeiro. To approach the conversational use of the portuguese language during a "chat", through the speech point of view, it was opted the theoretical picture of Jacqueline Authier-Revuz, with the intention to interpret questions, such as: forms of shown marked heterogeneity; interdiscourse; negation of the strategic enunciator; distinction between the cartesian citizen (homogeneous and transparent) and the non cartesian citizen (heterogeneous and cloudy); direct discourse (where the alterity is transparent in the statement/speech of the speaker, that gives place to another one in its own speech); and autonimic connotation. The adopted methodology starts at the human sciences field as a research of qualitative matrix. In short, it is possible to find, in this paper, the diluted reflection of the theoretical contents that contemplate the grammar of the portuguese language and analysis of speech.

Keywords: Alterity. Heterogenicity. Chat. Text. Speech.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	13
1 TEMA: DA JUSTIFICATIVA À PROBLEMATIZAÇÃO	13
1.1 Motivação pelo tema	13
1.2 Escassez de estudos sobre o tema	15
1.3 Histórico do conhecimento sobre o tema	16
CAPÍTULO II	20
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
2.1 Goffman e Kerbrat-Orecchioni: conceitos auxiliares para análises etno-sociológicas	20
2.1.1 <u>Erving Goffman, “A situação negligenciada” e “Footing”</u>	22
2.1.2 <u>Catherine Kerbrat-Orecchioni e “A análise da conversação: princípios e métodos”</u>	34
2.2 Quadro teórico de Authier-Revuz	52
2.2.1 <u>Esboço histórico da Análise de Discurso e inserção contextual de Jacqueline Authier-Revuz</u>	52
2.2.2 <u>Quadro teórico da inscrição de Jacqueline Authier-Revuz: a lingüística, a Filosofia da Linguagem e a Psicanálise (fundamentos da heterogeneidade mostrada e da heterogeneidade constitutiva)</u>	58
2.2.3 <u>Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: conceitos formulados por Jacqueline Authier-Revuz</u>	61
CAPÍTULO III	67
3 ENFOQUE DO OBJETO	67
3.1 Do corpus	67
3.1.1 <u>A tipologia</u>	68
3.1.2 <u>O gênero “chat”</u>	72
3.1.3 <u>Interação virtual: o continuum entre a fala e a escrita</u>	74
3.1.4 <u>A noção de hipertexto</u>	80
3.2 Análise do corpus	83
3.2.1 <u>Inadequação do método de transcrição da Análise da Conversação aos textos do corpus</u>	83
3.2.2 <u>Aspectos gramaticais</u>	94
3.2.2.1 <u>Entre o desenho, a letra e o fonema</u>	94
3.2.2.2 <u>Comentários morfossintáticos</u>	96
3.2.3 <u>Heterogeneidade mostrada e marcada no “chat”: da morfossintaxe à ilusão de domínio discursivo do sujeito cartesiano</u>	116
3.2.4 <u>Condições de produção do “chat” paralelo ao “blog”</u>	124
4 À GUIA DE CONCLUSÃO	130
5 BIBLIOGRAFIA	134
6 ANEXOS	139

INTRODUÇÃO

*Quem vê o universo através do computador
vê um texto literário construído com símbolos.*
(ALVES, 2004, p. 135)

A linguagem do bate-papo (“chat”) tem suscitado discussões entre profissionais de inúmeras áreas do conhecimento. Ela mostra um modo técnico, sofisticado, irreverente e descomprometido de lidar com as convenções oficiais do código escrito.

A perplexidade social perante tal linguagem tem provocado a necessidade de releitura dos textos conversacionais produzidos em meio eletrônico. Tal atitude indica a relevância da abordagem desse tema na pesquisa em língua portuguesa, já que se trata de um objeto novo de investigação.

Uma vez que o texto dos internautas extrapola as estruturas estritamente lingüísticas e subverte certas convenções correntes do código escrito, o pesquisador precisa refinar sua lente de observação do fato sociocomunicativo com novos elementos teóricos. Nesse sentido, nossa opção foi a Análise de Discurso (AD) de linha francesa orientada por Eni P. Orlandi e Michel Pêcheux.

Reconhecendo, então, a alteridade presente no discurso e a base teórica da heterogeneidade mostrada e da heterogeneidade constitutiva formulada por Jacqueline Authier-Revuz (1990, 1999, 2004), pretendemos analisar o gênero textual ora mencionado, para compreender o atual estado de mudança do comportamento social em virtude da linguagem em rede.

O tema desta dissertação é tratado, obedecendo à seguinte seqüência: no primeiro capítulo, justificamos a abordagem deste estudo, elucidando, a seguir, o contexto situacional e desenvolvendo um breve esboço histórico sobre o

conhecimento do tema, acompanhado de inúmeros questionamentos que problematizam esta pesquisa.

No segundo capítulo, firmamos a escolha dos fundamentos teóricos norteadores deste trabalho, procedendo a uma revisão dos conceitos etno-sociológicos estabelecidos por Erving Goffman (2002a, 2002b) e Catherine Kerbrat-Orecchioni (2006) em confronto com a proposta enunciativo-discursiva formulada por Jacqueline Authier-Revuz (1990, 1999, 2004) – cuja contribuição ilumina as análises aqui realizadas, constituindo, assim, a opção metodológica adotada neste estudo.

Com isso, fica elucidado que toda teoria é válida quando aplicada com coerência. Desse modo, sem desmerecer o empenho intelectual de Goffman e Kerbrat-Orecchioni – cujos trabalhos poderiam ser contemplados, caso fosse essa nossa opção –, optamos pelo quadro teórico de Authier-Revuz. Trata-se, então, de uma pesquisa social, de cunho qualitativo, em que a descrição da língua portuguesa propicia as entradas para a Análise de Discurso.

No terceiro capítulo, focalizamos o objeto, que se distribui em duas seções: (i) comentários sobre aspectos relevantes para analisar o *corpus* (classificação da tipologia; descrição do gênero “chat”; consideração sobre o *continuum* entre a fala e a escrita na interação virtual; e a noção de hipertexto); (ii) análise do *corpus* (abordagem de algumas questões gramaticais: relações entre o desenho, a letra e o fonema, e comentários morfossintáticos; passagem da morfossintaxe para a ilusão de domínio discursivo do sujeito cartesiano, através da heterogeneidade mostrada e marcada no “chat”; e explanação das condições de produção do “chat”, a partir dos preceitos da Análise de Discurso introduzidos por Michel Pêcheux).

CAPÍTULO I

1 TEMA: DA JUSTIFICATIVA À PROBLEMATIZAÇÃO

Mensagens cifradas são um desafio à razão, um convite a que nos provemos a nós mesmos. Isso no âmbito dos passatempos. Frequentemente, entretanto, a capacidade de decifração tem a ver com a vida e a morte.

(ALVES, p. 76, 2002)

Neste capítulo, explico o tema e defendo, de forma pessoal, as razões de sua escolha, a situação em que este se encontra nos meios acadêmicos, os procedimentos metodológicos adotados para as análises, o contexto histórico do conhecimento sobre o tema, e os inúmeros questionamentos que o problematizam.

1.1 Motivação pelo tema

Como professora de Língua Portuguesa, tenho observado, há cerca de quinze anos, a mudança de comportamento lingüístico dos alunos em sala de aula. Essa mudança não se reflete somente na esfera da língua como expressão material da linguagem em ação. Ela se mostra por meio de várias outras linguagens no âmbito da representação social, através dos atores que incorporam papéis contextualizados.

Por isso, acreditamos tratar-se de uma conduta para além das fronteiras escolares, pois tal fato é recorrente na sociedade brasileira, em virtude de vivermos em um período histórico marcado pela tecnologia da informação, pelo consumismo, pela fugacidade e relatividade do tempo e por condutas humanas irreverentes.

Considerando-se a sala de aula como um espaço que abriga um grupo heterogêneo de indivíduos com características sociais e culturais diversificadas,

certamente estaremos diante de um microgrupo da sociedade que repete, intramuros escolares, muitas condutas de fora da escola. Isso tem permitido focalizar questões socioculturais e refletir sobre elas, a partir da observação do microcosmo da sala de aula como um espaço em que as condutas macrosociais podem repetir-se por intermédio da linguagem, num dado momento histórico.

Dessa maneira, em virtude da imposição tecnológica, as escolas têm sido equipadas com aparelhos eletrônicos, sobre os quais professores e alunos devem ter domínio, a fim de facilitar a comunicação que se dá através de tais aparelhos (incluindo os telefones celulares), cujas mensagens são processadas de forma icônica e caracterizadas pelo predomínio da função fática da linguagem, nesse meio interativo, utilizando uma variante da língua portuguesa, mesclada a signos paralingüísticos.

A partir de então, tornou-se um hábito, no ambiente escolar, a verificação de mensagens eletrônicas e a troca de informações através do bate-papo virtual (“chat”), principalmente entre os alunos. É para esse contexto, especificamente o do “chat”, que voltarei minhas observações neste trabalho.

Essa realidade escolar aliada às críticas publicadas na mídia impressa e virtual tem provocado inúmeros questionamentos que envolvem o ensino da língua portuguesa e o uso da linguagem em Rede (Internet).

Assim, há cerca de alguns anos, venho acompanhando a frequência com que jornais e revistas têm divulgado artigos sobre a linguagem em Rede, uns contundentes e radicais, outros perplexos e temerosos quanto aos destinos da língua padrão. Dentre muitos, destaco os seguintes artigos: “Português ameaçado” (O Dia, 09-09-2001), “O português.com” (Época, 09-09-2002), “Vc tem medo de ICQ???????” (O Globo, 09-11-2003), “Dos diários íntimos aos blogs” (O Globo, 10-

10-2004), “Nas telas e telinhas” (Jornal do Brasil, caderno B, 28-03-2005), “A polêmica linguagem da internet” (O Globo, 05-04-2006) e “Tecnologia ao alcance de todos” (Nova Escola, set./2006). Todos eles discutem a problemática de uso da língua portuguesa na Rede.

Mediante o exposto, fica elucidado o móvel deste trabalho, que é a curiosidade de pesquisar as razões que motivam uma comunidade virtual a produzir mensagens no “chat”, da maneira como vêm acontecendo. Não somente o porquê, mas também o como se dá tal processo comunicativo, através de um uso conversacional do português na forma escrita, tem instigado o interesse em desenvolver pesquisa nesta área específica da linguagem.

1.2 Escassez de estudos sobre o tema

Desde quando surgiu o interesse por pesquisar o tema aqui tratado, tenho me dedicado a procurar informações que satisfaçam, mesmo que provisoriamente, minha curiosidade. Dessa maneira, debruçei-me sobre livros e artigos acadêmicos com a esperança de encontrar elementos que facultassem o desenvolvimento de um trabalho sem maiores obstáculos. Pura ilusão.

É possível que a irreverência lingüística do “chat” seja um dos maiores empecilhos para os pesquisadores, o que, muitas vezes, se confirma pelas inúmeras críticas da mídia, porém para mim, ao contrário, isso passou a se constituir um desafio.

Nos inícios de minhas observações sobre o “chat”, pensei que os recursos metodológicos desenvolvidos pela Análise da Conversação preencheriam a lacuna de referências apropriadas para pesquisar as conversas em salas de bate-papo, porém, as características específicas do “chat” não se enquadravam ao modelo de

transcrição conversacional, visto que os internautas mesclam a fala e a escrita ligadas a ícones e símbolos cifrados, obrigando o pesquisador a procurar outras metodologias mais adequadas para essa peculiaridade.

Além disso, os fundamentos da Análise da Conversação instituídos por Goffman (2002a; 2002b) abordam a interação face a face, que também não ocorre no “chat”, levando-me a pensar em face virtual (se é que se pode dizer assim), diferentemente do modelo teórico desenvolvido para a análise das conversas.

Em virtude disso, imaginei um veio teórico possível: a adoção de alguns elementos da Sociologia Interacional e da Psicologia Social, desenvolvidos por Goffman (2002a; 2002b), em uma abordagem etno-sociológica, aliados à análise conversacional trabalhada por Kerbrat-Orecchioni (2006), mais a proposta da Análise de Discurso. Porém, isso seria mesclar teorias incompatíveis.

Diante do exposto, optei pelo quadro teórico da Escola Francesa de Análise de Discurso, nos termos propostos por Authier-Revuz (1990, 1999, 2004), para abordar o objeto e iluminar a análise do *corpus* desta dissertação. Desse modo, foi definitivamente abandonada a idéia de aplicar os conceitos auxiliares para as análises etno-sociológicas, nesta pesquisa, embora estes também constituam uma expressiva contribuição teórica para os estudos lingüísticos.

1.3 Histórico do conhecimento sobre o tema

A pesquisa da linguagem em rede remete aos anos 60, época em que surgiu a necessidade de se utilizar um meio de comunicação cifrado e virtual criado pelo Pentágono dos Estados Unidos da América, no período da Guerra Fria instaurada entre os E.U.A. e a ex-União Soviética.

Para que uma base militar americana se comunicasse com outra, sem a interferência de terceiros, criou-se, em 1969, a ARPANET (ARPA – *Advanced Research Projects Agency* ou Agência de Pesquisa de Projetos Avançados + NET = *Network* – rede de comunicações). Esse projeto foi iniciado pelo Departamento de Defesa Americano com o objetivo de interconectar seus computadores, para transmitir informações sigilosas, por meio de um sistema conhecido como chaveamento de pacotes (por exemplo: uma informação era subdividida em vários pacotes que trafegavam por diversas rotas diferentes e, chegando ao receptor, este remontava os pacotes se valendo de uma senha. Assim, como num quebra-cabeça, decodificava-se a informação). Dessa maneira, a ARPANET é a precursora da Internet, inaugurando uma nova era para o Planeta, a era da informação.

Na década de 1990, o aparecimento da “World Wide Web”¹, o desenvolvimento dos “browsers”², a diminuição de custos de acesso, o aumento de

¹ A **World Wide Web** – “Web” ou “WWW” (“rede do tamanho do mundo”, traduzindo literalmente) é uma rede de computadores na Internet que fornece informação em forma de hipermídia, como vídeos, sons, hipertextos e figuras. Para ver a informação, pode ser usado um “software” chamado navegador (browser), através do qual se descarregam informações (chamadas “documentos” ou “páginas”) de servidores de internet (ou “sites”) que aparecem na tela do usuário. O usuário pode, então, seguir os links na página para outros documentos ou mesmo enviar informações de volta para o servidor, interagindo com ele. O ato de seguir links é comumente chamado de “navegar” ou “surfar” na “Web”. “Web” (substantivo próprio) é diferente de “web” (substantivo comum), já que a “Web” engloba toda a Internet. Outras “webs” existem em redes privadas, restritas (intranet) que podem ou não fazer parte da Internet. A “Web” foi criada em um projeto do CERN (*Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire*) no fim do ano 1990, quando Tim Berners-Lee construiu o sistema protótipo que se tornou um modelo do que hoje é a “World Wide Web”. O intento original do sistema foi tornar mais fácil o compartilhamento de documentos de pesquisas entre os colegas. A funcionalidade da “Web” é baseada em três padrões: a URL, que especifica como cada página de informação recebe um “endereço” único onde pode ser encontrada; HTTP, que especifica como o navegador e o servidor enviam informação um ao outro (protocolo); e HTML, que é um método de codificar a informação de modo que possa ser exibida em uma grande quantidade de dispositivos. Berners-Lee hoje encabeça o “World Wide Web Consortium” (W3C), que desenvolve e mantém estes padrões e outros, de modo a permitir que os computadores na Web armazenem e comuniquem todos os tipos de informação efetivamente.

² Um **navegador** (também conhecido como **web browser** ou simplesmente **browser**) é um programa que habilita seus usuários a interagirem com documentos HTML hospedados em um servidor na Web. É o tipo mais comumente usado de agente. A maior coleção interligada de documentos hipertexto, dos quais os documentos HTML são uma substancial fração, é conhecida como a “World Wide Web”.

conteúdos, entre outros fatores, fizeram com que a Internet tivesse um crescimento exponencial.

O sucesso alcançado por esse sistema foi tão grande que chegou aos meios acadêmicos. A partir de então, as redes se voltaram para as pesquisas nas universidades, somando-se ao prestígio popular que a Rede (Web) vem obtendo progressivamente. Assim, o acesso à informação fora da escola, e dentro dela, via Internet, tem-se ampliado. Nesse caminho, para transmitir informações, há necessidade do código e do uso de linguagens adequadas a cada meio.

Posto isso, quero lembrar que nosso interesse de estudo lingüístico, nesta pesquisa, se volta para o “chat” no contexto da “Web” (Rede).

Constatando que a linguagem do “chat” tem suscitado discussões entre profissionais de inúmeras áreas do conhecimento, procuro desenvolver reflexões a respeito da produção lingüística e extralingüística dessa linguagem.

Em relação aos elementos lingüísticos, perguntamos: (i) quanto ao signo lingüístico, seria o caso do uso de novos significantes com um mesmo significado? (ii) Até que ponto a morfologia do “chat” afeta a sintaxe dos termos, das orações e dos períodos intra e entre enunciados? (iii) É possível compreender a mensagem de um texto apesar do uso da palavra cifrada? (iv) A criptografia é apanágio apenas dos internautas? (v) Qual a novidade que a criptografia virtual traz para a língua portuguesa? (vi) A linguagem em rede pode oferecer alguma contribuição para o ensino da língua?

Quanto aos elementos exteriores³ ao lingüístico, indagamos: (i) quantas vezes já ouvimos ou lemos em outro lugar as mesmas frases? (ii) O que torna tais discursos únicos, embora repetíveis? (iii) Existe originalidade nessas formas de

³ Esses elementos são discurso. Trata-se da própria língua em discursividade.

dizer? (iv) Os interlocutores têm certeza de que proferem pela primeira vez as palavras em seu discurso? (v) Quem são esses interlocutores? (vi) A que sujeito do discurso estão relacionados os interlocutores virtuais? (vii) O que faz esse sujeito ter a ilusão de domínio de seu discurso? (viii) Qual a importância da marcação de tempo nos enunciados/discursos desses interlocutores? (ix) Em que posição (lugar) se encontra o sujeito da cena enunciativa? (x) Do ponto de vista da AD3, existe alguma face explícita nessa interação eletrônica? (xi) Há transparência ou opacidade nesses enunciados/discursos? (xii) O que vem do exterior desses enunciados/discursos? (xiii) Quais são as formas paralingüísticas presentes no “chat” que suscitam tanta perplexidade na mídia? (xiv) Em que condições de produção são “proferidos” os enunciados/discursos do “chat”? (cf. item 4 desta dissertação).

Diante de tantos questionamentos, importa proceder ao desenvolvimento deste trabalho, com o propósito de confirmar ou refutar as hipóteses formuladas pela mídia e pelos estudiosos da linguagem e do comportamento humanos. Por outro lado, de acordo com os recursos oferecidos pela Teoria da Enunciação e da Análise de Discurso, formulados por Authier-Revuz, é possível enveredar-se por um caminho interpretativo imprevisível dos fenômenos lingüístico-comportamentais em nossa sociedade, face às incertezas características do humano no discurso.

CAPÍTULO II

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*O hardware, por si só, é um corpo sem vida. Não faz nada. O hardware é um suporte material à espera de uma alma. [...] E o que é a alma do computador? [...] Ela se faz com uma coisa que não pode ser medida ou pesada, coisa espiritual: **informação**. É com **informação** que se faz o software, a alma do computador.*

(ALVES, 2004, p.135)

Neste capítulo, está descrito o arcabouço teórico que, assim como um fanal, focaliza o objeto e orienta o desenvolvimento das análises realizadas no capítulo III. Ele constitui a estrutura, o corpo (*hardware*), sem o qual ficaria impossível desenvolver este trabalho. E preenchê-lo de alma e vida (*software*) é o meu propósito. Assim, os fundamentos teóricos expressam a estrutura física que tomará vida, nesta dissertação, com a fluidez natural das análises.

Apresento, portanto, uma revisão da literatura básica para este estudo, em que são elucidados e confrontados os pressupostos teóricos da Análise da Conversação e da Análise de Discurso. Feito isso, justifico a opção pela segunda em detrimento da primeira, para orientar a análise do *corpus*.

2.1 Goffman e Kerbrat-Orecchioni: conceitos auxiliares para análises etno-sociológicas

Goffman (2002a, 2002b) desenvolveu pesquisas na área da sociologia e Kerbrat-Orecchioni (2006), na da lingüística. Ambos, por abordarem a Socioligüística Interacional, podem ser entendidos como aliados nas pesquisas concernentes aos temas vigentes na sociedade tecnológica. Desse modo, as contribuições da Sociologia para os estudos lingüísticos podem ser consideradas como possíveis e até auxiliares, quando o pesquisador faz essa opção teórica.

Porém, advertimos para a concordância com Tannen (1992) apud Ribeiro e Garcez (2002, p. 8), ao afirmar que o pesquisador “poderá dar maior ou menor atenção ao fenômeno lingüístico *versus* o fenômeno interacional”, dependendo de seu interesse. Isto porque, conforme já enunciado, o caráter lingüístico é contemplado nesta pesquisa, pelas razões explicitadas no primeiro capítulo.

Além disso, a tendência, nesta dissertação, é de iluminar as análises pela via do quadro teórico de Authier-Revuz. Entretanto, propomos expor os conceitos interacionais, primeiramente, para mostrar as razões pelas quais preferimos adotar aqui as concepções teóricas da AD.

O estudo da organização social do discurso em interação admite os papéis ativos na elaboração da mensagem tanto do falante quanto do ouvinte. Admite também a definição do contexto como “criação conjunta de todos os participantes presentes ao encontro e emergente a cada novo instante interacional” (RIBEIRO; GARCEZ, 2002, p. 8).

Nessa perspectiva, os interactantes levam em conta vários fatores, dentre os quais, destacam-se os seguintes: (i) dados contextuais (quem fala para quem); (ii) referência (sobre o quê); (iii) espaço (em que lugar); (iv) tempo (em que momento); (v) maneira de os participantes sinalizarem e sustentarem o contexto interacional em curso.

Entendemos tais fatores como óbvios, para a Análise da Conversação, uma vez que representam os princípios dos estudos interacionais. Por outro lado, podemos verificar que eles não são do interesse da Análise de Discurso.

Posto isso, introduzimos as idéias de Goffman, para, em seguida, apresentar as de Kerbrat-Orecchioni, com o propósito de confrontá-las com as de Authier-Revuz e endossar a escolha teórica nesta pesquisa.

2.1.1 Erving Goffman, “A situação negligenciada” e “Footing”

Erving Goffman (1922-1982), sociólogo canadense radicado nos Estados Unidos, implementou os fundamentos da Sociolinguística Interacional por meio de dois artigos seminais (publicados, primeiramente, nos anos 1960), a saber: “A situação negligenciada” (1964) e “*Footing*” (1979).

Em “A situação negligenciada”, Goffman (2002a, p. 13-20) enfatiza a necessidade de os pesquisadores (lingüistas, sociolinguistas, antropólogos e sociólogos) atentarem para a situação social produzida na comunicação face a face. Com isso, propõe o exame da “situação social como cenário da pesquisa” (RIBEIRO; GARCEZ, 2002, p.13). Nesse caso, não basta correlacionar variáveis lingüísticas às sociais, tampouco analisar apenas os indicativos lingüísticos, mas considerar o elemento microssocial, situando “o estudo da ação social na interação, privilegiando as perspectivas dos atores – os participantes da situação social” (Ibid, p. 266).

Observando o item (v) exposto anteriormente (maneira de os participantes sinalizarem e sustentarem o contexto interacional em curso), a Análise de Discurso também se indaga sobre o como se produzem discursos, porém, contemplando a historicidade e o sujeito, assumindo, assim, um ponto de vista distinto do da Análise da Conversação.

Outra questão é contemplar os aspectos social e antropológico, dentro da história de qualquer atividade realizada pelo homem, tal como a fala, por exemplo, contemplando o caráter humano a ele pertinente.

Esse princípio cinde o paradigma da estabilidade científica quantitativa, elegendo, em seu lugar, a instabilidade qualitativa. Porém, a observância de determinados contratos, regras e acertos sociais ocorridos nos atos de fala, podem

ser quantificados (e essa quantificação, contemplada pela pragmática, é um item inadequado para a Análise de Discurso, que elege uma outra maneira de pensar).

Ainda em “A situação negligenciada”, Goffman afirma ser inegável a quantidade de variáveis sociais que produzem efeitos sistemáticos sobre o “comportamento lingüístico”. São elas: “idade, sexo, classe, casta, país de origem, geração, região, escolaridade; pressuposições cognitivo-culturais; bilingüismo” (RIBEIRO; GARCEZ, 2002, p. 13), entre outros. Tais fatores referem-se à “motivação correlacional”.

A partir dessa afirmação, propõe que se devam considerar duas correntes de análise: a “motivação correlacional”, acima explicitada, e a “motivação indicativa”.

A “motivação indicativa” corresponde aos indicadores no comportamento lingüístico caracterizados dentro da estrutura lingüística clássica: fonética, fonologia, morfologia e sintaxe, que são abordados neste estudo, porém, funcionando como entrada para a Análise de Discurso.

Ambas as motivações fazem emergir um problema que obriga o pesquisador a observar a situação social: o elemento negligenciado até então.

Também o gesto é um fator importante, sobre o qual Goffman (2002a, p.15) comenta:

O movimento da língua (em certos níveis de análise) é na verdade apenas uma das partes de um complexo ato humano cujo significado deve também ser buscado no movimento das sobrancelhas e da mão. No entanto, uma vez que nos dispomos a levar em consideração esses comportamentos gestuais, associados com o falar, mas que não podem ser capturados na escrita, nos confrontamos com dois graves empecilhos. Primeiro, apesar de o substrato de um gesto derivar do corpo de quem o executa, a forma do gesto pode ser intimamente determinada pela órbita microecológica na qual o falante se encontra. [...] Em segundo lugar, os gestos que um indivíduo utiliza como parte da fala são muito semelhantes aos gestos que utiliza quando quer tornar patente que não irá, de forma alguma, se envolver em uma conversa àquela altura.

Desse comentário, o autor conclui que, dependendo do nível de análise, não se pode separar o “estudo do comportamento enquanto se fala” do “estudo do comportamento dos que estão em presença uns dos outros mas que não estão engajados em falar” (Id., 2002a, p. 15).

O autor menciona empecilhos ainda maiores entre os indicadores na fala e os atributos sociais correlacionados à fala. Trata-se dos valores agregados a tais atributos que, não sendo sociais, também não são lingüísticos. São as inumeráveis questões correlatas à fala, consideradas como “situacionais”. Por exemplo: o locutor fala com um ou mais ouvintes? Fala-se com alguém em um mesmo local ou além? Trata-se de comunicação telefônica? Refere-se a uma ocasião formal ou informal? Profere-se a leitura de um “*script*” ou é uma fala espontânea? É uma situação de emergência ou de rotina?

Desse modo, os estudiosos interessados nas propriedades da fala, tanto quem examina o cenário físico no qual o falante executa seus gestos, ao falar, quanto quem analisa os correlatos lingüísticos na estrutura social, precisam olhar para a situação social como fator indispensável, não-negligenciável.

Mediante tal consideração, Goffman (2002a, p. 17) define situação social e comenta essa ocorrência como:

Um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão ‘presentes’, e para quem os outros indivíduos são acessíveis de forma semelhante. De acordo com essa definição, uma situação social emerge a qualquer momento em que dois ou mais indivíduos se encontram na presença imediata um do outro e dura até que a penúltima pessoa se tenha retirado.

Em seguida, são introduzidas as noções de “agrupamento” e “encontro”. Ambos dizem respeito à conduta, que constitui um atributo observado neste trabalho, no que tange às condições de produção do discurso.

O “agrupamento” refere-se ao coletivo de pessoas em situações variadas de divisão, silêncio, distância ou momentaneamente presentes, regidas por regras culturais de convivência que conduzem e organizam seu comportamento social. É uma combinação social com menor estruturação de conduta do que o “encontro”.

O “encontro” refere-se às “combinações sociais, de todos ou de alguns dos presentes, que pressupõem uma estruturação de conduta maior do que acontece em um mero agrupamento” (RIBEIRO; GARCEZ, 2002, p. 260). Trata-se de uma realização conjunta ou comprometimento de face entre pessoas em uma situação social. Ele é marcado por uma aproximação física dos comprometidos com o evento ou por um distanciamento dos descomprometidos, bem como pelo respeito a regras de início e término, entrada e saída e outras exigências de conduta.

Assim, um “agrupamento social” pode não compreender nenhum “encontro”, tratando-se apenas de um evento entre participantes descomprometidos ou pode compreender um “encontro” com as características acima descritas. São exemplificados como “encontros” os seguintes casos: “jogos de cartas, casais em um baile, equipes cirúrgicas durante uma operação e brigas de soco” (GOFFMAN, 2002a, p. 18).

É no tipo de encontro social dos exemplos acima mencionados que ocorre a fala. E o “ato de falar” deve remeter-se ao “estado de fala”, como um princípio. Por sua vez, o “ato de fala” é sustentado pelo “turno de fala”, envolvendo os co-participantes deste ato.

Então, de acordo com Goffman (2002a, p. 19), pode-se reconhecer a fala como um encontro social que respeita “quem fala para quem em que língua, [aliado a] um sistema de ações face a face mutuamente ratificados e ritualmente governados”.

Acrescentamos a sugestão do autor, ao mostrar dois casos de desvio de norma: o da comunicação em conluio (“footing”) e o dos fenômenos semelhantes à fala ao telefone, não havendo menção à interação eletrônica.

O desvio de norma seria um dado importante para as análises do *corpus* desta pesquisa, caso nossa escolha fosse substituir a fala ao telefone pela do “chat”. Porém, em virtude da impossibilidade de se aplicar a metodologia da Análise da Conversação aos textos analisados neste trabalho, não se pode fazer essa abordagem de acordo com Goffman.

Também, se considerássemos algum desvio, haveríamos de contemplar as alternativas paralingüísticas presentes no “chat” e ausentes na proposta de Goffman. Percebe-se que, embora expressa por meio lingüístico, a interação eletrônica lança mão de recursos paralingüísticos para compensar aqueles gestos, expressões faciais e sinais contextuais que envolvem os falantes na interação face a face. Com isso, ratifica-se a necessidade de adoção de outra abordagem teórica do *corpus* neste estudo, qual seja a da Análise de Discurso.

Em “*Footing*”, Goffman (2002b, p.107-148) tece observações basilares à Análise da Conversação do ponto de vista sociológico. Assim, ele desconstrói os conceitos de falante e ouvinte constituintes do paradigma tradicional da interação face a face, acrescentando-lhe elementos fundamentais, com o fito de aprofundar os preceitos teóricos que podem servir de suporte para o analista da conversação, mas não para o analista de discurso.

A partir da noção de “enquadre” (conceito segundo o qual estão presentes os elementos de sinalização na fala em interação, que devem ser interpretados pelos interactantes em qualquer elocução, para negociar as relações interpessoais, ou alinhamentos [ou “*footings*”], que constituem os eventos), formulada por Gregory Batson, Goffman desenvolve o conceito de “*footing*”, explicitado, a seguir, por Ribeiro e Garcez (2002, p. 109):

Footing representa o alinhamento, [ou] a postura, [ou] a posição, [ou] a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção. Passa, portanto, a caracterizar o aspecto dinâmico dos quadres e, sobretudo a sua natureza discursiva. [...] os *footings* dos participantes são sinalizados na maneira como eles gerenciam a produção ou a recepção das elocuições. [...] são introduzidos, negociados, ratificados (ou não), co-sustentados e modificados na interação. Podem sinalizar aspectos pessoais (uma fala afável, sedutora), papéis sociais (um executivo na posição de chefe de setor), bem como intrincados papéis discursivos (o falante enquanto animador de um discurso alheio).

Bem se pode notar a complexidade de um “*footing*”, já que ele agrega um somatório de elementos produzidos durante a fala em interação.

Portanto, ao investigar os “*footings*” de qualquer interação face a face, o analista deve considerar as seguintes noções: de alinhamento (relativo ao posicionamento físico, corporal dos interactantes ou ao posicionamento social, contextual destes); de postura ou posição (que pode ser física, objetiva ou não-física, subjetiva, psicológica e/ou social); de projeção do eu em relação ao outro, a si mesmo e ao discurso em construção (que envolve aspectos psicológicos, sociológicos, lingüísticos e antropológicos determinados pela cognição presente na interação).

É mencionada também a alternância de código (que se pode dar através de três modos dinâmicos: por pistas no canal, tais quais velocidade de enunciação das

frases, ritmo, maior número de pausas de hesitação, etc.; por mudança de nível de linguagem, i. e., do regional para o padrão; por deslocamentos de nível lingüístico pessoal) como um elemento importante observado por Gumperz J. J. apud Goffman (2002b, p. 112). Apresenta-se a seguinte descrição: “(1) discurso direto e indireto; (2) seleção de interlocutor; (3) interjeições; (4) repetições; (5) franqueza pessoal ou envolvimento; (6) informação nova ou velha; (7) ênfase; (8) separação de tópico e sujeito; (9) tipo de discurso (ex.: palestra e discussão)”.

A partir das observações acima, Goffman (2002b, p. 113) insere as “mudanças significativas de alinhamento entre falante e ouvintes” imbricadas à alternância de código, passando a ilustrar o que chamará de “*footing*”, através de suas mudanças, com o seguinte resumo:

1. O alinhamento, ou porte, ou posicionamento, ou postura, ou projeção pessoal do participante está de alguma forma em questão.
2. A projeção pode ser mantida através de um trecho de comportamento, que pode ser mais longo ou mais curto do que uma frase gramatical, de modo que a gramática frasal não será de grande ajuda, embora pareça claro que alguma forma de unidade cognitiva está minimamente presente, talvez uma “oração fonêmica”. Estão implícitos segmentos prosódicos, não segmentos sintáticos.
3. Deve ser considerado um *continuum* que vai das mais evidentes mudanças de posicionamento às mais sutis alterações de tom que se possa perceber.
4. Quanto aos falantes, a alternância de código está comumente presente e, se não está, estarão presentes ao menos os marcadores de som que os lingüistas estudam: altura, volume, ritmo, acentuação e timbre.
5. É comum haver, em alguma medida, a delimitação de uma fase ou episódio de nível “mais elevado” da interação, tendo o novo *footing* um papel liminar, servindo de isolante entre dois episódios mais substancialmente sustentados.

Em virtude dessa nova concepção teórica ora formulada por Goffman, fica impossível admitir-se a noção tradicional de falante e ouvinte, por isso ele propõe um

reexame dessa noção, com o propósito ousado de “analisar as sustentações estruturais das mudanças de *footing*” (GOFFMAN, 2002b, p.114).

Posto isso, o autor vai complexificando a relação falante e ouvinte até o ponto de criar uma ruptura com o paradigma tradicional da pragmática lingüística.

Desse modo, Goffman (2002b, p. 120), ao romper com os “limites diádicos da fala” e admitir “à cena os circunstantes e/ou mais de um interlocutor ratificado”, utiliza, como exemplo, interactantes em ambiente de trabalho, para introduzir o conceito de “comunicação subordinada” (“uma conversa na qual os protagonistas, o tempo e o tom estão organizados para se constituírem numa interferência perceptivelmente limitada”, por exemplo: fala informal em ambiente de trabalho, subordinada à da tarefa em andamento) e de “comunicação dominante” (correspondente à fala que envolve a tarefa de trabalho em andamento).

Portanto, há uma comunicação dominante, a partir da qual podem desenvolver-se inúmeros matizes comunicativos fora do tema da tarefa de trabalho em andamento: a comunicação subordinada.

Assim, passaremos a expor o número de elementos envolvidos na complexa “comunicação subordinada”, conforme o esquema na página seguinte.

COMUNICAÇÃO SUBORDINADA

Fala sem dissimulação

(marcadores gestuais distintos e padronizados)

1. Jogo paralelo (participantes ratificados)
2. Jogo cruzado (participantes ratificados e circunstantes além das fronteiras do encontro dominante)
3. Jogo colateral (murmúrios respeitosos trocados entre os circunstantes)

Fala com dissimulação

Conluio

- Dissimulação da comunicação subordinada.
- Simulação das palavras não ouvidas pelos excluídos como inócuas.
- Uso de palavras alusivas dirigidas a todos os participantes, mas entendidas apenas por alguns.

~

1. Jogo paralelo em conluio (dentro das fronteiras do encontro)
2. Jogo colateral em conluio (fora das fronteiras do encontro)



Insinuação

O falante, dirigindo-se ao interlocutor ratificado, encobre suas observações com um significado patente, mas possível de ser negado, cujo alvo é desabonar o interlocutor endereçado, um interlocutor não-endereçado ou um circunstante.

Estado aberto de fala

(“conversa subordinada a uma tarefa instrumental em andamento”)

Ocorre quando os participantes declinam de sua fala a qualquer momento, diante das exigências do trabalho, podendo retomá-la, sem a marca aparente do ritual. Esta é uma condição intermediária peculiar, sem ocorrência da participação ratificada e sem observação dos circunstantes. Instala-se esse **estado aberto de fala**, caracterizado por pausas e silêncios de duração variável, que serão interrompidos quando os participantes voltarem a falar.

Acrescente-se aos elementos precedentes a imagem transversal instantânea como ponto de partida para a análise de qualquer conversa. Esta seria uma espécie de recorte sobre os inumeráveis eventos nos atos de fala, i. e., o ponto de

referência, quando se examina um indivíduo específico a falar e/ou os participantes e circunstâncias.

Então, com base nessa imagem transversal instantânea, Goffman (2002b, p. 125) sugere a investigação do “status de participação” (que implica a relação de qualquer um dos membros com uma certa elocução) e da “estrutura de participação” (que implica a “relação de todas as pessoas no agrupamento com uma dada elocução para esse ou aquele momento de fala”). E esses mesmos termos podem ser empregados para toda a atividade na situação em si.

Na relação entre ouvinte (ou interlocutor) e falante (ou locutor), o segundo funciona como um “animador”, num papel analítico.

Assim, o falante pode ser: o “autor das palavras”; o “responsável”, no sentido jurídico de outorgante (pessoa que ocupa um papel ou identidade social específica); o “animador” (que deve ser interpretado no sentido meramente analítico e não como aquele que exerce um papel social). Desse modo, durante a fala, o mesmo indivíduo pode alterar o papel social que é percebido pela alternância de código.

Segundo Goffman (2002b, p. 135), “as noções de animador, autor e responsável, tomadas juntas, podem elucidar o formato de produção de uma elocução”. Então, pode dar-se uma simultaneidade de superposições de papéis.

E, para a análise das mudanças de “*footing*”, é preciso observar o delineamento da estrutura de participação e do formato de produção. Com isso, a Sociologia precisa do suporte da Lingüística, já que vai investigar o uso das palavras nas interações verbais.

Com relação ao “responsável”, analisar o formato de produção implica observar: (i) como uma elocução sem enfeites (sem adjetivo ou pronome pessoal) é ouvida (“ex.: uma diretiva: Feche a janela.; uma interrogativa: Por que aqui?; uma

declarativa: Começou a chover.; uma comissiva: O trabalho estará pronto até as três horas.”); (ii) que o “eu” imediato do animador pode ser chamado de “eu remetente”; (iii) que a dêixis em relação a tempo e lugar está geralmente presente; (iv) que a qualificação social determinada confere autoridade às palavras; (v) como representamos a nós mesmos enquanto falantes, usando um pronome pessoal (eu), na posição de uma “figura”, i. e., funcionando como agente, protagonista numa cena descrita, ou personagem; (vi) que há uma bifurcação comunicativa espacial: o universo sobre o qual se está falando e o universo no qual a fala ocorre (GOFFMAN, 2002b, p.137).

Esse formato de produção gera uma flexibilidade admirável, facultando a ocorrência de uma “figura” que se projeta, na conversa, para além do verdadeiro animador, através do uso de: (i) atenuantes e qualificadores na forma de verbos performativos (“eu gostaria, acho, poderia, espero”), cuja elocução condicional cria dupla distância; (ii) uma afirmação remediadora (ex.: “Opa! Eu me enganei...” ou “Eu quis dizer...”). [“Trata-se de uma figura que chega mais perto do indivíduo que anima a apresentação”]; (iii) um “me/mim” que, para incorporar o seu “eu”, precisa de um outro “eu”; (iv) um “eu” em posições distintas, por meio da repetição de uma ordem anterior ou de uma continuidade biográfica; (v) autores e responsáveis encaixados; (vi) 2ª ou 3ª pessoa em lugar da 1ª, provocando o efeito de contarmos o que uma outra pessoa disse (“citar o que ele/ela disse fica implícito, mas não proferido”) (GOFFMAN, 2002b, p. 138).

Do encaixamento ou ação encaixada (= projeções lúdicas), podem verificar-se as seguintes ocorrências: (i) versão satírica da elocução original; (ii) arremedo de sotaque ou dialeto projetando uma figura estereotipada; (iii) confirmação de nossas próprias palavras através de um adágio popular, invocando-se uma autoridade

anônima diferente de nós próprios; (iv) representações teatrais; (v) recitações; (vi) uso da fala em nome de figuras, tal como ocorre na socialização lingüística das crianças (GOFFMAN, 2002b, p. 140-141).

Por meio do elenco de possibilidades acima descritas pode dar-se a mudança de “*footing*”. Assim, mudamos nosso “*footing*” “quando, em vez de dizermos algo nós mesmos, optamos pelo relato do que o outro disse”; ou “quando mudamos do relato de nossos sentimentos atuais, ou sentimentos do “eu remetente” para sentimentos que já tivemos, mas que não mais endossamos; ou pela troca de código; ou quando o ouvinte também é personagem da história no caso de um relato de história. (GOFFMAN, 2002b, p. 141-142).

Assim sendo, no relato de história, a quebra de enquadre funciona com os seguintes propósitos: (i) para recapitulação da narração dirigida aos ouvintes recém-chegados; (ii) para incentivar os ouvintes a esperarem o desfecho; (iii) para fazer uma correção de algo já dito.

Finalmente, Goffman (2002b, p. 145) observa que “uma porção da conversa natural é laminada. [...] E cada aumento ou diminuição dessas superposições em camadas – cada movimento mais próximo ou mais afastado do “literal” – traz consigo uma mudança de “*footing*”.

Há que se destacar duas observações entre a proposta teórica de Goffman e Authier-Revuz, uma vez que ambos dizem respeito à alteridade e à heterogeneidade, de pontos de vista distintos.

Assim, quando se refere à recitação ou à leitura em voz alta, Goffman (2002b, p. 135) anuncia o princípio fundador da alteridade no interior da pragmática ao dizer:

Podemos falar abertamente *pelos* outros e *nas* palavras dos outros[...] não é possível afirmar que sempre falamos nossas próprias palavras e que assumimos nós próprios a posição atestada por elas.

E, em relação à heterogeneidade discursiva, Goffman (2002b, p. 141) ao comentar os encaixamentos múltiplos e a superposição de figuras na conversação, em nota de rodapé, faz a seguinte observação:

A criança adquire a capacidade de encaixar “outros” particularizados, os quais tomados juntos, formam um conjunto heterogêneo e acidental, uma engrenagem para elocuições e não uma equipe organizada.

Por essas duas citações finais, verificamos que Goffman e Authier-Revuz (cf. item 2.3) usam palavras semelhantes para significar conceitos distintos. Essa a razão pela qual não se devem mesclar teorias incompatíveis. E, mais uma vez, fica ratificada nossa opção metodológica trabalhada por Authier-Revuz, concernente à heterogeneidade mostrada (marcada e não-marcada) e à heterogeneidade constitutiva (de base psicanalítica lacaniana).

Finalmente, a voz de Maingueneu (1997, p. 32) confirma nossa escolha:

[A AD] é, com freqüência, reticente em relação à pragmática, por apresentar certas incompatibilidades no que tange aos seus próprios propósitos teóricos. A dificuldade gira essencialmente em torno da questão da subjetividade enunciativa: muitos trabalhos de inspiração pragmática repousam sobre as “intenções” de falantes cuja consciência seria transparente e a identidade estável, ultrapassando os diversos papéis que desempenham [...].

2.1.2 Catherine Kerbrat-Orecchioni e “A análise da conversação: princípios e métodos”

Catherine Kerbrat-Orecchioni (1943), doutora em lingüística, é especialista em pragmática, análise do discurso e análise das conversações. Em sua obra introdutória à Análise da Conversação (AC), ela explicita os modos de lidar com a

oralidade, estabelecendo a distinção entre as análises de textos escritos e as de textos orais.

Até bem pouco tempo, a lingüística se ocupava em observar a língua como um sistema abstrato, lidando com textos previamente selecionados para constituir um *corpus* homogêneo, monológico. Só recentemente, mediante a mudança de ponto de vista sobre a língua, é que se assiste à “reabilitação do empirismo descritivo e se reconhece a necessidade de conceder prioridade a *corpora* ‘autênticos’” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, orelhas). Então, “em vez de um ‘domínio’ homogêneo, convém falar de um ‘campo movente’ que atravessa diversas disciplinas [...], do que sobre a existência de um conjunto unificado de proposições descritivas.” (Ibid., p. 17).

Com essas palavras, a autora expõe a questão da heterogeneidade discursiva do ponto de vista pragmático.

Assim, o eixo de análise lingüística inverte seu caminho: “as construções teóricas são inteiramente postas a serviço dos dados e não o contrário”; e priorizam-se “os discursos orais e dialogados, considerados como a forma primordial de realização da linguagem” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, orelhas).

Quanto a essa assertiva, vamos observar que o *corpus* analisado nesta dissertação é distinto do proposto pela pesquisadora, já que o “chat” veicula textos mesclados entre a oralidade e a escrita. Desse modo, estamos de acordo com Maingueneau (1997, p. 46), quando, ao tratar da questão do ethos retórico (*o que revelam [os oradores] pelo próprio modo de se expressarem*), propõe:

[...] a AD deve recorrer a uma concepção de ethos que, de alguma forma, seja transversal à oposição entre o oral e o escrito. [...] Na realidade, mesmo os *corpora* escritos não constituem uma oralidade enfraquecida, mas algo dotado de uma “voz”. Embora o texto seja

escrito, ele é sustentado por uma voz específica: “a oralidade não é o falado”.

Ao introduzir a idéia de interlocução, a autora define os posicionamentos de falante e ouvinte no exercício da fala, indicando uma *alocução* (“existência de um destinatário fisicamente distinto do falante), uma *interlocução* (troca de palavras, diálogo ou comunicação face a face) e uma *interação* (exercício de uma rede de influências mútuas – “falar é trocar, e mudar na troca.”). (KERBRAT-ORECCHINI, 2006, p. 8).

É na interação que se dá a *validação interlocutória* através do engajamento mútuo dos falantes. O conceito de interação permeia a existência dos elementos componentes da comunicação: *emissor* (que indica estar falando com alguém, através de sinais e marcadores lingüísticos fáticos); *receptor* (que regula a escuta por expressões verbais e não-verbais); e *sincronização interacional* (que representa o “conjunto de mecanismos de ajuste que intervêm em todos os níveis do funcionamento da interação: o funcionamento dos turnos; os comportamentos corporais; a negociação na escolha de temas; o estilo da troca; o registro de língua; o vocabulário etc.”). (KERBRAT-ORECCHINI, 2006, p. 9-11).

Também há distinção entre as interações verbais, como a conversação, e as não-verbais, como as danças, os esportes coletivos etc. As interações verbais se apresentam com a seguinte tipologia: conversações familiares, de todos os gêneros; entrevistas; debates; transações comerciais; trocas didáticas, entre outros.

Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 13) sugere que o analista das interações deva fazer um inventário e determinar sua tipologia, por meio do seguinte critério: natureza do lugar; número e características dos participantes, objetivo da interação, grau de formalidade e estilo.

Desse modo, as conversações são regidas por regras de natureza diversa. “Algumas regras [...] valem para todos os tipos de interação e outras são específicas de um ou de outro ‘gênero’ particular”; são solidárias com o contexto; variam bastante, conforme as sociedades e as culturas; têm uma estrutura mais flexível que as regras da gramática das frases; são adquiridas progressivamente, evidenciando a inconsciência do falante em relação à existência delas. (KERBRAT-ORECCHINI, 2006, p. 14-5).

Esclarece que “o objetivo da análise conversacional é, primeiramente, explicitar essas regras que sustentam o funcionamento das trocas comunicativas de todos os gêneros” (Ibid, p. 14-5).

Observe-se, em tal assertiva, a distinção básica entre a AC e a AD, visto que a segunda não se detém em analisar estruturas lingüísticas, com o propósito de proceder a meras descrições quantitativas ou qualitativas de comportamento sociolingüístico. A propósito, esse posicionamento teórico prevê um sujeito intencional, cartesiano, enquanto o sujeito da AD é atravessado pelo inconsciente, é clivado, portanto, não-intencional.

A autora mostra um painel das diferentes correntes da AC, remetendo suas primeiras pesquisas aos anos 1970, conferindo-lhe um caráter científico. Desse modo, dada sua natureza transdisciplinar, divide essas diferentes correntes em quatro grandes tipos de enfoque: o “*psí*”, os *etno-sociológicos*, o *lingüístico* e o *filosófico*.

O enfoque de tipo “*psí*” (psicológico e psiquiátrico) é voltado para a ordem terapêutica, para sanar problemas de disfunções da relação conjugal, de crianças esquizofrênicas etc.

Os enfoques **etno-sociológicos**, mais importantes e variados, ficam assim subdivididos: *etnografia da comunicação*, *etnometodologia* e *outras abordagens sociológicas*.

A *etnografia da comunicação* surgiu em 1962, com Hymes, ao questionar o conceito formulado por Chomsky de que “falar é ser capaz de produzir e interpretar um número infinito de frases bem formadas” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 19). Para Hymes, além desse conceito, é preciso admitir-se que o falante também deva dominar “as condições de uso adequado das possibilidades oferecidas pela língua” (Ibid., p. 19). Assim, Hymes insere a idéia de que “saberes lingüísticos e saberes socioculturais estão inextricavelmente misturados” (Ibid. p. 19), e de que o bebê chomskyano estaria fadado à morte prematura, por usar frases gramaticalmente corretas, porém, fora de contexto.

A *etnografia da comunicação* também se interessa pelos fenômenos da *variação do código*, criticando a idéia de “comunidade homogênea” de Chomsky, pois a variabilidade lingüística deve ser interpretada como um aspecto positivo que marca a identidade do falante e a sua construção de relação interpessoal.

Outra linha de pesquisa da *etnografia da comunicação* é a das aplicações possíveis da reflexão teórica, i. e., aplicação da metodologia da AC em meios escolares, institucionais etc.

Finalmente, a *etnografia da comunicação* também pode adotar um procedimento *indutivo* e “*naturalista*”, ou seja, pode observar os eventos de comunicação no seu meio natural, através de uma exaustiva pesquisa de campo.

A *etnometodologia*, fundada por Garfinkel, no início dos anos 1960, descreve os métodos – procedimentos, saberes e técnicas – individuais que as pessoas utilizam na comunicação cotidiana. Considerando as características desse enfoque,

o interesse dos partidários da AC é “a ‘tecnologia da conversação’, tal como ela pode ser reconstituída a partir da minuciosa observação de amostras gravadas.” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 22).

As *outras abordagens sociológicas* dizem respeito aos trabalhos sociolinguísticos de W. Labov, J. Fishman, S. Ervin-Tripp e, sobretudo, de E. Goffman. Este último, embora não tenha fundado escola alguma, está presente em todas as teorias interacionistas, em virtude de ser considerado o primeiro pesquisador a formular conceitos, estabelecer observações e propor sugestões teóricas de valor inestimável para o desenvolvimento do “estudo etológico das comunicações da vida cotidiana.” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 23). Essa é a razão pela qual apresentamos, neste estudo, um breve painel das reflexões de Goffman (cf. item 2.1.1).

Quanto ao enfoque *lingüístico*, a autora ressalta que, embora a lingüística tenha se interessado pelo empirismo descritivo das interações verbais tardiamente, a partir dos anos 1980, ela recuperou o tempo perdido, pelo fato de muitos lingüistas terem aderido a um novo olhar sobre os textos.

Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 24) cita a “Escola de Genebra” e os trabalhos desenvolvidos em Paris, Lyon, Rouen ou Aix-eu-Provence como exemplo de localidades onde as pesquisas interacionistas do grupo francófono se estabeleceram.

O enfoque *filosófico* influencia todos os modelos conversacionais com a noção de “atos de fala” formulada por J. L. Austin e J. Searle, pensadores da filosofia analítica anglo-saxônica. Para eles, na concepção pragmática do discurso, “dizer é fazer”.

Ainda dentro dessa abordagem filosófica, nasceram as seguintes noções de: (i) “jogo de linguagem” desenvolvido por Wittgenstein; (ii) “máximas conversacionais” (de qualidade, de quantidade, de relação e de modalidade) formuladas por H. P. Grice; (iii) “definição de uma canônica do diálogo” e das “condições de possibilidade da comunicabilidade, em geral”, trabalhadas por F. Jacques, principal representante do enfoque *filosófico* do diálogo. Ao lado de uma “reflexão de alcance ‘metateórico’, [ele] propõe [...] um certo número de ferramentas [...] úteis na descrição e na tipologia dos diálogos.” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 24).

A autora destaca o **contexto**, o **material**, o **sistema de turnos de fala**, a **organização estrutural das conversações**, a **relação interpessoal** e a **polidez** como fatores essenciais a serem investigados pelo analista.

Do **contexto** (= situação comunicativa sob a forma de representação), devem observar-se os seguintes elementos: a) o *lugar* (*quadro espacial* e *quadro temporal*); b) o *objetivo* (*global*, ex.: “consulta médica”; *objetivos pontuais*, ex.: “os diferentes atos de fala realizados durante o encontro”; *tipo de interação*, com *finalidade externa*, ex.: compra, obtenção de informação etc., e *finalidade relacional* (*gratuita*), implicando falar por falar ou garantir a manutenção do laço social); c) o *número dos participantes*, classificado como *face a face*, *triálogo* e *poliálogo*; suas *características individuais*, subdivididas em idade, sexo, profissão, posição social, traços de caráter etc.; suas *relações mútuas*, compreendendo o grau de conhecimento e a natureza do laço social e afetivo.

Ainda dentro do *contexto*, deve observar-se o *quadro participativo*, que fica assim estabelecido: a) os *papéis interlocutivos*: emissor(es) e ouvinte(s), que representam configurações elocutivas em constante permuta, mudança durante a interação; b) os *diferentes tipos de receptores*: participantes “reconhecidos”, e

simples espectadores (receptores “ocasionais”, “espiões”, com os quais ocorre uma complexa gama de trocas entre o locutor e os destinatários diretos (ou alocutários) e indiretos (ou laterais), nos triálogos e poliálogos; c) o *tropo comunicacional*, considerado “um estratagema enunciativo no qual um alocutário pode esconder um outro; ou seja, pode ocorrer que o destinatário ‘certo’ não seja aquele que os marcadores utilizados para esse fim selecionam [...]”. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 30); d) os *papéis interacionais*: contrários à mobilidade dos *papéis interlocutivos*, que “[...] se caracterizam [...] por sua relativa estabilidade ao longo da troca, porque estão diretamente ligados ao tipo de interação em curso – exemplos [...]: médico/paciente, professor/aluno, vendedor/cliente, especialista/leigo, entrevistador/entrevistado etc.” (Ibid, p. 31-2).

Procedendo a um balanço sobre o *contexto*, a autora comenta que, quanto ao seu papel, este pode ser compreendido em relação à *produção* (que determina as escolhas do falante, tais como: seleção de temas, formas de tratamento, nível de língua, atos de fala etc.) e em relação à *interpretação dos enunciados pelo receptor* (em que há identificação dos significados do discurso dirigido).

Além disso, é preciso que o analista tenha a noção de *contexto pertinente* (idade, sexo, cor dos olhos etc.) e dos *índices de contextualização*.

Analisando as relações do *contexto* e o *texto conversacional*, observa que se trata de uma relação dialética. O contexto é dado na abertura da interação e construído durante a interação verbal. A situação é definida e redefinida incessantemente. “O discurso é uma atividade, ao mesmo tempo, **condicionada** (pelo contexto) e **transformadora** (desse mesmo contexto).” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 35).

O **material** corresponde aos diferentes sistemas semióticos que constituem as construções coletivas das conversações feitas de palavras, silêncios, entonações, gestos, mímicas e posturas. Ele se subdivide em *material verbal*, derivado da língua (unidades morfológicas, lexicais e morfossintáticas); *material paraverbal*, transmitido pelo canal auditivo (*prosódico* e *vocal*: entonações, pausas, intensidade articulatória, elocução, particularidades da pronúncia, características da voz); *material não-verbal*, transmitido pelo canal visual (os *signos estáticos*: rugas, bronzeamento da pele, roupas, acessórios, aparência étnica e sociocultural, idade, sexo etc; os *cinéticos lentos*: distâncias, atitudes e posturas; e os *cinéticos rápidos*: jogos dos olhares, mímicas e gestos).

Os risos e soluços se inscrevem entre as categorias *paraverbais* e *não-verbais* por serem de natureza auditiva e visual.

Em suma, quanto ao *material*, Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 42) conclui que:

A comunicação oral é **multicanal** e **plurissemiótica**. [...] Esses diferentes canais (auditivo e visual, sem falar das comunicações tátil e olfativa) e esses diferentes tipos de unidades semióticas (verbais, paraverbais e não-verbais) são complementares. Enquanto a função **referencial** tende a ser assegurada sobretudo pelo material verbal, bem como a função **metacomunicativa** (sob sua forma explícita, pelo menos), as funções **expressiva** e **fática** repousam principalmente sobre os elementos paraverbais e não-verbais.

O **sistema dos turnos de fala** diz respeito às condutas ordenadas das práticas comunicativas, que são desenvolvidas segundo alguns esquemas preestabelecidos e obedecendo a certas regras.

Assim, as regras ficam estabelecidas em três grandes categorias distintas: 1^a) as que permitem a gestão da *alternância dos turnos de fala*; 2^a) as que regem a *organização estrutural da interação*; 3^a) as que intervêm no nível da *relação*

interpessoal. Todas elas criam entre os interactantes um sistema de direitos e deveres, ou seja, de expectativas, já que as regras da conversação podem ser transgredidas e são bastante flexíveis.

O *princípio de alternância* constitui o fundamento da atividade dialogal, resumida pela fórmula *ababab*, assim comentada: a) *a função locutória deve ser ocupada sucessivamente por diferentes atores*, de acordo com um “equilíbrio relativo da duração dos turnos” e “um equilíbrio também absolutamente relativo da ‘focalização’ do discurso, que deve se centrar em F_1 e F_2 ”; b) *uma única pessoa fala por vez* (através de *negociação explícita*, recorrendo a um enunciado metacomunicativo: “Deixe-me falar, por favor” ou por *negociação implícita*, quando “um dos falantes abdica em proveito do outro”; c) *há sempre alguém que fala*, considerando que os “intervalos de silêncio entre os turnos (*gaps*) devem ser reduzidos ao mínimo”. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 48).

A regulação da alternância ocorre para evitar a sobreposição. Esse revezamento pode dar-se quando há um distribuidor oficial (presidente de sessão, mediador de debate etc.) ou quando a mudança de turno é negociada pelos próprios participantes. Com isso, dois itens devem ser observados: o momento da mudança de turno e quem tomará o turno.

A *instauração da mudança de turno* se efetiva em um ponto de transição possível (*lugar transicional*) através de (i) *sinais de natureza verbal* (“completude sintático-semântica do enunciado, ou natureza do ato de fala”, tal como perguntas; morfema conclusivo: “bom”, “é isso”, ou expressão fática: “hein?”, “não?”); (ii) *sinais prosódicos* (“curvatura da entonação, redução da velocidade da elocução, queda da intensidade articulatória, depois da pausa”); (iii) *sinais de natureza mímico-gestual*. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 47).

A *natureza do “sucessor”* fica evidenciada conforme as técnicas, à disposição, que são utilizadas para se ceder a palavra. Isso acontece com o uso de procedimentos verbais (nominção explícita, por exemplo) ou não-verbais (direção do olhar, postura etc.).

Como as regras de alternância são freqüentemente frouxas, podem ser detectadas falhas no sistema de turnos, atribuídas ao *fracasso involuntário* (por negligência) ou à *violação deliberada* das regras. Essas disfunções dependem de quatro fatores: *silêncio prolongado entre dois turnos* (ou *gaps*); *interrupção* (voluntária ou não); *superposição de fala*; *intrusão* (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 49-51).

A ***organização estrutural das conversas*** aborda a questão da gramática das conversações. Desse modo, uma conversação também está submetida a alguns princípios de coerência interna, obedecendo a regras de encadeamento sintático, semântico e pragmático.

Então, em um primeiro nível de análise, mais superficial, a alternância de turnos deve ser o foco de observação; em um segundo nível, mais profundo, verifica-se como se estabelece a gramática das conversações.

Consideram-se o *engajamento*, através do comportamento não-verbal, e os *enunciados*, que devem ser mutuamente determinados. Assim, “uma conversação é um tipo de ‘texto’ produzido coletivamente, no qual todos os fios devem de certo modo se enlaçar – sendo que a falta de seu enlace torna a conversação [...]”descosturada”. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 53).

A gramática das conversações pode ocorrer em dois níveis: 1^o) *global*, em que se constitui o cenário (*script*), conforme o tipo de interação; 2^o) *local*, em que se

estuda como se efetua o encadeamento (explícito ou implícito) dos diálogos, passo a passo.

Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 54) cita o seguinte exemplo de encadeamento explícito e implícito: “Parece que esse filme é interessante – Eu já o vi. (Explicitamente: asserção/asserção. Implicitamente: proposição/recusa da proposição)”.

Assim sendo, a autora passa a examinar o *modelo hierárquico*, que considera, ao mesmo tempo, a organização *global e local* em AC.

De um modo geral, o *modelo hierárquico* da interação é baseado nos preceitos estruturalistas, que desenvolve o procedimento de análise desde as unidades menores (fonemas), passando pelas intermediárias (morfemas, palavras, sintagmas, frases), até as unidades maiores (textos). Posto isso, descreve, de forma simplificada, o coerente e sofisticado modelo hierárquico elaborado pela “Escola de Genebra” (E. Roulet et al.).

Considerando as cinco unidades pertinentes à descrição da organização das conversações, Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 55) mostra o esquema abaixo:

Unidades dialogais	→ Interação (“encontro”, “eventos de comunicação”; caso particular: conversação → Seqüência (ou “episódio”) → Troca
Unidades monologais	→ Intervenção → ato de fala

Lendo o esquema de baixo (unidades mínimas de análise) para cima (unidades máximas de análise), os atos de fala combinados constituem as intervenções e os dois juntos são produzidos por um único falante. Quando há intervenção de dois falantes, pelo menos, há troca. Ao se combinarem, as trocas

constituem as seqüências. As seqüências se combinam para constituir as interações. Este é o princípio do modelo hierárquico, baseado na teoria dos níveis.

Em suma, os cinco níveis ficam constituídos por: (i) interação: por definição, é a unidade de nível superior que se decompõe em seqüências. Toda interação se subdivide em seqüência de abertura, corpo da interação e seqüência de conclusão; (ii) seqüência: é “um bloco de trocas ligadas por um forte grau de coerência semântica e pragmática”; (iii) troca: é definida como a menor unidade dialogal, considerando, pelo menos, dois participantes. Se ela é constituída por duas intervenções, chama-se *par adjacente*. Nesse par, a primeira intervenção é chamada *iniciativa* e a *segunda, reativa*. Quando a troca é iniciada por uma pergunta, há uma terceira intervenção, chamada *avaliativa*; há também as *trocas estendidas* para mais de três intervenções; (iv) intervenção: produzida por um único falante, constitui a sua contribuição na troca; entre os turnos de fala, ela pode se apresentar com uma saudação simétrica, seguida de pergunta-resposta e pergunta-resposta; (v) ato de fala: na tradição pragmática, dizem respeito a *dizer é fazer várias coisas ao mesmo tempo* ou *dizer é fazer uma coisa sob a aparência de outra* (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 74): pergunta, pedido, promessa, desculpas etc. adaptados às realidades conversacionais.

No que concerne à **relação interpessoal**, a definição de que toda interação verbal é uma “seqüência de eventos, cujo conjunto constitui um ‘texto’, produzido coletivamente num contexto determinado” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 62) não basta para a AC. É preciso que o analista também esteja atento a “uma ação que afeta (altera ou mantém) as relações consigo e com o outro numa comunicação face a face” (LABOV. W.; FANSCHER D. apud KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 62).

Então, após a descrição das relações entre os constituintes do texto conversacional, é preciso descrever também as relações que se constroem entre os interlocutores durante a interação.

Dentre os inúmeros aspectos do nível relacional, a autora mostra o tipo de *distância* entre os interactantes, que pode ser *horizontal* ou *vertical*, e destaca o funcionamento da *polidez* como um “novo domínio de investigação” (Ibid. p. 77), derivado das observações pertinentes ao relacionamento interpessoal nas conversações.

A *relação horizontal*, de natureza simétrica, é caracterizada pela graduação de distância ou familiaridade e intimidade entre os parceiros em presença. Nessa forma de relação, observam-se: (i) os dados *externos* (ou contextuais), i. e., o tipo de laço socioafetivo; (ii) os dados *internos*, detectados no número de signos (não-verbais, paraverbais e verbais) trocados durante os eventos; (iii) a *negociação* dos participantes durante a interação, através da manipulação de *relacionemas* (= indicadores e construtores da relação interpessoal, constituintes do contexto, distribuídos em não-verbais, paraverbais e verbais).

Assim, para o analista, os fatores contextuais mais importantes são: a) o nível de conhecimento entre os interactantes; b) a natureza do laço socioafetivo; c) o grau de formalidade da situação comunicativa.

Os *relacionemas horizontais* são detectados pelos marcadores não-verbais (dados proxêmicos, indicadores da distância psicossocial), os gestos e a postura (indicadores visuais de maior ou menor intimidade). Os marcadores paraverbais são identificados pela intensidade articulatória e o timbre de voz, e pela elocução acelerada ou retardada, para indicar situação familiar ou formal respectivamente. E

os marcadores verbais são manifestados nos pronomes de tratamento (você/senhor(a)) e nos nomes de tratamento (José/Zé; caro amigo/querido).

Ao contrário da *relação horizontal*, a *relação vertical* é de natureza *dissimétrica*. Também funcionando em dimensão gradual, a relação de distância implica fatores internos e externos simultâneos. É caracterizada pelas desigualdades etárias, sexuais, de *status*, intelectuais etc.

Os *relacionemas verticais* são denominados *taxemas* e se subdividem em *taxemas de posição alta* e *taxemas de posição baixa*.

Entre os principais *taxemas*, destacam-se dos marcadores não-verbais a aparência física e o modo de vestir, a organização do espaço comunicativo, e as posturas (de domínio ou humildade); dos marcadores paraverbais, a intensidade vocal e o tom; e dos marcadores verbais, as formas de tratamento no seu uso recíproco (ex.: você, ocupando a posição alta *versus* senhora, ocupando a posição baixa), os aspectos quantitativos (o que mais fala domina a conversação) e qualitativos (intrusão e interrupção como *taxemas de posição alta*) na organização dos turnos de fala, o nível das iniciativas na organização estrutural da interação, e, finalmente, os atos de fala produzidos durante a interação (“ordem, proibição, autorização, conselho, crítica, reprovação, refutação, escárnio, insulto etc.” colocam o locutor em posição alta; “pedido de desculpas, confissão, retratação, autocrítica etc.”, colocam o interlocutor em posição baixa). (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 71-3).

A ***polidez***, elemento constituinte do relacionamento interpessoal, conforme citado anteriormente, pelo fato de exercer grande pressão sobre a produção dos enunciados, tem sido amplamente considerada como fator imprescindível na descrição eficaz das conversações.

O estudo da *polidez* surgiu no final dos anos 1970, como um novo domínio de investigação, com os pesquisadores R. Lakoff, G. Leech, P. Brown e S. Levinson. Dentre esses, destacam-se os dois últimos, criadores do modelo teórico de *polidez lingüística*. São eles os responsáveis pelo “quadro referencial mais sofisticado, produtivo e célebre” da polidez lingüística. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 77).

O modelo teórico de Brown e Levinson concebe a *polidez* a partir da noção de “face” instituída por Goffman e outros. Os primeiros ampliam essa concepção para a idéia de “território”.

Em resumo, esse modelo implementa seus conceitos por meio de quatro noções basilares: (i) a noção de “face”: estabelece que “o indivíduo possui duas faces, uma negativa (que Goffman descreve como ‘territórios do eu’, atrelado a corpo, espaço, tempo, bens materiais ou saberes secretos) e uma positiva (que corresponde ao narcisismo e às imagens construídas e impostas pelos interlocutores durante a interação); (ii) a noção de “FTA” (*Face Threatening Act* = “atos que ameaçam as faces”): considerando o princípio de que, entre dois participantes, quatro faces se põem em presença e os atos de fala se dividem em quatro categorias: 1) atos que ameaçam a face negativa do emissor; 2) atos que ameaçam a face positiva do emissor; 3) atos que ameaçam a face negativa do receptor; 4) atos que ameaçam a face positiva do receptor. “As categorias 1 e 2 remetem aos atos autoameaçadores” e um mesmo ato pode inscrever diversas categorias simultaneamente. (iii) a noção de “face want” (desejo de preservação das faces); (iv) a noção de “face work” (para Goffman, “figuração”; para Brown e Levinson, “estratégias de polidez”).

A noção de face se sobrepõe à noção de “FTA” e de “*face want*”, de modo contraditório. A contradição está em admitir-se a face como alvo de ameaças e desejo de preservação ao mesmo tempo, gerando certa paranóia.

Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 81-3) critica o modelo de Brown e Levinson comentando que, embora produtivo “na perspectiva de uma teoria da polidez lingüística”, seus idealizadores “reduzem demais a polidez à sua forma negativa” [...], potencializando os atos de fala ameaçadores em detrimento dos valorizantes (elogios, agradecimentos, votos). Assim, a autora aperfeiçoa o modelo ameaçador dos *FTAs*, introduzindo a noção de *anti-FTA* ou *FFA* (*Face Flattering Acts* = atos de fala que são o lado positivo das *FTAs*). Assim, ela esclarece as noções de polidez negativa e positiva afirmando que “**a polidez negativa é de natureza abstencionista ou compensatória** [...] que **a polidez positiva é, ao contrário, de natureza produtiva e [...] ocupa, de direito no sistema global, um lugar tão importante quanto a polidez negativa [...].**”

Inscrevem-se como *polidez lingüística negativa* os suavizadores (*softeners*) *substitutivos* (pela formulação indireta do ato de fala: substituindo a forma imperativa por uma pergunta, fazendo uma pergunta equivalente à reprovação, confessando incompreensão; por outros procedimentos substitutivos: utilizando *desatualizadores modais*, como o condicional, *temporais*, como o passado de polidez e *persoais*, usando a voz passiva analítica ou pronominal; o *lítotes* ou o *eufemismo*) e os *suavizadores acompanhantes* ou *subsidiários* (utilizando um enunciado preliminar consagrado como *pré-*, nas interpelações, críticas, perguntas e convites; por meio de reparações evidenciadas no pedido de desculpas e na justificação; pelo uso de *minimizadores*, *modalizadores*, *desarmadores* e *moderadores*) (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 85-91).

A *polidez lingüística positiva* se efetiva nas comunicações de caráter “antiameaçador” para seu destinatário. É mais simples do que a polidez negativa e se manifesta como “acordo, oferta, convite, elogio, agradecimento, fórmula votiva, fórmula de boas-vindas etc”. Ela se exprime lingüisticamente sob o modo superlativo (ex.: muitíssimo obrigado), litotizando os enunciados impolidos (ex.: “Está um pouquinho salgado pro meu gosto”) ou hiperbolizando os enunciados polidos (ex.: “Está absolutamente delicioso”), produzindo o efeito respectivo de apreciação negativa e apreciação positiva.

Enfim, Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 93-4) afirma que

O nível da “relação” é tão importante quanto o do “conteúdo”; [...] as regras da polidez merecem ser incorporadas à caixa de ferramentas dos lingüistas; [...] a polidez é um conjunto de procedimentos que o falante utiliza para poupar ou valorizar seu parceiro de interação; [...] a polidez é a norma.

Todos os fatos observados nas conversações, além de serem bastante fluidos e variados, estão submetidos à variação cultural, o que permite ao analista examinar o comportamento lingüístico dos falantes pelo recorte social, a fim de traçar o “perfil comunicativo” ou o “**ethos**” (a maneira de se comportar e de se apresentar na interação) da comunidade em estudo. Desse modo, Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 119-126) estabelece alguns princípios gerais para formular uma “tipologia dos estilos comunicativos” fundamentada em **“uma tipologia das sociedades, consideradas sob o ângulo de seu comportamento na comunicação”**.

Trata-se de uma fecunda proposta de análise fundamentada nos princípios sociointeracionistas que prevê um sujeito intencional, que utiliza estratégias destinadas a atingir objetivos de forma consciente. Sobre isso, acrescenta Mainueneau (1997, p. 33):

Esta instância de subjetividade enunciativa possui duas faces: por um lado, ela constitui o sujeito em sujeito de seu discurso, por outro, ela o assujeita. Se ela submete o enunciador a suas regras, ela igualmente o legitima. [...] Uma tal concepção opõe-se a qualquer concepção “retórica”: aquela que coloca dois indivíduos face a face e lhes propõe um repertório de “atitudes”, de “estratégias” destinadas a atingir esta ou aquela finalidade consciente.

Enfim, o que se observa nessa descrição metodológica de Kerbrat-Orecchioni é a retomada e o aprofundamento de inúmeros itens interacionais fundados e discutidos por Goffman. Ressalte-se também que os procedimentos adotados pela AC nada têm em comum com os adotados pela AD, pelo fato de cada qual se constituir a partir de distintos pontos de vista.

Por todos os motivos pontuados à medida que explanamos o quadro teórico de Goffman e Kerbrat-Orecchioni, acreditamos ter sido possível defender os fundamentos da AD neste trabalho.

2.2 Quadro teórico de Authier-Revuz

A abordagem desse fenômeno permite “surpreender”, no fio do discurso, a construção dos objetos discursivos, dos acontecimentos e dos lugares enunciativos, razão pela qual sua proposta vem sendo amplamente utilizada não só no âmbito da descrição de fatos da língua, como no âmbito de análises de discurso voltadas para processos de subjetivação, movimentação do sujeito na cena enunciativa, instituição do sujeito pelo outro.

(Marlene Teixeira, 2004)

2.2.1 Escorço histórico da Análise de Discurso e inserção contextual de Jacqueline Authier-Revuz

Na França, aproximadamente em 1965, com Jean Dubois (lingüista) e Michel Pêcheux (filósofo), nasce o projeto da Análise de Discurso. O ponto comum entre a Lingüística e a Filosofia é o estudo do discurso marxista no movimento político francês, “partilhando convicções sobre a luta de classes, a história e o movimento

social” (MUSSALIM, 2001, p. 102). Sobre isso, informa-nos Maingueneau (1997, p. 10-11):

A conjuntura intelectual é aquela que, nos anos 60, sob a égide do estruturalismo, viu articularem-se, em torno de uma reflexão sobre a “escritura”, a lingüística, o marxismo e a psicanálise. A análise do discurso na França é, sobretudo, – e isto desde 1965, aproximadamente – assunto de *lingüistas* [...], mas também de *historiadores* [...] e de alguns *psicólogos* [...].

.....
A análise do discurso depende das ciências sociais e seu aparelho está assujeitado à dialética da evolução científica que domina este campo.

A voz de Maingueneau, mesclada à de Pêcheux, mostra o desafio que a AD se propõe de interpretar textos de um modo diferente do realizado até então. Observam-se daí as *condições de produção*⁴ sob as quais os textos⁵ são elaborados.

Tendo em vista as três fases da AD, segundo Pêcheux (1993), a posição teórica da AD1 caracteriza-se ainda pela influência do estruturalismo e, desse modo, sua metodologia se orienta para um *corpus* fechado de textos políticos de arquivos selecionados “num espaço discursivo supostamente dominado por *condições de*

⁴ De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 114), a noção de *condições de produção* pode ser entendida por duas vertentes: (i) a da Escola Francesa de Análise de Discurso e (ii) a da Teoria da Comunicação. Portanto, esse verbete coexiste em ambos os quadros teóricos: o da Análise de Discurso e o da Pragmática. Neste trabalho, enfatizamos seu uso segundo a AD, a partir da noção apresentada por Pêcheux (1969) e conceituações subseqüentes. Assim, para a AD, esse termo se fundamenta na expressão marxista *condições econômicas de produção*, sob a “hipótese de que a um estado determinado das condições de produção (discursivas) correspondem invariantes semântico-retóricas, estáveis, no conjunto dos discursos suscetíveis de serem produzidos”. Portanto, o analista reúne vários textos em função de suas hipóteses sobre a estabilidade de suas condições de produção. Porém, “a correlação muito mecanicista entre o discurso e as classes sociais foi criticada pelos especialistas da microssociologia das interações”, sob a influência de Michel Foucault, cedendo lugar “a uma visão mais complexa das instituições discursivas e da relação entre o interior e o exterior do discurso”. Ver também a reflexão que Rocha e Deusdará (2005) desenvolvem sobre o termo *condições de produção*.

⁵ Segundo Orlandi (2004, p. 54), a distinção texto/discurso está na seguinte relação: “do ponto de vista de sua apresentação empírica, [o texto] é um objeto com começo, meio e fim, mas que, se considerado como discurso, instaura-se sua incompletude. Assim, na perspectiva do discurso, o texto não é uma unidade fechada, por ter “relação com outros textos (existentes, possíveis, imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer)”.

produção estáveis e homogêneas [...], por exemplo, discursos políticos sob a forma de discursos teórico-doutrinários”. O sujeito é tratado como estrutura, daí, “os sujeitos acreditam que ‘utilizam’ seus discursos quando na verdade são seus ‘servos’ assujeitados, seus suportes”. Em suma, quanto à alteridade, “a existência do *outro* está, pois, subordinada ao primado do *mesmo*” (máquina estrutural).

De acordo com Mussalim (2001, p. 103-6), é desse ponto de vista que Pêcheux instituiu a noção de *maquinaria discursivo-estrutural*, criando a *Análise Automática do Discurso* (AAD), em 1969, posição teórica que ainda não rompe com o estruturalismo, por motivos óbvios, pois justapõe as estruturas discursivas da maquinaria de forma homogênea, sob a influência da *metáfora marxista do edifício social* instituído por Althusser: a base econômica implica a infra-estrutura, enquanto as instâncias político-jurídicas e ideológicas implicam a superestrutura, donde a infra-estrutura determina e superestrutura. Portanto, a base econômica determina o funcionamento das instâncias político-jurídicas e ideológicas. O aparelho repressivo de estado e os aparelhos ideológicos de estado estruturam-se e agem por meio de práticas discursivas, subordinadas ao funcionamento da ideologia dominante.

Já a AD2 não admite mais as relações justapostas entre as máquinas discursivas estruturais. De acordo com Pêcheux (1993), “a noção de *formação discursiva* (FD) tomada de empréstimo a Michel Foucault, começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada [...], uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar.”

Embora se instaure, nessa fase, a noção do *interdiscurso*⁶, para Pêcheux, dois problemas se apresentam como um impasse para a AD2: “o sujeito da enunciação permanece assujeitado”, conforme ocorre na AD1, e os “pontos de confronto polêmico nas fronteiras internas da FD [...]” fazem surgir “uma espécie de vacilação discursiva que afeta dentro de uma FD as seqüências situadas em suas fronteiras, até o ponto em que se torna impossível determinar por qual FD elas são engendradas”. Em suma, conforme Pêcheux (1993, p. 315),

Do ponto de vista dos procedimentos, AD2 manifesta muito poucas inovações: o deslocamento é, sobretudo, sensível ao nível da construção dos *corpora* discursivos, que permitem trabalhar sistematicamente suas influências internas desiguais, ultrapassando o nível da justaposição contrastada.

Insurge a AD3 em busca de novos procedimentos analíticos, já que se passa à desconstrução das maquinarias discursivas. Assim, Pêcheux (1993, p. 315-18) indica “alguns fragmentos de construções novas”, a partir deste período de “interrogação-negação-desconstrução”. Mostra-nos, então, (a) *alguns pontos de referência* e (b), *sobretudo, muitos pontos de interrogação*. Dentre os pontos de referência, ele destaca que: (i) “o primado teórico do *outro* sobre o *mesmo*, é confirmado pela existência das “máquinas paradoxais”; (ii) “o procedimento da AD por etapas, em ordem fixa, explode definitivamente”, por dois meios: “através da desestabilização das garantias sócio-históricas” e através da alternância de “momentos de *análise lingüística* e de momentos de *análise discursiva*”, o que

⁶ Segundo Orlandi (2005, p. 94-5), “o interdiscurso (memória) determina o intradiscurso (atualidade)”. Partindo do princípio de que “todo texto é heterogêneo, do ponto de vista de sua constituição discursiva”, verifica-se que ele é “atravessado por diferentes formações discursivas, ele é afetado por diferentes posições do sujeito, em sua relação desigual e contraditória com os sentidos, com o político, com a ideologia”. Assim, “a relação do sujeito com a memória se materializa na relação [respectiva] sujeito/autor, discurso/texto”. Para Pêcheux apud Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 287), “a formação discursiva não pode produzir o ‘assujeitamento’ ideológico do sujeito do discurso a não ser na medida em que cada formação discursiva está de fato dominada pelo interdiscurso – o conjunto estruturado das formações discursivas – em que se constituem os objetos e as relações entre esses objetos que o sujeito assume no fio do discurso”. Interdiscurso, então, refere-se a “tudo que já foi dito; memória do dizer”.

acarreta uma reconfiguração deste campo aberto para uma nova fase de análise lingüístico-discursiva; (iii) o desenvolvimento das pesquisas intradiscursivas permite à AD3 estabelecer uma abordagem dos “pontos de vista” e “dos lugares enunciativos no fio discursivo”.

Assim, os estudos voltados para a heterogeneidade enunciativa permitem um enfoque do *discurso-outro* a partir das formas lingüístico-discursivas, que podem ser analisadas com base nos seguintes procedimentos teóricos: observância das “diferentes formas da heterogeneidade mostrada”; admissão do interdiscurso; negação de um enunciador estratégico dotado de total domínio sobre a cena enunciativa e seu enunciado; admissão do binômio estabilização/desestabilização das condições de produção dos discursos/enunciados.

É nesse contexto que está inserida Authier-Revuz. Ela alia a *heterogeneidade mostrada* à *heterogeneidade constitutiva*, admitindo o aspecto multidisciplinar da AD, que extrapola as análises lingüísticas no horizonte do discurso. Nessa linha de pensamento, os conceitos-chave da AD3 são fundamentados em Pêcheux, Lacan, Milner e Bakhtin.

Com isso, Authier-Revuz se apóia em dois princípios lingüístico-filosóficos: 1º) recusa a toda metalíngua supostamente inscrita no homem, ou seja, ao inatismo; 2º) recusa ao sujeito intencional, isto é, ao sujeito da pragmática, aquele que tem domínio sobre os registros, domínio do dizer (sujeito plural).

Informa-nos Brandão (2001, p. 62) que as conseqüências dessa nova perspectiva sobre a lingüística remetem a dois deslocamentos: o primeiro passa dos conceitos da lógica e da retórica (tratando a língua como uma representação da realidade) para os conceitos enunciativos (que consideram a língua como uma atividade realizada por um enunciador). O segundo deslocamento “marca a ruptura

entre uma concepção humanista-cartesiana de língua e sujeito enquanto espaço de homogeneidades e de sentido enquanto transparência para uma concepção vazada pela noção de heterogeneidade e opacidade”⁷.

Então, as noções de heterogeneidade e dialogia, herdadas do círculo de Bakhtin, aliadas às do *Outro lacaniano* geram uma nova perspectiva para a AD, de um ponto de vista totalmente inovador, o da AD3.

Dentro da AD3, Authier-Revuz (2004) trata o sujeito a partir das teorias do inconsciente, quando faz uma releitura do inconsciente freudiano através de Lacan. Nesse sentido, ela apresenta o *Outro lacaniano*, distinto do *outro* bakhtiniano e mostra como Lacan, de certo modo, inicia uma ruptura com o estruturalismo, “ao romper com a simetria entre os interlocutores e ao expor que o *Outro* (inconsciente) domina o sujeito, sendo-lhe anterior e exterior” (por exemplo: antes de a criança nascer, já se fala dela). Em decorrência disso, Lacan deixa a “cadeia do sistema aberta pela sua incompletude no conjunto dos significantes”. Daí verifica-se um sujeito “clivado, dividido, mas estruturado a partir da linguagem”, o que leva à concepção de “textos como um trabalho ideológico não consciente” (MUSSALIM, 2001, p.108).

Vale lembrar que, desde a AD1 até a AD3, o que permanece é “a recusa de qualquer metalíngua universal supostamente inscrita no inatismo do espírito

⁷ Authier-Revuz (2004, p. 24-25), sobre a relação heterogeneidade discursiva e dialogia *versus* homogeneidade e monologia, traça um paralelo entre heterogeneidade e homogeneidade. Com base no paradigma que permeia as reflexões elaboradas pelo círculo de Bakhtin, esse paralelo é caracterizado, respectivamente, da seguinte maneira: o diálogo X o monólogo; o múltiplo X o plural, o único; o outro no um X o um e o outro; as fronteiras no heterogêneo X o homogêneo; o conflitual X o imóvel; o relativo X o absoluto, o centro; o inacabado X o acabado, o dogmático. Fica elucidado que tal paralelo decorre da análise da construção estética de Dostoievski feita por Bakhtin, levando-o a criar o conceito de dialogia, em oposição às concepções monológicas inscritas no sujeito discursivo cartesiano, i. e., aquele sujeito dotado de razão, centrado, revestido de plena consciência de seu papel no mundo, capaz de dominar a natureza e seu discurso.

humano, e de toda suposição de um sujeito intencional como origem enunciativa de seu discurso” (PÊCHEUX, 1993, p. 111).

2.2.2 Quadro teórico da inscrição de Jacqueline Authier-Revuz: a Lingüística, a Filosofia da Linguagem e a Psicanálise (fundamentos da heterogeneidade mostrada e da heterogeneidade constitutiva)

Heterogeneidade constitutiva do discurso e heterogeneidade mostrada no discurso representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição (Authier-Revuz, p. 32, 1990).

Algumas noções devem ser explicitadas, a fim de se evitarem problemas semânticos que prejudiquem a compreensão de certos termos empregados neste trabalho. Por isso, convém distinguir *discurso* de *enunciado*, *enunciação* de *enunciado*, e *signo-padrão* de *signo autônomo*, visto tratar-se de conceitos basilares advindos do interior dos estudos lingüísticos – a teoria da enunciação, uma das vertentes teóricas na qual Authier-Revuz se inscreve.

Maingueneau (1998) explicita que o *discurso* apresenta duas características básicas: 1^a) a de unidade lingüística como o enunciado; e 2^a) a de unidade de comunicação associada a condições de produção, i. e., depende de um certo gênero de discurso (romance, artigo de jornal, debate televisivo, etc.). Desse modo, *enunciado* e *discurso* referem-se a dois pontos de vista distintos: “Um olhar lançado sobre um texto, do ponto de vista de sua estruturação na língua, faz dele um enunciado; um estudo lingüístico das condições de produção desse texto fará dele um discurso” (GUESPIN, 1971, p. 10 apud MAINGUENEAU, 1998, p. 43-5). Este é o ponto de vista pelo qual optamos para referir discurso ou enunciado como tais.

Dubois et al. (1978, p. 218-19) esclarecem o caráter distintivo entre *enunciação* e *enunciado*: “a *enunciação* é o ato individual de utilização da língua,

enquanto *enunciado* é o resultado desse ato, é o ato de criação do falante”. Em francês, a enunciação pode configurar-se por quatro modos: (i) o falante adota uma atitude determinada diante de seu enunciado, caracterizada pelo uso do pronome (1ª pessoa indica inscrição do enunciatador; 3ª pessoa indica distanciamento); (ii) o falante adere ou se recusa a aderir a seu enunciado; (iii) a transparência e/ou a opacidade são percebidas a partir da relação entre o receptor e o enunciado; (iv) a tensão estabelece a dinâmica da relação falante/destinatário.

Esses são princípios concernentes à Teoria da Enunciação, a partir dos quais Authier-Revuz (2004) amplia o conceito de transparência e opacidade, estendendo-o para a formulação do conceito de heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva, o que a fez transitar para o interior da Análise de Discurso. Então, diferente do ponto de vista de Maingueneau e de acordo com as formulações históricas de Foucault e filosóficas de Pêcheux, a autora admite o discurso como um objeto de estudo integralmente lingüístico e integralmente histórico. Com isso, o sujeito do discurso é constituído enquanto se constrói histórica e politicamente no próprio processo de significação do dizer. (GUIMARÃES, 2002).

No que tange à distinção de *signo-padrão* e *signo autônomo*, ao tratar da oposição *padrão/autônomo* ou *usar/mencionar* no campo do *discurso relatado* (DR), Authier-Revuz (1998, p. 137) refere que *signo-padrão* apresenta uma estrutura semiótica simples, tal como foi pensado por Saussure, e remete, como referente, a um elemento do mundo (por exemplo: “A casa de campo (*villa*) está em mau estado”); o *signo autônomo* tem uma estrutura semiótica complexa: “o significado ao qual está associado o significante / *villa* / é aqui o próprio signo (a palavra), com seu significado e seu significante (por exemplo: “*Villa* emprega-se mais freqüentemente

para as residências de férias.”). Então, enquanto o *signo-padrão* é a palavra, o *signo autônomo* volta-se sobre si mesmo.

Mediante o exposto, fica claro o ponto de partida teórico de Authier-Revuz na Lingüística, como princípio norteador de seus estudos, avançando para além de suas fronteiras, ao admitir conceitos advindos da Filosofia da Linguagem e da Psicanálise, adotando, assim, a postura de analista de discurso. Portanto, é considerando os pressupostos da análise enunciativa que ela advoga as entradas para a análise discursiva.

Assim, a heterogeneidade mostrada, marcada ou não-marcada, consolida a influência lingüística em seu trabalho.

Complementemos tal assertiva com Teixeira (2004):

Authier-Revuz situa-se nos quadros das teorias enunciativas de base saussureana e da meta-linguagem, tal como foi estudada por Rey-Debove. No campo da enunciação, filia-se a Bally, Benveniste e Culioli [...]. Seu estudo é dedicado a um tipo de configuração enunciativa da reflexividade metaenunciativa – a modalização autonímica – que ela circunscreve a partir das noções de Récanati (1979) e de *conotação autonímica* de Rey-Debove (1978) [...]. A partir das contribuições de Bakhtin e Pêcheux e da psicanálise freudo-lacanianana, institui uma perspectiva inovadora para a investigação das formas da modalização autonímica, pelas quais um enunciador *representa* seu discurso – *se representa* em seu discurso – como marcado pela heterogeneidade que o constitui.

Com base nessa citação, desdobraremos algumas informações nela contidas a respeito das idéias de alguns dos pesquisadores citados. Com tal procedimento, acreditamos ser possível descrever um painel claro dos pressupostos teóricos que sustentam as análises enunciativas e discursivas propostas por Authier-Revuz.

Rey-Debove (1931-2006), seguindo a linha de Louis Hjelmslev e Roland Barthes, desenvolveu estudos metalingüísticos e semióticos de base estruturalista; Charles Bally (1865-1947), discípulo e sucessor de Saussure, produziu pesquisas na

área da Estilística, a partir de textos literários; Émile Benveniste (1902-1976), precursor dos estudos enunciativos na França, instituiu a presença do locutor marcada na estrutura da língua, por meio das relações de pessoa e de tempo no verbo francês; Antoine Culioli, criador da expressão “atividade languageira”, para designar o lingüista em análise enunciativa, adjunge o campo da enunciação ao da teoria freudiana, definindo co-enunciação como “o lugar do jogo, dos ajustamentos desejados ou não, obtidos ou não (palavras acidentais, lapsos, jogos de palavras, mal-entendidos e ambigüidades)” (AMARAL, 1999); François Récanati, tratando dos fundamentos da Pragmática e da teoria da referenciação e da indicialidade na linguagem e no pensamento, adotou um ponto de vista original, que se desdobrou em estudos da estrutura dos conteúdos, lingüísticos ou mentais, para repensar a semântica.

Mediante as pesquisas de tais estudiosos, podemos compreender a originalidade do pensamento de Authier-Revuz, ao propor uma nova maneira de interpretar textos que extrapola a Teoria da Enunciação e se espraia na Análise de Discurso, inaugurando a AD3. Trata-se, então, da concepção do aspecto da heterogeneidade discursiva, através do qual a autora formula conceitos para a análise de enunciados/discursos.

2.2.3 Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: conceitos formulados por Jacqueline Authier-Revuz

Parece-me que estas noções estão, de fato, necessariamente ancoradas no exterior da lingüística trazendo [...] concepções do sujeito e de sua relação com a linguagem; e que é inadequado para a lingüística não explicitar sua relação com este exterior [...].

(Authier-Revuz, 1990, p. 25).

Tendo em vista o quadro teórico implementado por Authier-Revuz, faremos uma breve descrição dos elementos por ela explicitados para tratar da questão da alteridade no discurso.

A partir do conceito de heterogeneidade (oriundo do círculo de Bakhtin) e da noção de transparência e opacidade (característica da enunciação), Authier-Revuz amplia o método de análise textual aprofundando os recursos dos estudos enunciativos que deságuam na AD.

Pela via da lingüística, por um lado, e da psicanálise, por outro, a autora desenvolve um estudo enunciativo do sentido, evidenciando as marcas explícitas da heterogeneidade discursiva — *heterogeneidade mostrada* (marcada e não-marcada) —, articulando-a com os implícitos da *heterogeneidade constitutiva* — “*ancoragem*, necessária, ao *exterior* do lingüístico” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 22). A primeira expressa um certo controle do dizer; a segunda escapa ao controle do enunciador.

O que é, então, *heterogeneidade mostrada*? De acordo com Authier-Revuz (1990), trata-se de um conjunto de formas de heterogeneidade, que podem estar: (i) mostradas e marcadas no fio do discurso, tais como discurso direto (DD), discurso indireto (DI), aspas, itálico, glosa, ilha textual, entonação, retoque, que marcam, de forma unívoca⁸, o outro na seqüência do discurso; ou (ii) mostradas e não-marcadas, tais como discurso indireto livre (DIL), discurso direto livre (DDL), ironia, pastiche, imitação, alusão, jogo de palavras, provérbio, estereótipo, que mostram o lugar do outro sem marcação unívoca.

Além das formas marcadas e não-marcadas dessa heterogeneidade (que opera na ordem da representação, no tecido discursivo do outro), há também a constitutiva. Esta opera na ordem da constituição do sujeito. A ela não se tem

⁸ O termo *unívoco*, em Filosofia, diz respeito à palavra, ao conceito ou atributo que se aplica a sujeitos diversos de maneira absolutamente idêntica; é homogêneo, unísono ou homônimo.

acesso, em virtude de se localizar no inconsciente e no interdiscurso (memória do dizer = conjunto de tudo o que já foi dito); está no imaginário e também no simbólico. Porém, a heterogeneidade mostrada denuncia nesgas da heterogeneidade constitutiva.

Desse modo, entra em jogo a interdiscursividade (cf. nota de rodapé da p. 55 desta dissertação) – problemática do dialogismo bakhtiniano (cf. nota de rodapé da p. 57 desta dissertação) – já que os discursos se atravessam, ou seja, mantêm relação entre si e escapam ao controle do sujeito do discurso, pois ele é assujeitado. Por isso, Authier-Revuz só entende a heterogeneidade constitutiva a partir da compreensão do que é o sujeito. Sobre isso, complementa Bakhtin apud Authier-Revuz (1990, p. 27): “Somente o Adão mítico, abordando com sua primeira fala um mundo ainda não posto em questão, estaria em condições de ser ele próprio o produtor de um discurso isento do já dito na fala de outro.”

Como foi dito anteriormente, a heterogeneidade mostrada opera no fio do discurso, e torna-se evidente quando insere a questão da alteridade a partir do discurso relatado (DR), sendo este uma das formas de inscrição do discurso outro. Assim, a autora especifica o que “é o *outro* do discurso relatado: as formas sintáticas do discurso indireto [DI] e do discurso direto [DD] designam, de maneira unívoca, no plano da frase, um outro ato de enunciação”. No DI, relaciona o locutor ao tradutor (ele usa suas próprias palavras remetendo “a um outro como fonte do ‘sentido’”) e, no DD, o locutor ao “porta-voz” (ele “*dá lugar* explicitamente ao discurso de um outro em seu próprio discurso”) (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.12).

Sem hierarquizar as formas da heterogeneidade mostrada, a autora apresenta “uma forma mais complexa de heterogeneidade”: a “conotação

autonímica”⁹ (volta meta-enunciativa do dizer; reflexividade do dizer), entendida aqui como modalização autonímica. Nessa perspectiva, fala-se das palavras do outro, diferentemente do discurso relatado (DD e DI), em que se fala com as palavras do outro. Dito de outro modo, assim como o signo autônomo incide sobre si mesmo, sob o caráter polissêmico de um significante, a modalização autonímica faz uso e menção a ele (por exemplo, no emprego das aspas: (i) em “Ele disse que X”, há uso no DI, portanto, tradução; (ii) em Ele disse: “X”, há menção no DD, portanto, ilusão, reprodução).

Authier-Revuz (2004, p. 12-20) mostra as diversas formas de modalização autonímica de dois modos: (i) *marcadas* por aspas, itálico, entonação, algumas formas de comentário (glosa, retoque, ajustamento); adequação da palavra em figuras (de dúvida, reserva, hesitação, retoque ou retificação, jogos sutis, confirmações, tentativa de concordância com o interlocutor); “a significação da palavra normalmente óbvia (X no sentido p; não no sentido p, mas)”; e (ii) *não-marcadas* pelo “*pertencer* das palavras e das seqüências de palavras ao discurso em curso: em todas as formas de remissão a outro discurso já dito, campo muito vasto da citação integrada, da alusão, do estereótipo, da reminiscência, quando esses fragmentos são designados como vindo de outro lugar”; nos discursos indiretos livres (DIL), a ironia, a antífrase, a imitação, a alusão, a reminiscência e o estereótipo, etc., “não são explicitados por marcas unívocas da frase’, mas “são recuperáveis no discurso em função de seu exterior”¹⁰.

⁹ Charaudeau e Maingueneau (2004) referem-se ao verbete *modalização autonímica* com a seguinte descrição: “De uma perspectiva enunciativa, Authier-Revuz considera a estrutura descrita como ‘conotação autonímica’ da perspectiva de uma modalização reflexiva do dizer, e essa mudança de ponto de vista a leva a pensar a questão sob o ângulo da *modalização autonímica*. [...] Manifesta-se, pois, sempre que o enunciador comenta seu próprio dizer ao pronunciá-lo.” Pode exprimir-se desde as aspas até os enunciados metadiscursivos, tais como: “se você me permite...”, “como diz X”, “no sentido original”.

¹⁰ Quanto ao *exterior*, Authier-Revuz (2004, p.18) acrescenta: “Esse modo de ‘jogo com o outro’ no discurso opera no espaço do não-explicito, do ‘semidesvelado’, do ‘sugerido’, mais do que do

Também, ao observar o campo semântico-estilístico, a autora lista esquematicamente “algumas das modalidades *explícitas* pelas quais a presença do outro significante pode ser *marcada em uma seqüência*”, como: (i) “a remissão explícita de uma cadeia a uma ‘forma-gênero’ repertoriada (palíndromo, acróstico, trocadilho); (ii) o duplo sentido na construção de uma cadeia; (iii) a justaposição em cadeia do um e do outro (versos holorímicos); (iv) a justaposição-superposição por inversão da palavra-valise [amálgama]; (v) a realização direta de um avesso lúdico das palavras (metáteses, trocadilhos)”.

Esses são os modos explícitos da presença do outro no discurso que provocam no sujeito a ilusão de um enunciador intencional, i. e., um “sujeito enunciador capaz de escolhas, intenções e decisões”. Assim, Authier-Revuz (1990, p. 28 e 33) enuncia “a teoria da ilusão subjetiva da fala”, por meio da seguinte assertiva:

As formas marcadas de heterogeneidade mostrada representam uma negociação com as forças centrífugas, de desagregação, de heterogeneidade constitutiva: elas constroem no desconhecimento desta, uma representação da enunciação, que, por ser ilusória, é uma proteção necessária para que um discurso possa ser mantido.

Observe-se, então, que essas formas de heterogeneidade mostrada radicam no discurso Outro, do inconsciente, ainda assim, causando a ilusão de um sujeito como “entidade homogênea exterior à linguagem”. Na verdade, ao se admitir o interdiscurso por meio de elementos intradiscursivos, verifica-se a emersão do “sujeito descentrado, dividido, clivado, barrado”. Então, segundo a leitura de Freud via Lacan, não é mais possível negar a alteridade advinda do Outro lacaniano, o que

mostrado e do dito [...] é também o que instaura, em vez de patamares e de fronteiras, um *continuum*, uma gradação, que leva as formas mais ostentatórias — em sua modalidade implícita — às formas mais incertas da presença do outro, tendo no horizonte um ponto de fuga no qual se esgotaria a possibilidade de apreensão lingüística do reconhecimento — fascinado ou desiludido — da presença diluída do outro no discurso”.

configura a heterogeneidade constitutiva. (Se o outro contamina o discurso na heterogeneidade mostrada, o Outro o contamina na heterogeneidade constitutiva.)

Enfim, evidenciamos, na questão da heterogeneidade apresentada por Authier-Revuz, uma maneira de poder transitar entre as formas marcadas e não-marcadas da heterogeneidade mostrada, com o propósito de fazer uma análise enunciativa/discursiva da linguagem em Rede, especificamente aquela veiculada nas salas de bate-papo, já que nosso objetivo é proceder a um trabalho de língua portuguesa.

CAPÍTULO III

3 ENFOQUE DO OBJETO

Efetivamente, no momento em que se assume a incompletude da linguagem, sua materialidade (discursiva), o gesto de interpretação passa a ser visto como uma relação necessária [...] e que intervém decisivamente na relação do sujeito com o mundo (natural e social), mesmo que ele não saiba.

(ORLANDI, 2004, p. 20)

Neste capítulo, esclareço a procedência do *corpus*, procurando definir os textos em estudo, conforme os conceitos de tipo textual e gênero do discurso, considerando o *continuum* entre a fala e a escrita. Exponho a noção de hipertexto de acordo com as recentes pesquisas lingüísticas. Procedo ao desenvolvimento das análises, mostrando a inadequação do método de transcrição da AC aos textos do *corpus*. Introduzo alguns comentários gramaticais importantes para a compreensão dos textos. Focalizo os fragmentos dos textos a partir dos fundamentos da heterogeneidade mostrada e marcada. Finalizo aplicando o pensamento de Pêcheux sobre as condições de produção do discurso.

3.1 Do *corpus*

Esclarecemos que o *corpus* deste trabalho foi compilado a partir de textos “conversacionais” da Rede (“Web”), produzidos por alunos (entre treze e dezesseis anos) da classe média de uma escola particular do Rio de Janeiro. Essa escolha enfoca o objeto de pesquisa, através da passagem do ponto de vista da descrição

gramatical para o da análise enunciativa/discursiva, conforme o quadro teórico de Authier-Revuz, no que diz respeito à heterogeneidade mostrada.

3.1.1 A tipologia

Pode dizer-se que o estudo da tipologia dos textos constitui parte das pesquisas da gramática do texto/discurso, conforme nos elucidam Vilela e Koch (2001, p. 411-560). Duas disciplinas amplamente divulgadas no meio acadêmico das Letras que derivam dessa gramática são a Tipologia Textual e os Gêneros do Discurso. A segunda é abordada no item 3.1.2 desta dissertação. Quanto à primeira, Vilela e Koch (2006, p. 540) lembram que é preciso o estabelecimento de critérios para a classificação dos textos, com as seguintes palavras:

Há classificações de textos centradas em pontos de vista meramente lingüísticos e há classificações que têm a ver com pontos de vista exclusivamente estético-literários, ou com pontos de vista apenas gramaticais. Parece ser essencial a consideração de alguns parâmetros bem definidos na classificação dos textos, como, por exemplo, qual é a finalidade do texto? que tipo de seqüências são predominantes no texto? o texto aponta direta ou indiretamente para critérios com vista à sua classificação?

Como os elementos meramente gramaticais são insuficientes para o estabelecimento da textualidade e para a constituição de tipos de textos, Vilela e Koch (2006, p. 541) sugerem que “a classificação dos textos deverá ser feita com auxílio da gramática e dos demais elementos configuradores do texto.” E acrescentam que “os critérios fundamentais a serem tomados como ponto de partida para a classificação deverão considerar o tipo de macro-estrutura [...], os traços gramaticais e os fatores comunicativos presentes no texto” (Ibid, p. 541).

Com base na noção de uso, esses autores apresentam os nove critérios de Helbig, que trata os “textos como eventos e não [...] como resultantes da formação

ou construção textual”. (VILELA; KOCH, 2001, p. 541-2). Desse modo, Helbig distingue os seguintes tipos: diálogo de todos os dias; discussão; conferência/comunicação; livro.

Essa classificação não dá conta de todos os tipos, por isso, Vilela e Koch (2001, p. 542) mencionam que há quem prefira distinguir textos orais de escritos. E com base nessa primeira classificação, eles procuram descrever alguns modelos de seqüências textuais, tais como: argumentativo, explicativo, descritivo, e narrativo, asseverando que não há textos “puros” (Ibid, p. 544-53).

Já Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 468-473), nos verbetes “tipo de discurso” e “tipologia dos discursos”, apresentam variados e diferentes critérios de classificação dos textos, permitindo-nos inferir que não há um único modo de tipificar as seqüências orais ou escritas veiculadas nas sociedades ocidentais.

Porém, o verbete “tipo de discurso” expõe que o critério básico do grupo francófono, independentemente do ponto de vista, estabelece “duas significações *restritivas*: (1) Uma opção ‘tipo de discurso’ e ‘gênero de discurso’ [ex.: o tipo de discurso político recobre múltiplos gêneros: debate televisivo, panfletos etc.]... (2) A outra faz dos ‘tipos de discurso’ modos fundamentais de estruturação que se combinam nos textos concretos.” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2001, p. 468).

Então, considerando o desenvolvimento da idéia do segundo item da citação acima, Bouchard (1991) apud Charaudeau e Maingueneau (2001, p. 468) distingue “nove tipos de discurso, fundamentados em três critérios: semântico-referencial (narrativo, descritivo, expositivo), enunciativo (intervenção, discurso escrito, realizações orais ou escritas) e pragmático (injuntivo, explicativo, argumentativo).”

No verbete “tipologia dos discursos”, reitera-se que “a classificação dos discursos pode se fundamentar em critérios variados [e que] existem muitas

tipologias”, quais sejam: tipologias homogêneas, intermediárias e heterogêneas; tipologias enunciativas; tipologias comunicacionais ou funcionais; tipologias situacionais; tipologia, gênero de discurso e análise do discurso. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2001, p. 468).

Então, do ponto de vista enunciativo apresentado por Bouchard, dentro das realizações orais ou escritas, acresce a classificação *conversacional*. Todavia, vamos verificar, neste trabalho, que não é possível admitir-se uma classificação estática para os textos do *corpus* ora apresentado (cf. comentário de Maingueneau no item 2.1.2. desta dissertação).

Admite-se falar de estaticidade do texto do “chat”, com o fim de caracterizarmos, de algum modo, o tipo dos textos constantes do *corpus* deste trabalho, desde que se considerem as reflexões sobre isso mais adiante. Isto porque a discussão entre as nomenclaturas “texto”, “discurso” e “enunciado” – ponto básico do qual derivam as tipologias – já se encontra exarada no item supracitado.

O critério aqui adotado coincide com a afirmação de Maingueneau apud Charaudeau e Maingueneau (2001, p. 471):

Dado o ponto de vista específico da análise do discurso, não é possível contentar-se com tipologias puramente lingüísticas ou puramente situacionais. A análise do discurso é inevitavelmente conduzida a privilegiar tipologias que associam propriedades lingüísticas e coerções ligadas aos gêneros de discurso.

Observamos, então, que os textos deste *corpus* não são meramente conversacionais. Pode dizer-se que são interações escritas que pretendem marcar ou transcrever a oralidade. Certamente que a interação verbal (com as características dos textos orais analisados pela AC, por exemplo) não é contemplada neles.

Essa é a razão pela qual aqui não se evidencia um tipo textual com características específicas da fala.

Desde que se constate a interação escrita daquilo que seriam diálogos, triálogos ou poliálogos, ficamos impedidos de admitir a classificação “conversacional” *stricto sensu* para as formas escritas das “falas” que são realizadas durante a interação.

Do ponto de vista enunciativo/discursivo, aquilo que seriam os turnos de fala na conversação, dá lugar aos enunciados escritos de discurso direto (DD).

Arriscamos dizer que se verifica um uso conversacional do português na forma escrita, à medida que os “interlocutores” parecem dramatizar seus discursos. Mas, como a AD não admite a dramatização teatral no processo (fala/escrita) discursivo, a cena enunciativa é parte do terreno da materialidade discursiva. Sobre isso, complementamos com Maingueneau (1997, p.34): “É preciso admitir que a “encenação” não é uma máscara do real, mas uma de suas formas, estando este real investido pelo discurso”.

Desse ponto de vista, a topografia do discurso como “porta-voz”, máscara do real, hoje, é inadmissível e, assim, é preciso que o analista observe que a própria relação social é instaurada pelo discurso e não o inverso.

Desde que se escreva o que se fala, perde-se a autenticidade da fala, o caráter genuíno da fala. Por isso, o caráter do *continuum* fala/escrita transparece como uma novidade nos textos do “chat”.

Repetimos que optamos pela Teoria da Enunciação e pela Análise de Discurso para lidar com esse tipo de interação tão específico.

Ao compararmos o quadro teórico de Authier-Revuz com o de Goffman e Kerbrat-Orecchioni, percebemos que o foco de análise do primeiro permite

ultrapassar o verbal e o não-verbal, o material, o sistema de turnos de fala, a organização estrutural das conversações, a relação interpessoal e a polidez, elementos válidos e pertinentes para a AC, não para a AD.

Interessa à AD olhar para esses textos como enunciados historicamente construídos, sobre os quais paira uma incompletude, e não como atos de fala, turnos etc.

Enfim, enquanto a análise das conversações se ocupa em descrever os fenômenos lingüísticos, a AD olha para os textos e se ocupa em interpretá-los, porque, segundo Orlandi (2004, p. 18), “o gesto da interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é ‘materializada’ pela história”.

3.1.2 O gênero “chat”

A noção de gênero formulada por Bakhtin (2000, p. 279-287) permeia a concepção da estabilidade relativa dos textos aqui analisados. Também tratar de gênero do discurso implica tratar de tipo textual neste trabalho.

Retomando a tipologia, podemos dizer que lidamos com textos interacionais, aparentemente conversacionais. Sua peculiaridade é procurar reproduzir, na forma escrita, aquilo que é dito, proferido, falado.

Trata-se, por isso, de um tipo textual meio falado meio escrito. Há, portanto, a tentativa de reproduzir a fala na escrita, em uma linguagem adotada pelos usuários da Internet, que mescla fonemas ou letras, vocábulos e “emoticons” (formas iconográficas em movimento). Os “emoticons” implicam o aspecto lúdico em formato gráfico-virtual, parecendo copiar os jogos eletrônicos. São elementos

paralingüísticos aliados a fonemas e letras com o intuito de expressar significados de palavras ou de conjunto de palavras (frases).

Percebe-se, então, que tais características produzem um efeito bem distinto do da interação face a face. Podemos dizer que se trata de um gênero de discurso virtual marcado por um caráter híbrido¹¹, tal como vem ocorrendo na mescla de grupos antropossociológicos, construídos na sociedade pós-moderna ocidental, ou mesmo na maneira como vêm sendo trabalhados os corpos. (A noção de corpo aqui implica o físico humano e os derivados do humano, i. e., as produções humanas, dentre as quais estão a linguagem, a língua, a fala e o signo, em concepções variadas). Seriam formas “monstruosas” ou seriam formas que retornam do passado pré-histórico.

Essa reflexão não impede de lançarmos um olhar sobre os fragmentos do *corpus* deste estudo do ponto de vista enunciativo e discursivo. Aliás, consideramos essa postura analítica mais ampla do que a da pragmática, em virtude de reconhecer, no interior da Teoria da Enunciação e da Análise de Discurso, os fundamentos da alteridade e da heterogeneidade discursiva perpassados pela historicidade.

A elaboração da análise do gênero ora em estudo é dinâmica e radica na relação caleidoscópica entre a Lingüística, a Filosofia da Linguagem, a Psicanálise.

Dessas observações, importa destacar o sujeito do discurso que emerge dos planos do inconsciente para a superfície da consciência relativa, através das nesgas enunciativas. Ou, ao contrário, a superfície do discurso observada na

¹¹ De acordo com Xavier e Santos (2000, p. 53), “as novas tecnologias de comunicação, especificamente a *Hipermídia* e o seu produto lingüístico mais significativo, o *Hipertexto*, possibilitam o surgimento de gêneros textuais/discursivos híbridos, isto é, que fundem gêneros primários e secundários entre si num mesmo suporte físico, cujo resultado é um gênero de discurso de terceira ordem, que, na esteira da classificação bakhtiniana, se poderia denominar de **GÊNERO TERCIÁRIO DO DISCURSO**.”

heterogeneidade mostrada submerge ao inconsciente, impedindo o analista de detectar as impressões desse sujeito, agora amorfo e difuso.

Diante dessa realidade, acreditamos que o suporte teórico da AD seja mais adequado para analisarmos o gênero “chat” neste trabalho.

3.1.3 Interação virtual: o *continuum* entre a fala e a escrita

Iniciaremos por expor a questão do *continuum* entre a fala e a escrita do ponto de vista sociolingüístico, hoje contemplado pelas gramáticas da língua portuguesa, para, em seguida, voltarmos ao do ponto de vista da AD, já mencionado em outra seção deste trabalho (cf. item 2.1.2). Seguindo esse percurso, convém lembrar o que dizem alguns estudiosos sobre este tema. Assim, selecionamos, em ordem de interesse para esta pesquisa, o pensamento de: Celso Cunha e Lindley Cintra (2001), José Carlos de Azeredo (2000), Luiz Carlos Travaglia (2001) e Luiz Antônio Marcuschi (2001a).

Celso Cunha e Lindley Cintra (2001, p. 2-3), ao traçarem conceitos gerais de estudos lingüísticos, afirmam que:

Embora desde princípios deste século lingüistas como Antoine Meillet e Ferdinand de Saussure tenham chegado a configurar a língua como um fato social [...], só nos últimos vinte anos, com o desenvolvimento da Sociolingüística, as relações entre língua e sociedade passaram a ser caracterizadas com maior precisão. A Sociolingüística, ramo da lingüística que estuda a língua como fenômeno social e cultural, veio mostrar que estas inter-relações são muito complexas e podem assumir diferentes formas. Na maioria das vezes, comprova-se uma covariação do fenômeno lingüístico e social.

Pode constatar-se dessa assertiva a possibilidade de um tratamento sociolingüístico do *corpus*, mas nosso objetivo aqui é o de mostrar esse ponto de vista para explicar o emprego da expressão *uso conversacional do português*.

Sobre a covariação mencionada, complementamos com o pensamento de Azeredo (2000, p. 30) que:

Temos aí, portanto, três conceitos:

- língua como estrutura abstrata, uma espécie de denominador comum de todos os seus usos: o **sistema**;
- o ato concreto de falar/ouvir ou escrever/ler a língua: o **uso**;
- a soma dos usos histórica e socialmente consagrados numa comunidade e adotados como um padrão que se repete: a **norma**.

Inferimos daí a aplicação de um **uso** empregado pelos interlocutores do “chat”, que, ao interagirem com o **sistema** abstrato (a língua) escolhem elementos adequados a sua conversação e criam uma **norma** distinta e específica para tal comunicação. Porém, não só o sistema lingüístico é utilizado como recurso comunicativo, mas também os “emoticons” (*emotional icons* = “ícones que traduzem as emoções do enunciador diante do enunciatário”), os “topogramas” e outros elementos paralingüísticos, no dizer de Xavier e Santos (2000, p. 54). Por isso, aproveitamos a noção de **norma**, de acordo com Azeredo (2000, p. 30) para lhe atribuir um acréscimo conceitual pertinente em relação ao “chat”:

Essas normas podem ser características do uso de toda uma região – **normas regionais** –, do uso de diferentes classes socioeconômicas – **normas sociais** –, dos usos em família – **normas familiares** –, dos usos típicos de certas profissões – **normas profissionais** – dos usos das gerações – **normas etárias** – etc. [...]

Adimos a essa citação as *normas internáuticas* (termo criado neste trabalho com o propósito de denominar especificamente o gênero de norma instituído pelos usuários da “Web”), que correspondem à cultura da Rede, o que pode levar a um tratamento histórico e sociocultural dos enunciados do *corpus* neste estudo.

E, ainda, de acordo com Azeredo (2000, p. 30) acrescentamos:

O importante na conceituação de norma são o seu caráter coletivo e sua condição de “modelo de uso”, que os membros da comunidade seguem, por escolha ou por força da herança sócio-histórica. Isto não significa que a norma é rígida e invariável; o sistema oferece aos usuários da língua meios de renová-la [...].

Nessa perspectiva, não é essa a flexibilidade oferecida pelo sistema que parece vigorar na “Web”? Basta observar os textos IV, V e VI, por exemplo, para notar a quantidade de ícones e efeitos expressivos ou paralingüísticos empregados pelos usuários da Rede.

Travaglia (2001, p. 41-66) lembra-nos o quadro de variedade lingüística proposto por Halliday, McIntosh e Stevens (1974), mostrando o consenso entre esses estudiosos ao admitirem os vários planos de variação lingüística em qualquer língua. Assim, assumem a existência de dois tipos básicos de variedades lingüísticas: os **dialetos** – que variam nas *dimensões territorial, geográfica ou regional; social; de faixa etária; do sexo; da geração (ou variação histórica) e da função* (que o falante desempenha) – e os **registros** – que se classificam em **grau de formalismo** (obediente à língua padrão e culta), **modo** (contrapondo a língua falada à escrita, e considerando a classificação de Bowen, pode ser: *oratório, hiperformal, deliberativo, formal, coloquial, semiformal, casual ou coloquial distenso, informal, íntimo ou familiar, pessoal*) e **sintonia** (referindo-se ao ajustamento do

texto do falante para o ouvinte, baseado nas informações que o primeiro tem sobre o segundo, subdivide-se em *status*, *tecnicidade*, *cortesia* e *norma*).

Com base nessa descrição, identificamos no “chat”, entre os **dialetos**, as seguintes dimensões: territorial (a “Web”), social (os processos de interação estabelecidos pela comunidade virtual e instituídos pela cultura da Rede), de faixa etária (a interação virtual estabelecida entre alunos do ensino médio entre 13 e 16 anos), de gênero (masculino ou feminino), de função (virtual e simbólico-interativa, portanto, extremamente variável).

Dentre os **registros**, destacamos: (i) a inexistência de **grau de formalismo** padrão, já que não se observa, nos textos do “chat”, qualquer tendência à regularidade e conformação às convenções oficiais do código escrito; (ii) a coexistência de marcas orais e escritas convergentes para o **modo** de registro *coloquial*, *informal* e muitas vezes *íntimo*; e (iii) a percepção da **sintonia** que nos leva a detectar os seguintes fenômenos:

1^o) o *status* no reflexo do tipo de relação social estabelecido entre adolescentes, revelado pelo léxico (no uso de vocabulário adequado a esta faixa etária) e pela morfologia (na estrutura e no processo de formação de palavras);

2^o) a *tecnicidade* observada no uso do sistema complexo de comunicação (a eletrônica) e não propriamente no “volume de informações que o falante supõe ter o ouvinte sobre o assunto” (TRAVAGLIA, 2001, p. 57), pois as informações veiculadas nos exemplos dados aqui são corriqueiras (cf. item 3.2.1);

3^o) a *cortesia* que se apresenta dentro de um grau de intimidade natural entre “amigos” – o que facilita o relacionamento entre amigos é o meio de comunicação e o contexto em que eles se encontram;

4º) a comprovação das *normas internáuticas* observadas a partir do pensamento de Azeredo (2000, p. 30).

Dessa análise, podemos inferir que os dialetos e os registros permeiam o sistema comunicativo do “chat” conforme as variações *diastráticas* – diferentes estratos socioculturais de uma comunidade lingüística (neste caso, a comunidade virtual) – e as variações *diatópicas* – variedade de “dialetos” criados no “espaço geográfico” da Rede. (Sobre os termos em itálico, ver BECHARA, 1995, p. 68).

Finalmente, Marcuschi (2001a, p. 15-43) traz à baila uma nova dimensão das relações entre a fala e a escrita, após expor algumas constatações baseadas em pesquisas recentes. Assim, logo na apresentação da obra supracitada, o autor esclarece estar partindo do princípio de que são os usos que fundam a língua e não o contrário.

Esclarece também que “falar ou escrever bem [...] é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação”. Daí, afirmar ser “a intenção comunicativa que funda o uso da língua e não a morfologia ou a gramática” (MARCUSCHI, 2001a, p. 9) – asserção valorativa dos princípios sociointeracionistas firmados no interior da Sociolingüística como parte integrante dos procedimentos metodológicos adotados por essa linha de pesquisa.

Por conseguinte, esse autor defende a hipótese de que “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um *continuum*¹² tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos” (MARCUSCHI, 2001a, p. 37).

¹² Para Marcuschi, esse *continuum* quer dizer que, embora oralidade e escrita sejam práticas de usos da língua com características próprias, essas propriedades não são suficientes para caracterizar dois sistemas lingüísticos nem uma dicotomia, portanto, no “chat”, vamos notar uma aproximação tão estreita entre ambas, a ponto de tornar muito difícil a distinção estanque entre elas. Na verdade, trata-se mesmo de uma imbricação destas modalidades lingüísticas.

Esse ponto de vista é sustentado a partir de um paralelo crítico que o autor apresenta das dicotomias estritas fala *versus* escrita, “que se volta para o código e permanece na imanência do fato lingüístico” (MARCUSCHI, 2001a, p. 27).

Ao criticar a oposição estrita entre a espontaneidade da fala e o planejamento da escrita, Marcuschi (2001a, p. 28) afirma que:

Esta visão, de caráter estritamente formal, embora dê bons resultados na descrição estritamente empírica, manifesta enorme insensibilidade para os fenômenos dialógicos e discursivos. [...] A perspectiva da dicotomia estrita tem o inconveniente de considerar a fala como o lugar do erro e do caos gramatical, tomando a escrita como o lugar da norma e do bom uso da língua. Seguramente, trata-se de uma visão a ser rejeitada.

Após fazer tal afirmação, o autor expõe as outras perspectivas do fenômeno fala-escrita, apresentando os pontos de vista da tendência fenomenológica de caráter culturalista (caracterizada por *etnocentrismo*, *supervalorização da escrita* e *tratamento globalizante da escrita*); a variacionista (caracterizada por uma concepção equivocada de uma variação bidialetal); a sociointeracionista (paradoxal, por sempre trabalhar com o texto falado e raramente analisar a língua escrita, mas suas observações são feitas muitas vezes sob a ótica da escrita).

Posto isso, podemos confrontar o ponto de vista de Marcuschi (2001, p. 34), quando afirma que as relações fala-escrita “não são óbvias nem lineares, pois elas refletem um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua”, com o de Maingueneau (1997, p. 46), ao asseverar que “a AD deve recorrer a uma concepção de ethos que, de alguma forma, seja transversal à oposição entre o oral e o escrito”. Bem se vê que a AD trabalha com conceitos acima dessa distinção. Porém, admitimos a noção de *continuum* de bom grado, diante da possibilidade de adequá-la aos textos do *corpus*.

3.1.4 A noção de hipertexto

Como já referimos, no primeiro capítulo deste trabalho, a criação da Web – World Wide Web (rede de informações de alcance mundial) é muito recente. Isso aconteceu em 1990, quando seu idealizador, o físico inglês Tim Berners-Lee (1955) trabalhava no Cern, laboratório de física de Genebra. Ele “desenvolveu o hipertexto e inaugurou a era da Web” (Info Exame, p. 65). Em decorrência disso, dezessete anos depois, deparamo-nos com produções escritas por alunos de nível médio, objeto de investigação científica, visto ter a Web criado uma cultura que alterou as formas de comunicação num contexto ciberespacial, interativo e virtual, para todo o sempre.

A partir de então, lingüistas de várias nacionalidades vêm pesquisando este assunto. No Brasil, Luiz Antônio Marcuschi, Antônio Carlos S. Xavier e Carmi Ferraz Santos, por exemplo, têm publicado artigos nesse sentido, dentre os quais selecionamos alguns trechos para fundamentar nossas observações sobre o “chat”.

Não se pode falar em salas de bate-papo, sem antes procurar entender o hipertexto, sua definição, suas propriedades, funções e finalidades. Por isso, Xavier e Santos (2000, p. 52) comentam que:

A reboque, a Revolução Digital trouxe, a **Sociedade de Informação**, cuja característica fundamental consiste na digitalização das informações que se dão através de um texto construído eletronicamente – o **HIPERTEXTO**. Este por sua vez, entre outras propriedades, é capaz de viabilizar a integração e fusão das duas modalidades de uso da língua (oral e escrita) em uma mesma superfície verbo-visual-auditiva de forma ubíqua e simultânea.

Em outro trabalho, Xavier (1999a) apud Xavier (2002, 103-4), após expor algumas noções de língua e estabelecer concepções de texto, define:

Mas, o que é mesmo *HIPERTEXTO*? A partir dessa concepção de texto como “forma de cognição social que organiza e constitui o conhecimento” e com o desenvolvimento das novas tecnologias digitais, permitindo a diminuição do tempo e das distâncias da interação verbal entre os atores sociais, podemos observar que, uma vez digitalizados, os textos parecem abrir caminho para a chegada do Hipertexto, *‘um constructo semiótico produzido sobre a tela do computador, um novo modo de enunciação que surge no seio da contemporânea sociedade da informação neste século XXI’*. [...] O Hipertexto pode ser considerado, ao mesmo tempo, um sistema material e uma tecnologia intelectual em que o ator humano interage com as informações que ele faz nascer de um percurso (navegação) virtual e as modifica em função de suas representações individuais (sistemas de crenças, valores, ideologias) e suas demandas circunstanciais. Em outras palavras, o leitor do Hipertexto não tem compromisso com uma seqüenciação *a priori* rígida e inviolável durante a sua leitura-navegação.

Em relação às propriedades do hipertexto, Marcuschi (2000, p. 96) informa que ele é não-linear, volátil, topográfico, fragmentário, de acessibilidade ilimitada, multissemiótico e interativo. A essas características, o autor acrescenta:

De um modo geral, essas propriedades do hipertexto o tornam um fenômeno essencialmente virtual e descentrado, que não se determina pelo desmembramento de um tópico, mas pelo deslocamento indefinido por tópicos. É uma costura geral de discursos e não a construção de um discurso unidirecionalmente ordenado (Ibid. p.96).

E, quando Marcuschi (2000, p. 94), discute sobre o hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula, explicita sua função, da seguinte maneira:

Na verdade, se formos observar com mais cuidado a questão, veremos que o hipertexto não traz um novo espaço para a escrita, mas um novo espaço para a textualização, ou seja, vem trazer um conjunto de indagações. Do ponto de vista estritamente organizacional, o hipertexto já tem imitações que encontramos na imprensa escrita [...]. Claro que só imitam a possibilidade da leitura não-linear, mas não conseguem reproduzir as condições do espaço virtual.

Assim, a partir das considerações apresentadas, entendemos o hipertexto como a reunião de texto, imagem e som, que possibilita criar ligações (“links”) entre documentos ao infinito. Com isso, podemos dizer que o “chat”, não é um hipertexto, na extensão da palavra, mas apenas um texto eletrônico produzido em condições especiais, no espaço do hipertexto. Dizendo de outro modo, o hipertexto facilita o meio propício de produção do “chat”.

Mas olhar para o *corpus* implica também concordar com Orlandi (2004, p.15-8), quando discute a questão da multidirecionalidade do texto e sua materialidade. Ela o faz exemplificando com dois tipos de memória: a histórica (“o interdiscurso”) e a metálica (“a informatização dos arquivos”). Desse modo, o texto escrito à mão está para a memória histórica assim como o texto produzido por computador está para a memória metálica (que é formal e “lineariza” o interdiscurso, “reduzindo o saber discursivo a um pacote de informações, ideologicamente equivalentes, sem distinguir posições”).

M. Pêcheux e F. Gadet (1981) apud Orlandi (2004, p. 26) afirmam que, com a informatização, a exterioridade se apresenta como “exterioridade absoluta de um conhecimento mítico, deslocada de qualquer memória histórica ou cultural e encontrando uma formulação adequada em uma língua universal lógico-matemática, ela também sem memória”.

Além disso, Orlandi (2004, p. 16) admite que a informatização e a mídia “produzem realmente a multiplicação (diversificação) dos meios, mas ao mesmo tempo homogeneízam os efeitos. Daí uma idéia de criatividade caracterizada pela deslimitada produção (a enorme variação) do ‘mesmo’”.

Essa é uma realidade transparente no “chat”: a memória metálica que multidireciona informações triviais, homogeneizando os efeitos, pelo traço trivial e repetitivo do “mesmo”.

3.2 ANÁLISE DO CORPUS

Considerando os princípios da AD, iniciamos por analisar o *corpus* a partir do confronto entre os sinais de transcrição utilizados pela AC e os sinais que os usuários do “chat” empregam em sua auto-inscrição nos enunciados/discursos. A seguir, desenvolvemos alguns comentários sobre a relação existente entre o desenho, a letra e o fonema e procedemos a uma breve análise morfossintática do *corpus*, com o objetivo de ultrapassar as fronteiras da gramática e verificar como as marcas da heterogeneidade mostrada iludem o sujeito do discurso, que pensa ser dotado de domínio do seu dizer.

3.2.1 Inadequação do método de transcrição da Análise da Conversação aos textos do corpus

Para reafirmar a peculiaridade dos textos do “chat”, neste item, mostramos como os sinais de transcrição de conversações apresentados por Marcuschi (2001b) ficam inadequados neste trabalho. Embora reconheçamos o inquestionável valor da AC, verificamos a impossibilidade de aplicação dessa teoria ao *corpus* deste trabalho. E frisando esse caráter particular, percebemos como os textos do “chat” evidenciam sinais próprios, muitas vezes diferentes daqueles convencionados pela AC. Esse o motivo pelo qual consideramos inadequado aplicar aqui o método de transcrição dessa teoria.

Sem entrar na discussão dos conceitos problemáticos sobre o verbete “enunciador”, explicitados por Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 197-9), adotamos aqui o termo *enunciado* para referir a correspondência a qualquer fala ou marcação de turnos, e *enunciador* para os participantes. Com isso, procuramos manter sintonia com o trabalho de Xavier e Santos (2000, p. 54) e com a proposta inicial de fidelidade aos princípios da AD.

Assim, estabelecendo um paralelo entre os sinais de transcrição da AC (MARCUSCHI, 2001b, p. 9-13) e os do “chat”, temos:

1^o) *Marcação de turnos*: (Indica “os falantes com siglas”, i. e., “iniciais do nome ou letras do alfabeto.”) no “chat”, os enunciadores não são indicados apenas com siglas; em todos os textos do *corpus*, os enunciados são marcados com “nomes simbólicos” que não correspondem à identidade oficial, muitas vezes repletos de ícones ou números, assemelhando-se a uma logomarca de produto de consumo. Assim, como um nome-fantasia empresarial, eles mascararam a identidade de registro civil. Além disso, os próprios enunciadores formulam seus discursos autodenominando-se e indicando o destinatário.

Ex.1: TEXTO III:

(1) □@ãîñ|-|ãÑêfê@tjte□ (traduzido por Rainha Nefertite para Beatriz ou Raquel) e (2) «x□Tëtê.ç|-|@i§□x» (traduzido por Tetê Chris, para Teresa Cristina)

Ex.1: TEXTO IV:

(1) (16:12:38) **01540** *fala para* Ret carente =^.^=: kd vc

Ex.2: TEXTO IV:

(3) (16:12:45) **Ret carente** =^.^= *fala para* 01540: to aqui!

2^o) *Falas simultâneas*: (“Quando dois falantes iniciam ao mesmo tempo um turno usam-se *colchetes duplos* no início do turno simultâneo [[. ”) no “chat”, em vez de colchetes, o registro horário exerce um papel substitutivo eficiente.

Ex.₁: TEXTO IV:

(3) (16:12:45) *Ret carente* =^.= fala para 01540: to aqui!

(4) (16:12:45) *forest* fala para Popozuda: tenho 15 anos

Ex.₂: TEXTO IV:

(39) (16:13:45) O KRA: entra na sala

(40) (16:13:45) vivi fala para o gato do icq: sim

(41) (16:13:45) *Ret carente* =^.= fala para 01540: Renata

3^o) *Sobreposição de vozes*: (“Quando a concomitância de falas não se dá desde o início do turno mas a partir de um certo ponto, marca-se, no local com um *colchete simples* abrindo: [.”) no “chat”, não se observa concomitância de enunciados, em virtude da prática escrita que, embora tente imitar a oralidade, não sinaliza esse evento nos enunciados. Trata-se de um ato intermediário entre essas duas modalidades da língua (fala-escrita): é o caso do *continuum* defendido por Marcuschi (2001a, p. 37). Para exemplificar, esse fenômeno pode ser constatado em todos os textos do *corpus*.

4^o) *Sobreposições localizadas*: (“Quando a sobreposição ocorre num dado ponto do turno e não forma novo turno, usa-se um *colchete abrindo e outro fechando* [].”) as sobreposições localizadas também não são detectadas no “chat”. O que

se verifica são as marcas pela repetição do nome simbólico e/ou icônico do enunciador, seguidas de expressão lingüística ou não, expressão esta que informa ao enunciatário a conduta ou o estado de espírito do enunciador. Às vezes, parece uma conversa caótica, principalmente quando estão envolvidos muitos enunciadores na sala de bate-papo.

No exemplo seguinte, observe-se o discurso entre DOTADO e Paulinha [53, 54] e *forest* e *Popozuda* [58, 59, 64]; em seguida, no enunciado (67), o discurso entre *Popozuda* e TaRzAm parece apresentar uma espécie de superposição. Mas sem qualquer semelhança com a superposição localizada sugerida pela transcrição da AC. O que acontece é a intromissão de um outro participante: (TaRzAm), entre *forest* e *Popozuda*.

Ex.: TEXTO IV:

(53) (16:14:00) DOTADO *sorri para* Paulinha: CADE VC GATA

(54) (16:14:03) Paulinha *fala para* DOTADO: MARINGÁ, E AGORA VOCÊ ENTENDE.

(55) (16:14:08) vivi *fala para* gato do icq: de minas gerais

(56) (16:14:10) YYYLlLiY *fala para* YYYLuLuY: onde vc foi parar????

(57) (16:14:11) O KRA: Tem alguma gata querendo tc

(58) (16:14:12) *forest* *fala para* Popozuda: tcf com outro gata????????????????, a naum

(59) (16:14:14) *Popozuda* *fala para* forest: e seu tel

(60) (16:14:15) TaRzAm: sai da sala

(61) (16:14:20) gato do icq *fala para* vivi: sou de ctba

(62) (16:14:22) lulu/rose *murmura para* Bart: e por que estão falando se está frio ou calor

(63) aí?

(64) (16:14:32) *forest* *fala para* *Popozuda*: de que bairro esta tc/

(65) (16:14:34) !G@T@!: entra na sala...

(66) (16:14:36) as pagodeiras *grita com* TaRzAm: VAMOS TC?

(67) (16:14:39) **Popozuda** *fala para* TaRzAm: tenho e vc

5^o) *Pausas*: (“Pausas e silêncios são indicados entre *parênteses*: em pausas pequenas sugere-se usar um sinal + para cada 0.5 segundo; para as pausas além de mais de 1.5 segundo, cronometradas, indica-se o tempo. Ex.: (1.8), (2.5) etc.”) as pausas, no “chat”, acontecem de duas maneiras: (i) pelas reticências ou por muitos pontos horizontais acima de três; (ii) quando a demora da resposta na interação é verbalizada por perguntas, tais como *kd vc?*; CADE VC GATA; ou pela repetição da mesma frase, intercalada com outros enunciados, como ocorre nos seguintes enunciados do TEXTO IV:

(23) (16:13:18) DOTADO sorri para Paulinha: NÃO ENTENDI OQUE SIGNIFICA MGA e

(54) (16:14:03) Paulinha *fala para* DOTADO: MARINGÁ, E AGORA VOCÊ ENTENDE.

Atente-se para o fato de haver marcação de tempo ou não.

Vejam-se mais exemplos para (i) e para (ii) respectivamente:

Ex.1: TEXTO VII:

Carol:

(12) Ah tah ... ai depois me falam oq vcs resolveram ...blz??

Juliana:

(13) Pode deixar.....amanha vamu ter q atura aula d espanho kra ninguém merece...!!!

Ex.2: TEXTO VII:

Carol:

(42) ????? kd vc ?????

Juliana:

(43) to akiiiiiiiiiiiiiiii

6º) *Dúvidas e suposições*: (“É comum não se entender uma parte da fala. Neste caso marca-se o local com parênteses (), tendo-se duas opções: (a) indicá-los com a expressão ‘incompreensível’ ou então (b) escrever neles o que se supõe ter ouvido.”) no “chat”, quando o enunciatário não compreende a mensagem do enunciador, ele pede a tradução explícita e insistentemente.

Ex.: TEXTO IV:

(13) (16:13:18) DOTADO sorri para Paulinha: NÃO ENTENDI OQUE SIGNIFICA MGA

(33) (16:13:18) DOTADO sorri para Paulinha: NÃO ENTENDI OQUE SIGNIFICA MGA

Observe-se também que, no “chat”, não há sinal indicando dúvida ou suposição, graças ao pedido e ao atendimento explicativo de algum item ininteligível.

7º) *Truncamentos bruscos*: (“Quando um falante corta uma unidade, pode-se marcar o fato com uma barra / . Isto também pode ocorrer quando alguém é bruscamente cortado pelo parceiro.”) neste *corpus*, não há registro de truncamento tal como se apresenta na transcrição da AC. Algumas vezes, encontramos o uso da barra sem a preocupação de demonstrar truncamento. É possível que o uso da barra expresse um enunciado pontual, uma intromissão ou uma interrogação.

Ex.: TEXTO IV:

(51) (16:13:57) as pagodeiras *grita com* TODOS: ALGUEN QUER TC ??????/

(64) (16:14:32) *forest* fala para *Popozuda*: de que bairro esta tc/

8º) *Ênfase ou acento forte*: (“Quando uma sílaba ou uma palavra é pronunciada com ênfase ou recebe acento mais forte que o habitual, indica-se o fato escrevendo a realização com maiúsculas – MAIÚSCULA”.) as maiúsculas são tão

freqüentes no “chat” quanto o são na transcrição das conversações. Xavier e Santos (2000, p. 54), ao tratarem da *reconfiguração das formatações tradicionais da escrita*, comentam que, os usuários da rede hipertextual, além dos “emoticons”, construíram coletivamente outras maneiras de demonstrar estados emocionais, tais como: (i) escrevendo palavras com letras maiúsculas, para indicar um grito do enunciador ou que ele estaria falando alto; (ii) usando o sinal gráfico asterisco (*), para enfatizar uma determinada palavra ou frase. Esse sinal, antes, só era usado para fazer remissão a uma nota de rodapé, fim de capítulo ou de volume, ou para indicar separação de períodos.

Assim, a necessidade aliada à imaginação fizeram com que os usuários jogassem com os *topogramas* já existentes e bastante conhecidos sócio-culturalmente, a fim de solucionar uma dificuldade concreta em situação de telecomunicação e criassem tais “engenhocas” icônicas substitutivas dos elementos paralingüísticos. (Ibid. 2000, p. 54)

Vejam-se os exemplos respectivos para (i) e (ii).

Ex.₁: TEXTO IV:

(50) (16:13:56) TaRzAm *fala para* Popozuda: POPO VC TEM CELULÁ?

(51) (16:13:57) as pagodeiras *grita com* TODOS: ALGUEN QUER TC ??????/

e

Ex.₂: TEXTO II:

(4) *Sérgio – po ai vamo mark de ir no sábado

(5) *Diego – po vo vê com o meu velho

Ex.₃: TEXTO VI:

(15) (15:36:10) ****Florzinha****: entra na sala...

O asterisco realça os nomes dos enunciadores, conferindo-lhes uma importância de destaque diante de outros usuários da Rede. Típico do comportamento adolescente é projetar-se, de forma narcisística, como uma “estrela” diante dos outros, para se diferenciarem do Outro (no sentido lacaniano).

9º) *Alongamento de vogal*: (Quando ocorre um alongamento da vogal, coloca-se uma marca (*dois-pontos ::*) para indicá-lo. Os dois-pontos podem ser repetidos a depender da duração.) pode verificar-se que o alongamento de vogais, bem como de consoantes, se concretiza no “chat” com sua repetição de três, cinco e até dez vezes.

Ex.1.: TEXTO V:

(34) (15:29:48) **Victor** fala para Mel: AIÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔ!!!!!!

e

Ex.2: TEXTO III:

(20) «xTëtë.ç|-|®ĩ§x» ok.. bjaummm

(21) □®äjn|-|ãÑëfê®tjte□ bjoksss xauuuu

10º) *Comentários do analista*: (“Para comentar algo que ocorre, usam-se *parênteses duplos* (()) no local da ocorrência ou imediatamente antes do segmento a que se refere. Pode-se colocá-lo também entre um turno e outro.”) como não procedemos à análise do *corpus* contemplando a transcrição da AC, este item fica dispensado de comentários.

Todavia, vamos observar que os próprios enunciadores apelam para a palavra escrita, para os “emoticons” ou outros efeitos paralingüísticos a fim de expressar o tom de voz, gestos, fala nervosa, tosse, risos (ver também os exemplos dos itens 7º e 9º).

Ex.1: TEXTO VI:

(9) (15:35:32) **hipnotica** *fala para gostosinho*: eu to meio roca

(11) (15:35:54) **Victor** *fala para Dani*: Ei :-(

Ex.2: TEXTO IV

(13) (16:13:18) DOTADO sorri para Paulinha: NÃO ENTENDI OQUE SIGNIFICA MGA

11^o) *Silabação*: (“Quando uma palavra é pronunciada silabadamente, usam-se hifens indicando a ocorrência - - - - -”): o uso do hífen separando as **letras** pode ocorrer também no “chat”.

Ex.: TEXTO VII:

Carol:

(51) =)

(52) f-u-i

A lógica nos leva a inferir que a silabação é possível, no “chat”, porque o hífen implica as pausas entremeando sílabas ou letras. E, é claro, os usuários das salas de bate-papo empregam todos os sinais possíveis para evidenciar aproximação entre escrita e fala.

12^o) *Sinais de entonação*: (“Usam-se: *aspas duplas* – para uma subida rápida (corresponde mais ou menos ao ponto de interrogação); *aspa simples* – para uma subida leve (algo assim como uma vírgula ou ponto-e-vírgula); *aspa simples abaixo da linha* – para descida leve ou brusca.) no “chat”, não há sinais de entonação. Na maioria dos textos, não há também os de pontuação adequada. Esta última aparece esporadicamente em alguns textos deste *corpus*, como exceção.

Ex.1: TEXTO II:

(1) *Sérgio – E ai kra blz?? Como vc tah?? E ao final de semana. K7 ai vamo chamar as

- (2) mulé pra ir no cini.
 (3) *Diego – trunk vamo, qd vai c????

Ex.2: TEXTO V:

- (15) (15:28:18) **Gatinha**: algum gatinho quer tc?
 (16) (15:28:24) **PAULISTA** *fala para* Gatinha: eu
 (17) (15:28:26) **FELIPE** *fala para* Mel: Oi! Qual a sua idade?
 (18) (15:28:32) **hipnotica** *fala para* gostosinho: tem sunga

Ex.3: TEXTO VII

Carol:

- (4) Blz!! E ctg?

Juliana:

- (5) Blz e ai conta as 9da10?

13^o) *Repetições*: (“reduplicação de letra ou sílaba. Para repetições, reduplica-se a parte repetida.”) ocorre naturalmente, tanto na transcrição da conversação quanto na fala/escrita do “chat”.

Ex.1: TEXTO IV:

- (50) (16:13:56) TaRzAm *fala para* Popozuda: POPO VC TEM CELULÁ?

Ex.2: TEXTO VII (cf. negrito)

Carol:

- (30) **ahh** fala serio neh Ju

- (31) Pow ... é pkeno e tal ... mas soh **um uma** vez ... nada contra akele shopping....

14^o) *Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção*: (“Basicamente usam-se reproduções de sons cuja grafia é muito discutida, mas alguns estão mais ou menos claros, como: *eh, ah, oh, ih::, mhm, ahã* e vários outros.”) em comparação com o *corpus*, vamos notar a abundância dos mesmos termos no “chat”.

Ex.: TEXTO III:

(11) «x□Tètë.ç|-|@i§□x» Aham

(12) «x□Tètë.ç|-|@i§□x» Hmmm

15^o) *Indicação de transcrição parcial ou eliminação*: (“ ... ou / ... / O uso de *reticências* no início e no final de uma transcrição indica que se está transcrevendo apenas um trecho. *Reticências entre duas barras* indicam um corte na produção de alguém.”) essa prática não se verifica no “chat” com o mesmo significado da transcrição da AC.

Mediante essa breve amostragem, acreditamos ter elucidado a incompatibilidade entre as transcrições da conversação estabelecidas pela AC e o modo como os usuários da Rede digitam seus textos/discursos, demonstrando manter a inter-relação do *continuum* fala-escrita. Fica esclarecido também que os textos do “chat” evidenciam sinais próprios, muitas vezes diferentes daqueles convencionados pela AC.

Enfim, quando Marcuschi (2000, p. 108) afirma que sua reflexão sobre o hipertexto sugere que façamos reflexões sobre “o *contínuo das relações entre oralidade e escrita e o surgimento de uma série de novos gêneros textuais no contexto da tecnologia eletrônica*”, asseveramos ter compartilhado dessa sugestão nesta pesquisa, em certa medida.

Por outro lado, esta análise tem o objetivo maior de evidenciar algumas marcas da heterogeneidade mostrada nos textos eletrônicos do *corpus*, conferindo primazia aos princípios da AD. Por isso, validamos o pensamento de Authier-Revuz, quando enuncia que os modos explícitos da presença do outro no discurso provocam no sujeito a ilusão de um enunciador intencional, i. e., um “sujeito enunciador capaz de escolhas, intenções e decisões”. E, certamente, esse sujeito

não se configura no “chat” pelas formas explícitas do dizer, que se espelham umas nas outras, promovendo a repetição dos signos criados pela comunidade virtual e demonstrando uma estratégia aparente que ilude pela forma. Parece mesmo haver uma interação bem mais emocional do que racional.

3.2.2 Aspectos gramaticais

As observações gramaticais incluídas neste item devem ser interpretadas como uma forma de contemplar alguns fenômenos lingüísticos que esclareçam a linguagem do “chat”, do ponto de vista descritivo, e proporcionem elementos para o desenvolvimento da análise inserta no item 3.2.3 desta dissertação.

3.2.2.1 Entre o desenho, a letra e o fonema

O elo estabelecido entre desenho, letra e fonema, neste item, visa ao retorno da noção de corpo, enunciada em 3.1.2 neste trabalho. Isto porque o gênero “chat” inclui em sua forma simbólica de expressão os já comentados elementos paralingüísticos e os “emoticons”. Eles afetam o órgão visual e imprimem na mente a imagem de um desenho diferente da letra, às vezes próxima do fonema. Explicando melhor, como o “chat” simula um bate-papo (interação face a face), é natural que os sons sejam reproduzidos, na modalidade escrita, de maneira artificial e é nessa maneira que reside o impacto da novidade visual.

Observa-se, então, que os enunciados/discursos do “chat” se materializam nas formas distintas da escrita e da fala convencionais. Desse modo, quando nos reportamos à questão do caráter híbrido do gênero “chat”, tal como vem ocorrendo na mescla de grupos antropossociológicos, construídos na sociedade pós-moderna

ocidental, queremos dizer que o corpo do discurso produzido neste gênero são formas “monstruosas” que retornam do passado pré-histórico. Desse modo, estas formas visuais procuram reproduzir os sons.

Vamos recordar a origem do alfabeto. Ela radica na figura rupestre desenhada pelo homem; isto é sabido de todos. Do pictograma à caricatura, do hieróglifo ao fonograma e deste ao ideograma. A Letra “**A**”, por exemplo, é inspirada no desenho da cabeça do bovino, que evoluiu para o hieróglifo, derivando o fonograma “**ALEPH**” (para os sumérios) e deste, para o ideograma, representado pela figura de um “**V**” cortado por uma linha horizontal. As extremidades dessa figura remetiam à imagem dos chifres e das orelhas. Imaginemos um “**A**” de cabeça para baixo.

Como ainda não havia silabação, era comum o uso das letras sem vogais. Por exemplo: **DVD** = **DAVID**. Ainda hoje, quando vemos uma consoante, a interpretamos com a ausência da vogal. Porém, a fonética, utilizando aparelhos de medição das articulações sonoras, prova que a consoante se apóia na vogal ao realizar-se foneticamente.

Conforme Simões (2005, p. 19), “a vogal tem sua realização independente, enquanto a consoante precisa de apoio para atualizar-se [...], não há sílaba sem vogal em português, e o nome *consoante* equivale a *com vogal*.” Por exemplo: pneu /pi ‘new/ (monossílabo gráfico / dissílabo fonológico); pacto /’pa ki tU/ (paroxítono gráfico / proparoxítono fonológico).

Qual a relação dessas informações com o “chat”? O primeiro impacto da escrita eletrônica sobre a língua portuguesa se deve ao fato de o teclado “Qwerty”, criado pelos americanos, ser o mesmo do da máquina de escrever (de 1876), sem o

uso de acentos. Em seus inícios, na informática, os processadores eram fabricados sem acentos. Por isso, as páginas (“sites”) não apresentavam palavras acentuadas.

O segundo impacto talvez tenha se originado pela influência da cultura americana de abreviar, por exemplo, “you are” para UR, ou escrever “I’m not” como “IMNOT”, ou “Thank you” como TKU. Essa influência trouxe para o português a omissão das vogais, tal como ocorreu no passado histórico, conforme o comentário precedente. Com isso, parece haver uma volta à época em que os primeiros caracteres escritos (letras), para representar fonemas, não se apoiavam em vogais. E antes do surgimento das letras, havia os desenhos.

No “chat”, esses desenhos parecem retornar a esse passado na configuração dos “emoticons” e dos elementos paralingüísticos.

3.2.2.2 Comentários morfossintáticos

As ocorrências morfossintáticas no “chat” devem ser observadas para que se faça uma ponte entre a descrição gramatical e a análise do discurso desse gênero de texto/discurso híbrido.

Retornando ao capítulo I, item 1.1 deste trabalho, citamos as matérias publicadas nos jornais tratando da linguagem eletrônica. Dentre elas, queremos destacar uma, em especial, cujo título é *Vc tem medo do ICQ??????*

Nessa matéria, discute-se a relação entre a criptografia¹³ utilizada nas salas de bate-papo e as abreviaturas ocorridas nos textos dos copistas da Idade Média.

¹³ Criptografia (do Grego *kryptós*, “escondido”, e *gráphein*, “escrever”). De acordo com a Wikipédia, este termo é geralmente entendido “como sendo o estudo dos princípios e das técnicas pelas quais a informação pode ser transformada da sua forma original para outra ilegível, a menos que seja conhecida uma ‘chave secreta’, o que a torna difícil de ser lida por alguém não autorizado. Assim sendo, só o receptor da mensagem pode ler a informação com facilidade.[...] A criptografia moderna é basicamente formada pelo estudo dos algoritmos criptográficos que podem ser implementados em computadores.”

Mostra também a preocupação de muitos pais por seus filhos estarem adquirindo o vício de escrever uma linguagem cifrada que, para a maioria, trata-se de um código distinto do da língua portuguesa.

Uma comparação entre as abreviaturas da atualidade e as medievais evidencia o mesmo problema de compreensão de textos por parte do público leitor, já que as abreviaturas, muitas vezes, representam empecilho ortográfico em virtude da mutação morfológica de muitos caracteres convencionais do português, afetando a decodificação das mensagens.

Em verdade, o contexto da linguagem em Rede, particularmente a veiculada no “chat”, traz à baila não somente a discussão comparativa dos caracteres entre Idade Média e Pós-Modernidade, mas também suscita inúmeras questões lingüísticas. Dentre elas, está o exame das ocorrências morfossintáticas desses textos, chamados conversacionais, característicos do gênero “chat”.

Nosso propósito aqui é analisar o texto III do *corpus*, tendo por base o ponto de vista estruturalista que parte das estruturas menores para as maiores. Nesta seção, vamos chamar de microlingüísticos os objetos concernentes à estrutura menor da língua, que se constituem desde os morfemas até os períodos.

Então, especificando nosso objetivo, procederemos a uma breve análise morfossintática dos eventos lingüísticos do português, considerando a interação virtual das salas de bate-papo.

A base teórica desta análise contemplará, de modo geral, os seguintes autores: Cláudio Cezar Henriques (2006); José Carlos de Azeredo (2000; 2001); José Lemos Monteiro (2002); Lygia Correa Dias de Moraes (2001).

Confrontando esse registro com as mensagens do “chat”, o que se nota é a necessidade de produção de textos para serem lidos, exibidos, sem a necessidade do uso de *encriptação* e *desencriptação*, muito menos de *criptógrafos* ou *criptoanalistas* para decifram as mensagens. Portanto, o emprego desse termo, neste estudo, é metafórico.

Adotaremos a metodologia proposta pelo estruturalismo, tendo em vista os pressupostos teóricos estabelecidos por Ferdinand de Saussure, que implicam análises tanto nos campos da Fonologia como nos da Morfologia e Sintaxe.

Posto isso, para tratar do texto que será analisado, adotaremos o ponto de vista de Henriques (2006, p. 8):

Nem tudo o que se refere à unidade “palavra” é competência da morfologia. Lembremo-nos de que a maioria das palavras de nossa língua tem um significado lexical (objeto de estudo da lexicologia e da lexicografia), de que as palavras se combinam entre si para construir uma unidade de classe superior, o sintagma (de que se ocupa a sintaxe).

Adimos a essa citação o princípio do *continuum* entre fala e escrita, já explicitado anteriormente, em virtude da peculiaridade do “chat” que configura um modo singular de comunicação, através do qual se manifesta, como materialidade lingüística híbrida, uma língua *meio portuguesa e meio semiótica*.

Mediante o exposto, torna-se necessário explicitar melhor como esse texto do *corpus* será abordado, no que se refere aos aspectos microlingüísticos.

Entendemos por aspectos microlingüísticos aqueles voltados para as estruturas menores da língua, tais como as relações sintáticas do “chat” vinculadas às estruturas morfológica e mórfica dos vocábulos empregados neste contexto, já que aí se observa uma gradação das unidades maiores para as menores. Por exemplo, quando se transita da sintaxe entre os enunciados (já que, neste contexto, tratamos de um uso conversacional do português), períodos, orações e termos das orações (em abordagem morfossintática) para a análise mórfica (que contempla os elementos mínimos significativos dos vocábulos), se verifica a hierarquia dessas unidades. É desses elementos mínimos, concernentes ao plano sintático, que trataremos aqui.

Para cumprir a proposta de analisarmos alguns processos de formação das palavras aliados à estrutura sintática dos enunciados do texto III, convém elucidar, de acordo com Azeredo (2001), os preceitos teóricos estruturalistas que fundamentam as análises deste tópico.

Na esteira teórica de Martinet, Azeredo (2001, p.10) esclarece que:

Distinguir unidades significativas e unidades não-significativas implica reconhecer dois planos de estruturação lingüística, que coexistem naturalmente em todo enunciado. O lingüista francês André Martinet chamou *dupla articulação* a esta propriedade da linguagem humana (MARTINET, 1964). Esses dois planos, o do *conteúdo* e o da *expressão*, são solidários e interdependentes no que diz respeito à sua finalidade no discurso, embora cada qual tenha uma organização interna própria [...].

Martinet chamou de *primeira articulação* ao plano do conteúdo (léxico-gramatical), que inclui proposições, palavras, raízes, afixos, e de *segunda articulação* ao plano da expressão, cujas unidades – acentos, sílabas, fonemas – são desprovidas de sentido¹⁴.

A seguir, Azeredo (2001, p.11) acrescenta:

A oposição tradicional entre gramática e léxico fundamenta-se na existência de duas espécies de unidades na primeira articulação – ou plano do conteúdo – que passamos a examinar [...].

Todos esses fatos mostram que uma língua como o português reúne duas espécies de unidades mínimas no plano do conteúdo: unidades renováveis, inventáveis a qualquer momento, cuja substituição não interfere no arranjo interno da frase; e unidades que garantem a existência daquele arranjo. As primeiras unidades, ditas *semantemas* ou *morfemas lexicais*, pertencem a um conjunto aberto (léxico) e constituem a base dos substantivos, verbos e adjetivos; as últimas, ditas *morfemas gramaticais*, pertencem a um sistema fechado (gramática) e exprimem certas relações entre as unidades lexicais no interior da frase [...], acionam a criação de unidades lexicais a partir de outras (como o *-eiro* de *prisioneiro* em face de *prisão*), expressam distinções obrigatórias que caracterizam os membros de certas classes (como o *m* de *encarceravam*, opção graficamente esta forma ao singular *encarcerava*) etc¹⁵.

¹⁴ Sobre os planos da expressão e do conteúdo, ver mais em Azeredo (2000, p.23-25).

¹⁵ Sobre gramática e léxico, ver mais em Azeredo (2000, p. 33-34).

Para complementar, de acordo com Henriques (2006, p. 8-16), observaremos a descrição gramatical do texto III, contemplando o aspecto sincrônico da língua e obedecendo às noções de sintagma, palavra e morfema¹⁶, consoante o ponto de vista saussureano.

De posse dessas informações, fica estabelecido o posicionamento teórico aqui adotado quanto às diretrizes estruturalistas, compreendendo a razão pela qual incluímos como elementos microlingüísticos aqueles que envolvem o plano da expressão, em alguns momentos, e o do conteúdo, em outros, no decurso da análise do texto mencionado.

A seguir, transcrevemos o texto selecionado, a partir do qual procederemos à análise, obedecendo à seguinte ordem: (i) análise mórfica de expressões lexicais ou não-lexicais no “chat” e (ii) análise da estrutura sintática do “chat”. Assim, pensamos poder abordar a relação morfossintática proposta.

Para facilitar o confronto dos comentários com o texto em análise, procederemos, primeiramente, à transcrição do texto III, na página seguinte.

¹⁶ *Sincronia* diz respeito aos fatos sistemáticos da língua observados num determinado estágio de tempo. Em oposição à diacronia, Henriques (2006, p. 9) faz a seguinte consideração: “Sendo a língua um sistema que está em funcionamento num determinado estágio do tempo, é através do confronto de pelo menos dois desses estágios que se poderão verificar dados históricos e evolutivos do idioma em questão. Cada um desses estágios corresponde a uma sincronia, ao passo que, com as várias sincronias, obtêm-se as diacronias”. *Sintagma (versus paradigma)* “é um termo estabelecido por Saussure que designa a combinação de elementos menores numa unidade lingüística maior” (Ibid., p. 10), assim os sintagmas poderão ser de subordinação e de coordenação, podendo “estar no domínio da Sintaxe [...] como no da Morfologia” (Ibid., p. 11). Tanto *palavra* como *vocábulo* são dois termos consagrados como sinônimos, porém, “a identificação do vocábulo deve pautar-se por dois critérios [...]”: (i) verifica a possibilidade de pausa; (ii) verifica a rigidez ou mobilidade posicional. Finalmente, chama-se *morfema* “todo e qualquer constituinte de um vocábulo, englobando os *lexemas* (morfemas dotados de significação externa, chamados *morfemas lexicais*) e os *gramemas* (morfemas dotados de significação interna, chamados *morfemas gramaticais*)” (Ibid., p.14).

TEXTO III

(Rachel Beatriz e Tetê – 1ª série do Ensino Médio, 15 anos)

- (1) @ãjñ|-ãÑëfè@tjte□ pq naum keria dar esperanças ‘pra ele
- (2) «x□Tëtë.ç|-|@i§□x» aaa tah é c tem razaum
- (3) @ãjñ|-ãÑëfè@tjte□ ih vc tem novi?
- (4) «x□Tëtë.ç|-|@i§□x» bom ontem sentei na frente do bruno ai ai..hj fui a praia e a piscina minha mãe tah resolvendu a parada doc achorrooo uhuuuuuuuuu e daqui a Chat a gente vai pro shopping...só
- (5) @ãjñ|-ãÑëfè@tjte□ ki xops?
- (6) «x□Tëtë.ç|-|@i§□x» recreio shopping, amanha a gente vai pro barrashopping
- (7) «x□Tëtë.ç|-|@i§□x» hj fui no barra
- (8) @ãjñ|-ãÑëfè@tjte□ tava legal lah?
- (9) «x□Tëtë.ç|-|@i§□x» Aham
- (10) «x□Tëtë.ç|-|@i§□x» Hmmm
- (11) @ãjñ|-ãÑëfè@tjte□ desculpe ta demorando é pq to mandando um email pro
- (12) Leonardo ligeirinho... akele namorado da minha irmã da net
- (13) «x□Tëtë.ç|-|@i§□x» fala pra ela tomar cuidado hein
- (14) @ãjñ|-ãÑëfè@tjte□ ki horror menina!!!!
- (15) «x□Tëtë.ç|-|@i§□x» Hauahuahauhauhauhauh
- (16) «x□Tëtë.ç|-|@i§□x» klma tah to brinkndu aaa vc pego o icq do bruno?
- (17) @ãjñ|-ãÑëfè@tjte□ naum.. issu q eu ia t perguntar..
- (18) «x□Tëtë.ç|-|@i§□x» ok.. bjaummm
- (19) @ãjñ|-ãÑëfè@tjte□ bjoksss xauuuu

Iniciamos, então, pela análise mórfica de expressões lexicais e não-lexicais no “chat”, considerando a especificidade dos pressupostos teóricos a seguir: as observações básicas sobre os morfemas, expostas por Basilio (2003, p. 05-19) e Azeredo (2000, p.70); a proposta de análise mórfica de Monteiro (2000, p. 37); os

comentários sobre os fenômenos mórficos apresentados por Silva e Koch (2002, p.20-2); e os prosodemas¹⁷ ou traços supra-segmentais estudados por Martins (2000, p. 57), dentre os quais destacamos a duração.

Basilio (2003, p. 17-8) trata da abordagem estruturalista, reforçando que, em sua obra, esse termo faz “referência sobretudo ao período estruturalista da lingüística descritiva americana, onde encontramos um desenvolvimento maior de processos de análise morfológica.” Nessa abordagem, a “noção de morfema é básica; o morfema é definido como a unidade significativa mínima numa língua”. O problema que a autora adverte ocorrer sobre esse conceito é o fato de o morfema ser definido em relação ao significado, conforme se constata na seguinte assertiva:

Como o morfema é definido em relação ao significado, cria-se um problema grave de análise, já que no léxico as palavras apresentam um significado global, que não é necessariamente uma função exclusiva do significado das partes. Como consequência, muitas vezes não podemos isolar o significado das partes do significado global, ou seja, muitas vezes temos elementos constituintes de palavras que não podem ser definidos em termos de significado. (Ibid., p. 18).

Sobre essa advertência, frisamos que, no texto III, verificaremos fenômenos lingüísticos em certos signos que comungam com esse ponto de vista, pois, em alguns casos, nem mesmo poderemos nos referir ao termo “palavra” para designar os grafemas, dada a inexistência de elementos mórficos da língua portuguesa.

¹⁷ Martins (2000, p. 57), esclarece que os prosodemas ou traços *suprasegmentais (sic)*, de grande interesse estilístico, são os valores expressivos que afetam um segmento mais extenso que o fonema – sílaba, morfema, palavra, sintagma ou frase. São eles o acento, a duração, a altura e a entoação. Nenhum prosodema tem existência independente, pois afeta necessariamente um segmento da cadeia da fala e só pode ser definido em relação às unidades vizinhas daquela que afeta (cf. *Dicionário de lingüística*, de Dubois). O acento de intensidade e a entoação têm função no sistema fonológico do português. Serve o acento, pela sua posição no vocábulo a uma função distintiva (v.g. *fábrica* substantivo / *fabrica* verbo). O emprego de palavras iguais com diferente acentuação numa mesma frase constitui um jogo de bom efeito expressivo, como nesta frase do jornalista Geraldo Forbes a respeito do advogado Sobral Pinto: “Não recua ante a récu”. (*O Estado de São Paulo*, 15-4-84). A entoação caracteriza o tipo de frase lógica, como – O aluno fez o trabalho. / O aluno fez o trabalho?. Além dessa função intelectual, ambos, acento e entoação se prestam a funções expressivas importantes.

Quanto a esse aspecto, Henriques (2006, p. 12), ao elucidar o uso dos termos “palavra” e “vocábulo”, assevera: “A tudo isso some-se ainda a interminável lista de expressões não-lexicais [...]. Empregadas na conversação, suas transcrições e significações podem oferecer considerável campo para os estudiosos da linguagem: *hum, uuh, mmm, ro-rô-rô, achh, irgh...*”

Reiteramos que Azeredo (2000, p. 70) explica as duas espécies de unidades mínimas no plano do conteúdo: os morfemas lexicais (pertencentes ao sistema aberto da língua – o léxico –, constituem a base dos substantivos, verbos e adjetivos, conhecidos também como radicais) e os morfemas gramaticais (pertencentes ao sistema fechado da língua – a gramática –, são aqueles que se anexam ao morfema lexical, podendo ser de três tipos: afixos ou morfemas derivacionais, vogais temáticas e desinências ou morfemas flexionais).

O princípio de análise exarado por Monteiro (2000, p. 37) fica assim estabelecido:

“O trabalho de desmontagem que realizamos aqui denomina-se *análise mórfica*. (...) A análise mórfica consiste, por conseguinte, na depreensão das formas mínimas dos vocábulos, isolando-se todos os elementos providos de significado. Não é arbitrária nem se confunde com a análise dos fonemas ou das sílabas.”

A esse posicionamento de Monteiro acrescentamos os princípios básicos e auxiliares da análise mórfica indicados por Silva e Koch (2002, p. 20-2), quais sejam: a comutação, a alomorfia, a mudança morfofonêmica (que se subdivide em redução, aparecimento de uma semivogal e troca de consoantes) e a neutralização¹⁸.

¹⁸ A *comutação* (“operação contrastiva por meio de permuta de elementos para o qual são necessários: (a) a segmentação do vocábulo em subconjuntos e (b) a pertinência paradigmática entre os subconjuntos que vão ser permutados”). Depreendem-se desse conceito o morfema lexical, a vogal temática, a marca de modo e tempo, e a marca de número e pessoa; a *alomorfia* (“possibilidade de variação de cada forma mínima”, como, por exemplo, /ria/, que marca o futuro do pretérito, tem uma variante /rie/ e também os morfemas lexicais apresentam variantes: *lordeml, lorden-l, lordin-l*

Adimos a impossibilidade de analisar os signos do “chat”, aqui destacados, de acordo com o modelo anterior, mostrado no item 3.2.1 deste trabalho, em virtude do inusitado presente nesta linguagem. Por isso, listamos, dos processos de formação de palavras exarados por Monteiro (2002, p.191-224), os seguintes casos: o hipocorístico; a acrossemia, a braquissemia, a acrografia, a fonossemia, a redução e ampliação vocabular.

Quando Henriques (2006) faz referência aos três processos especiais de formação das palavras – *abreviação, reduplicação e regressão* – exclui o hipocorístico do processo de formação, por tratar-se de expressão afetiva, portanto, pertinente ao campo da semântica:

Nem toda onomatopéia e nem todo hipocorístico, assim como nem sempre a coincidência parcial ou total de sílabas, são casos de reduplicação. Podem ser simples ocorrências de palavras primitivas [...], de abreviação [...], de aglutinação [...], de justaposição [...] podem também servir para derivações [...] ou composições[...]. (HENRIQUES, 2006, p.90).

têm a mesma significação em *ordem, ordenar e ordinário*, respectivamente”); a *mudança morfofonêmica* (“a *alomorfia* pode ser ou não fonologicamente *condicionada*. A *não-condicionada* implica variações livres que independem de causas fonéticas, como as alternâncias vocálicas em *faz, fez, fiz*. A *fonologicamente condicionada* consiste na aglutinação de fonemas, nas partes iniciais e finais de constituintes em seqüência, acarretando mudanças fonéticas. Trata-se, pois, de *mudança morfofonêmica*, porque, operando entre fonemas, afeta o plano mórfico da língua. São exemplos de mudanças morfofonêmicas a *redução* de /in-/ a /i-/ diante de consoante nasal da sílaba seguinte: *incapaz / imutável*; o *aparecimento de uma semivogal* na forma *passeio* ao lado de *passrear*; a *troca de consoantes* em dúvida indubitável. Conforme se pode verificar pelos exemplos dados, a mudança morfofonêmica é fonte constante de *alomorfia*”); e a *neutralização* (“que consiste na perda da oposição entre unidades significativas diferentes. Como a *alomorfia*, ela pode se dar apenas no *plano mórfico* ou ser *resultante de condicionamento fonológico*. Como exemplo do primeiro caso, tem-se a *neutralização* entre a primeira e a terceira pessoas gramaticais em vários tempos verbais: *cantava – cantava; cantaria – cantaria* etc. Como exemplo do segundo caso, tem-se, em alguns tempos verbais, uma *neutralização* entre a segunda e a terceira conjugação em decorrência da perda de tonicidade da vogal temática, isto é, a *oposição* entre essas conjugações, caracterizada pelas vogais *-e* e *-i*, respectivamente, desaparece quando a vogal temática é átona final: *temes, teme, temem; partes, parte, partem*”).

Finalmente, Martins (2000), ao tratar dos recursos fonostilísticos, assinala os prosodemas, dentre os quais destacamos a duração¹⁹, por se constituir um traço freqüente no “chat”.

Diante do exposto, acreditamos ter implementado as bases constituintes para análise dos signos, que ora poderão ser lingüísticos ora apenas grafemáticos de valor fonostilístico. Para organizar esta exposição, utilizamos o critério de ocorrências semelhantes dentro no texto em exame, agrupando os signos acompanhados de suas respectivas análises.

Neste sentido, em primeiro lugar, denominamos o fenômeno de linguagem, para posterior identificação dos traços morfológicos (dentro do processo de formação de palavras) ou mórficos (cf. Monteiro, 2000, p. 37) ou fonostilísticos (cf. Martins, 2000, p. 26-70) ocorridos nos signos, pois, seguindo a concepção de “linguagem e signo” apresentada por Valente (1997, p. 14-27), acreditamos ampliar nosso foco de observação, pelo ponto de vista da semiótica, para o “chat”.

- Os hipocorísticos

No capítulo da formação dos antropônimos (nomes próprios personativos), o professor Monteiro (2000, p. 209) traça uma especial descrição dos hipocorísticos: “processo apelativo usado na linguagem familiar para traduzir carinho ou qualquer palavra criada por afetividade; em sentido restrito, designam uma alteração morfofonêmica do prenome ou sobrenome”.

Sem confrontar a posição teórica de Henriques (2006, p. 90) e de Monteiro, admitimos a presença do hipocorístico nos nomes transcritos abaixo, por dois

¹⁹ A duração, que não tem função fonológica no português, mas tão-somente expressiva, na língua escrita pode ser marcada pela repetição dos grafemas: *rrrolar*, num exemplo de G. Rosa (*Sag.*, p. 201); *gooooooooool*, em textos vários sobre futebol (MARTINS, 2000, p.58).

motivos: (i) embora o primeiro exemplo ratifique o uso de palavras primitivas, procuramos valorizar o caráter afetivo, que é um traço do hipocorístico; (ii) o segundo exemplo retrata o redobro na primeira palavra mais a abreviação na segunda. Mas como é um nome composto, consideramos como um caso de processo de formação de palavras.

Pelos exemplos do texto em análise, não é difícil atestar esse fenômeno morfológico dos nomes seguintes, observando-se sua tradução:

- □®ä;ñ|-|ãÑëfê®t;te□ (Rainha Nefertite, em referência a Beatriz ou Raquel)
- «x□Tëtê.ç|-|®i§□x» (Tetê Chris, em referência a Teresa Cristina)

Com uma aparência mais sofisticada pelo excesso dos adereços icônicos (□,«x□, □x»), signos não-verbais, que “emolduram” esses nomes, ambos os antropônimos são compostos por justaposição na “forma primitiva” (Rachel Beatriz e Teresa Christina). Conforme Monteiro (2002, p. 207), o primeiro parece ter aproveitado apenas a sílaba *Ra-* na criação do nome icônico, aproximando-se de um caso imperfeito de acrossemia (“formação de prenomes mediante a combinação de sílabas, quase sempre extraídas dos nomes dos pais”); o segundo originou um misto redobro mais composição por aglutinação mais redução, a partir da braquisssemia (emprego de parte de um vocábulo inteiro: *Tetê*, forma reduzida com redobro da sílaba *te-* de *Teresa* + *Chris*, forma reduzida de Christina). Então, eliminando os adereços, temos a seguinte correspondência dos ícones às letras da língua portuguesa: de ®ä;ñ|-|ãÑëfê®t;te: ® = [R], ä = [a], ; = [i], ñ|-| = [nh], ä = [a] Ñ = [N], ë = [e], f = [f], é = [e], ® = [r], t = [t], ; = [i], t = [t], e = [e] e também Tëtê.ç|-|®i§: T = [t], ë = [e], t = [t], ë = [e], ç|-| = [ch], ® = [r], i = [i], § [s]. Além disso, tais nomes

correspondem, respectivamente, à seguinte leitura fonológica: /Rai'ña ne feR 'çi či/ e /te 'te 'kris/.

A partir dessa decomposição dos elementos não-significativos, torna-se possível decifrar esses nomes icônicos. Com isso, observa-se também que as criações icônicas guardam em seu interior uma relativa simbologia analógica com os vocábulos portugueses, tanto no plano da expressão quanto no do conteúdo.

- Entre a acrosssemia e a acrografia

Diz-nos o professor Monteiro (2000, p.193-5) que “as siglas em geral são vocábulos acrossêmicos. Entretanto, quando a seqüência de fonemas não se organiza em padrões silábicos próprios da articulação das palavras portuguesas, não se tem um vocábulo autônomo”. Já a acrografia (grafia em abreviatura) “não constitui processo de formação de vocábulos, se tiver o caráter de ideograma”, pois, “numa acrografia, a letra não vale pelo fonema que costuma representar, mas como símbolo da palavra que evoca”. Assim, os exemplos do texto em estudo parecem apresentar um misto de acrosssemia e acrografia. Vejamos as formas subseqüentes:

- (a) pq (porque)
- (b) vc (você)
- (c) hj (hoje)
- (d) q / t (que / te)

- A fonossema

Termo forjado pelo modelo de braquissemia e acrosssemia, designa o processo de formar onomatopéias (reprodução de um som físico qualquer através de fonemas). Com base em tal definição, observemos as formas abaixo:

- (a) uuuuuuuuuuuuu (forma onomatopaica de alegria [urru])
- (b) aham (forma onomatopaica de afirmação)
- (c) hmmm (forma onomatopaica de impaciência)
- (d) hauhauhauhaua (forma onomatopaica de risos)

Outro dado importante é reconhecer o uso da fonossemia como uma ocorrência freqüente no “chat”. Em muitos casos, essas onomatopéias representam as mesmas formas das revistas em quadrinhos.

Observe-se também que, como um fenômeno fonético de base expressiva, os exemplos (a), (c) e (d) apresentam o traço supra-segmental da duração (cf. nota de rodapé 18).

- A redução vocabular

Segundo Henriques (2000, p. 89), a abreviação ou braquissemia “envolve a redução de um vocábulo geralmente longo, por comodidade expressiva”. Trata-se, então, da transformação de uma palavra em outra mais curta por abreviação, apócope, aférese, contração, evolução fonética, braquissemia, etc. Detectamos fenômenos de redução nas seguintes formas:

- (a) tah (forma verbal está; ocorrência: aférese, queda da sílaba inicial)

- (b) novi (forma nominal novidade; ocorrência: apócope, supressão no final do vocábulo)
- (c) poco (forma nominal pouco; ocorrência: síncope, queda da semivogal medial /w/)
- (d) xops (forma nominal estrangeira por empréstimo: shopping; ocorrência: apócope)
- (e) ta (forma verbal está; ocorrência: aférese)
- (f) to (forma verbal estou; ocorrência: aférese e apócope)
- (g) pegu (forma verbal pegou; ocorrência: apócope)
- (h) ki (forma pronominal que; ocorrência: imitação fonética de [k])

- A ampliação vocabular

- (a) naum (forma adverbial não: ocorrência – aumento do número de letras, fazendo a nasalização com o fonema /m/.)
- (b) razaum (forma nominal razão: ocorrência – aumento do número de letras fazendo a nasalização com o fonema /m/.)
- (c) bjaummm (forma nominal beijão: ocorrência – do ponto de vista fonético, há síncope do ditongo -ei , com aproveitamento vocálico /e/ do nome da letra /b/ (bê), seguido da extensão do som nasal em /m/.)

Nos exemplos (a) e (b), as ampliações acontecem em virtude do transporte da informação de um computador para outro. Ou seja, muitas vezes os aparelhos conectados pela Internet não têm a mesma configuração. Por isso, evita-se o uso dos sinais diacríticos, pois, no transporte das informações, eles deformam o

vocábulo a tal ponto que a informação fica cifrada. Trata-se de um problema de configuração e reconfiguração entre computadores: a informação se altera no percurso entre o emissor e o receptor. Isso explica o fenômeno mórfico de tais ampliações. Em (c), parece haver uma intenção adverbial de intensidade, ou seja, o prolongamento do /m/ não só amplia e intensifica o beijo como marca a duração (cf. nota de rodapé na p. 102), caracterizando um efeito fonostilístico.

Pela análise dos exemplos extraídos do texto em estudo, atestamos as inovações na estrutura mórfica do português, criadas pelos usuários do “chat”. Isso foi possível graças aos pressupostos teóricos da morfologia e da fonostilística aqui explicitados.

Procedendo agora à análise da estrutura sintática do “chat”, faremos o seguinte esclarecimento: dentre as inúmeras pesquisas do Projeto de Estudos da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (PROJETO NURC/SP – NÚCLEO USP), destacamos o artigo de Lygia Corrêa Dias de Moraes (2001, p. 169-188), que examina a sintaxe da língua falada. Procurando adaptar a orientação da autora ao texto III, selecionamos as seguintes unidades para análise gramatical: (A) sintaxe intra-enunciados: exame da (i) estrutura sintática das frases, (ii) organização interna do período e (iii) organização interna da oração; (B) sintaxe interenunciados.

(A) Sintaxe intra-enunciados

(i) Estrutura sintática das frases

Admitindo a distinção tradicional entre frase e oração, compreendemos a frase como uma forma expressiva, de extensão ideológico-material, superior à

oração. Por isso, a acepção frase (“unidade do discurso que varia desde a formulação lingüística complexa até à simples interjeição”) poderá englobar também o que se convencionou chamar de oração (conforme Câmara apud Moraes, 2001, p. 174, oração é uma “frase construída em torno de uma forma verbal”). Por isso, há dois motivos pela opção do uso da expressão frase nesta análise: primeiro, porque a noção de frase contempla o aspecto da interatividade verbal, o que caracteriza o texto (dito conversacional) em foco; segundo, porque, no diálogo estabelecido em situação de reciprocidade virtual, cada enunciado é construído procurando imitar as modulações de “voz” e a conduta de uma interação face a face (no “chat”, isso é muitas vezes expresso via recursos icônicos).

Posto isso, procedemos à interpretação do texto selecionado.

Cada enunciado é indicado pelos nomes icônicos dos enunciadores □@ãjñ|-|ãÑêfê@tjte□ e «x□Tëtë.ç|-|@ĩ§□x», o que caracteriza um traço distintivo entre interações outras e as do “chat”.

Do ponto de vista sintático, na frase (1), há uma explicação referente a uma pergunta implícita. Essa explicação pode ser classificada como uma oração subordinada adverbial causal, visto que se subentende a pergunta cuja resposta é a própria frase (1).

O traço do *continuum* entre fala e escrita aqui exposto é percebido pelo efeito sintático da relação com uma suposta frase enunciada antes da primeira.

No trecho seguinte, é clara a interdependência das orações (1) e (2), seguida de uma seqüência narrativa, em (3) e (4).

No segmento imediato ((5), (6), (7) e (8)) observamos o desenvolvimento de frases independentes que se relacionam como interenunciados que refletem a sintaxe intra-enunciados. O que verificamos? Em (5) há uma oração interrogativa

independente, sintaticamente relacionada à (4), que, em continuidade dialógica, corresponde à coerência dos enunciados. Entre (6) e (7) verificam-se dois enunciados produzidos pelo mesmo enunciador («x□Tëtê.ç|-|®ĩ§□x»). O enunciado (6) responde a (5) e se complementa em (7). Para o leitor captar o sentido dessas construções frasais, deve estabelecer as conexões interenunciativas, observando que cada frase desta seqüência está sintaticamente adequada à gramática.

Assim, em (6), há uma frase nominal, antes da vírgula, em resposta a (5); ainda em (6), após a vírgula, verifica-se uma oração independente. Já em (7) há uma redundância na informação por tratar-se do mesmo enunciador transmitindo uma mensagem semelhante a uma parte de (6). Embora dentro dos padrões da língua portuguesa, (6), (7) e (8) apresentam um truncamento de informação, se considerarmos somente a modalidade escrita da língua.

Em (9) e (10) há um paralelismo entre expressões tipicamente conversacionais: (9) exprime afirmação e (10), impaciência. Isso é detectado pelas informações subseqüentes em (11), (12) e (13), quando □®ãjñ|-|ãÑêfê®tjte□ explica as razões da interrupção do “diálogo”, demonstrando a facilidade no uso dos aplicativos e domínio desses recursos tecnológicos complexos.

A frase (13) está sintaticamente relacionada ao aposto explicativo (enunciado descritivo do namorado da irmã), fazendo alusão ao risco do namoro virtual.

Entre (14) e (19) constata-se uma série de expressões não-lexicais, porém, freqüentes no “chat” que podem ser interpretadas como frases que demarcam supostas orações independentes, de modo implícito, mas dependentes nas relações entre os enunciados.

Em (14) verifica-se uma frase nominal exclamativa; em (15) □®ãjñ|-|ãÑêfê®tjte□ expressa risos manifestados por uma longa interjeição, e em (16)

há um período composto por orações independentes. Em (17) verifica-se outra oração independente, que, no entanto, faz um gancho com (16) por meio do pronome indefinido *isso*. Neste caso, diríamos haver uma relação de dependência, considerando que, em (16), a oração *aaa vc pego o icq do bruno?* estabelece essa relação na lógica entre pergunta e resposta e, em (17), verifica-se o advérbio de negação *naum* encapsulando um enunciado responsivo a (16), seguido de uma oração subordinada substantiva objetiva direta em relação à pergunta em (16). Veja-se o papel do pronome *isso* estabelecendo a conexão entre (16) e (17).

Finalmente, em (18) e (19) há novo paralelismo sintático entre frases nominais refletindo expressões de despedida.

Se traduzirmos esse texto da perspectiva conversacional para a escrita formal, verificaremos algumas perdas cognitivas próprias da oralidade, alterando a carga de informação global, porém, mesmo sem fazê-lo, é possível entender a interação entre □@ã;ñ|-|ãÑêfê@t;te□ e «x□Tëtë.ç|-|@i\$□x», porque a estrutura das frases componentes dos enunciados está dentro dos padrões naturais da língua portuguesa. Por outro lado, essa não é uma perspectiva de análise da AD. Mais adiante, no [item 3.2.3, p. 118 e 119](#), mostramos um modo de analisar esses nomes, de acordo com o quadro teórico formulado por Authier-Revuz.

Então, verificamos, nesta breve análise, a presença de frases curtas com a predominância da coordenação.

(ii) Organização interna do período

De acordo com as inferências de Moraes (2001, p. 181-182) sobre a língua falada, podemos elaborar duas assertivas. A primeira diz respeito à já confirmada

predominância de frases curtas nos textos conversacionais, que se repete no “chat”, e a segunda trata da preferência da coordenação em detrimento da subordinação nos períodos simples ou compostos, visto que a estrutura da coordenação é menos complexa.

Assim detectamos a escassez de orações dependentes: ocorrência apenas em (1) e, na relação intra-enunciados em (16) e (17); a abundância de orações independentes entre (2) e (8), constituindo ora período simples ora composto; a intercalação de expressões nominais (onomatopéias) em (9), (10), (15), (18) e (19); a observância do período misto em (11) e (12), (16) e (17); e a escassez das frases nominais, que aparecem apenas em (14), (18) e (19).

Ressalte-se que não é nosso interesse quantificar ocorrências sintáticas neste trabalho, pois esta é uma pesquisa qualitativa, e neste momento, analisar os elementos gramaticais implica apenas realizar uma das fases de análise do *corpus*.

(iii) Organização interna da oração

Da organização interna das orações, observamos fatos, tais como: a concordância entre o verbo e o sujeito em todos os casos em que ocorre essa estrutura; a quase ausência de pontuação, a ausência de vírgulas e de ponto final, por exemplo, não prejudicam a compreensão do que é dito graças à pouca extensão das frases; a intercalação de frases onomatopaicas e nominais produz o efeito da simulação de conversação, sem prejuízo da comunicação, obediente à gramática da língua.

(B) Sintaxe interenunciados

Dentre os pontos relevantes deste item, destaca-se o caráter do diálogo-confronto instaurado como uma luta entre os interactantes para manter sua participação dialógica, através de marcadores explícitos (em alguns casos) por conjunções coordenativas ou subordinativas ou por interjeições. Tal como acontece nas orações tradicionais da língua portuguesa, esse fenômeno também é perceptível no interior dos enunciados em (9), (10) e (11).

Finalizamos esta fase da análise do *corpus* tecendo algumas considerações parciais sobre o “chat”.

Nos planos morfológico e mórfico, observamos como uma atitude comunicativa trivial, elaborada com períodos e frases geralmente curtos, com predominância da coordenação, tenha revelado a criação sofisticada de vocábulos repletos de fenômenos fonético-expressivos (tendo por base os prosodemas) e morfológicos, tais como o hipocorístico, a acrossemia, a acrografia, a fonossemia, a redução vocabular e a ampliação vocabular.

No plano sintático do texto, foi possível detectarmos a escassez de orações dependentes; a abundância de orações independentes, ora participando de período simples ora composto; a intercalação de expressões nominais (onomatopéias); a observância do período misto; e a escassez das frases nominais. Também o uso dos marcadores explícitos (em alguns casos) por conjunções coordenativas ou subordinativas ou por interjeições, tal como acontece nas orações tradicionais da língua portuguesa, foi registrado no interior de alguns enunciados.

Então, considerando a análise morfossintática a partir dos aspectos microlingüísticos observados, ficamos à vontade para dizer que a estrutura sintática das frases, períodos e orações permanece obediente à lógica da língua portuguesa, ou seja, fiel ao sistema fechado enquanto a estrutura dos vocábulos sofre grande

variação fenomênica, atendendo ao imperativo do uso conversacional específico do “chat”, operado via transformações ícono-tecno-lingüísticas de acordo com o sistema aberto da língua.

Portanto, constatamos, no uso dos signos do “chat”, um significante novo para um mesmo significado; trata-se de uma variabilidade escrita, ou seja, uma transformação mórfica ocorrida somente nos grafemas; pode ser uma espécie de gíria internáutica na forma escrita. Com essas observações, pode verificar-se a análise de outra ordem de discurso.

Enfim, depreende-se que não há motivo para o radicalismo crítico da forma escrita no “chat”, visto tratar-se, acreditamos, de uma variabilidade escrita inédita na língua portuguesa; portanto, uma novidade.

3.2.3 Heterogeneidade mostrada e marcada no “chat”: da morfossintaxe à ilusão de domínio discursivo do sujeito cartesiano

Se todo relacionamento simples desses dois planos [heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva] comporta inevitavelmente uma assimilação redutora de um ao outro, não se deve, por isso, na base de sua irreducibilidade, admitir o fechamento na descrição de um dos dois planos. [...] Acredito ser indispensável reconhecer que essas duas ordens de realidade são irreducíveis mas articuláveis e até mesmo, necessariamente, solidárias. (Authier-Revuz, 1990, p. 32-3).

Tendo em vista os estudos da heterogeneidade enunciativa desenvolvidos por Authier-Revuz, é possível olhar para os textos desta seção e interpretar o *discurso-outro* a partir das formas lingüístico-discursivas, que podem ser analisadas com base nos seguintes procedimentos teóricos: observância das diferentes formas da heterogeneidade mostrada; admissão do interdiscurso; negação de um enunciador estratégico dotado de total domínio sobre a cena enunciativa e seu

enunciado; admissão do binômio estabilização/desestabilização das condições de produção dos discursos/enunciados (que é tratado no item 3.2.4 deste trabalho).

Outra questão importante de se ressaltar é a já mencionada reflexão de Brandão (2001, p. 62) quanto às conseqüências dessa nova perspectiva sobre a lingüística, que remetem a dois deslocamentos: o primeiro passa dos conceitos da lógica e da retórica (tratando a língua como uma representação da realidade) para os conceitos enunciativos (que consideram a língua como uma atividade realizada por um enunciador). O segundo deslocamento “marca a ruptura entre uma concepção humanista-cartesiana de língua e sujeito enquanto espaço de homogeneidades e de sentido enquanto transparência para uma concepção vazada pela noção de heterogeneidade e opacidade”. (Ibid., p. 62).

Repetindo alguns comentários de Authier-Revuz, já referidos neste trabalho, a heterogeneidade mostrada opera no fio do discurso, e torna-se evidente quando insere a questão da alteridade a partir do discurso relatado (DR), sendo este uma das formas de inscrição do discurso outro. Assim, a autora diz que o outro do discurso relatado está nas “formas sintáticas do discurso indireto [DI] e do discurso direto [DD] [que] designam, de maneira unívoca, no plano da frase, um outro ato de enunciação”. No DI, relaciona o locutor ao tradutor (ele usa suas próprias palavras remetendo “a um outro como fonte do ‘sentido’”) e, no DD, o locutor ao “porta-voz” (ele “dá lugar explicitamente ao discurso de um outro em seu próprio discurso”) (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.12).

Nesta análise, enfatizamos o DD, de acordo com a formulação da autora.

Esses são os modos explícitos que destacamos da presença do outro no discurso, que provocam no sujeito a ilusão de um enunciador intencional, i. e., um “sujeito enunciator capaz de escolhas, intenções e decisões”. Assim, Authier-Revuz

(1990, p. 28 e 33) enuncia “a teoria da ilusão subjetiva da fala”, por meio da seguinte assertiva:

As formas marcadas de heterogeneidade mostrada representam uma negociação com as forças centrífugas, de desagregação, de heterogeneidade constitutiva: elas constroem no desconhecimento desta, uma representação da enunciação, que, por ser ilusória, é uma proteção necessária para que um discurso possa ser mantido.

Com essas citações, estabelecemos os elementos que serão interpretados no “chat”, considerando também as observações subseqüentes.

Reconhecendo, por um lado, a influência do dialogismo do círculo de Bakhtin (que prioriza a “reflexão multiforme, semiótica e literária” no interior do discurso, em detrimento do diálogo face a face, inferindo que “as palavras são, sempre inevitavelmente, as palavras dos outros”) e, por outro, constatando as reflexões de Pêcheux, Althusser e Foucault sobre assujeitamento e noção de pré-construto (marca do interdiscurso no intradiscurso), propomos analisar esse *corpus* incomum nas práticas da AD. Esse procedimento procura romper com os modos exclusivamente pragmáticos de análise de textos conversacionais (que, conforme já foi elucidado, os textos do *corpus* são marcados pelo *continuum* fala-escrita), introduzindo, neste trabalho, a possibilidade de aplicar formulações teóricas da AD em fragmentos desses textos extraídos de salas de bate-papo.

Então, reconhecendo a distinção evidente entre dois pontos de vista de análise de textos (o da Pragmática e o da AD), verificamos que o quadro teórico formulado por Authier-Revuz, no que tange à heterogeneidade mostrada, permite observar o *corpus* que ora se apresenta. Aliás, isso já foi dito de várias formas diferentes no decurso deste trabalho.

Como já foi explicitado, esse tipo de heterogeneidade causa no sujeito enunciador a ilusão de um sujeito centrado, dotado de controle do seu dizer.

Diferentemente de Foucault, Guimarães (1987, p. 75-6) conceitua enunciado da seguinte maneira:

O que constitui um enunciado não é o fato de se reunirem, simplesmente, signos, segundo certas regras, já que os enunciados é que constituem tais regras. Nesta linha podemos também dizer que os signos não são os constituintes de enunciados que a eles preexistem.

Desse modo, ao discutir a relação entre signo, língua, linguagem e enunciado, o autor acrescenta que, para os enunciados se constituírem como enunciados, linguagem e discurso, eles constituem os signos, “suas relações e suas condições de funcionamento”. Assim, “os enunciados são linguagem”.

Então, de acordo com o pensamento desse autor, consideramos também cada fragmento de texto aqui apresentado como enunciado, portanto, são linguagem e discurso sujeitos à análise enunciativa/discursiva.

Observemos os fragmentos abaixo.

Fragmento A (do texto III)

- (1) □@ã;ñ|-|ãÑēfe@t;te□ pq naum keria dar esperanças ‘pra ele
 (2) «x□Tētē.ç |-|@İ§□x» aaa tah é c tem razaum

Fragmento B (do texto IV)

- (2) (16:12:43) Bart *fala para* lika: calor e ai
 (8) (16:13:03) lika *fala para* Bart: frio
 (15) (16:13:29) lulu/rose *murmura para* Bart: vcs vão falar com a gente ou com essa lika?
 (28) (16:13:03) lika *fala para* Bart: frio
 (44) (16:13:49) Bart *fala para lulu/rose*: com vcs e claro

Atentemos para os fragmentos: ambos tratam de conversas, que, repetimos, neste trabalho, são enunciados. O fragmento A mostra dois

enunciadores/interlocutores («ãñ|Ñefe@tite» e «xTètè.ç |@i\$»») enquanto o B mostra três (Bart, lika e lulu/rose).

- Análise do fragmento A

Do ponto de vista da análise lógico-gramatical, o enunciado proferido por (1) «ãñ|Ñefe@tite» trata de uma resposta a uma suposta pergunta anterior, que é naturalmente inferida pelo usuário da língua portuguesa, sem dificuldade. Essa pergunta poderia ter sido: *por que vc o tratou daquele jeito?*. É possível fazer uma conexão com uma provável pergunta coerente com a resposta.

Neste diálogo, a interlocução/enunciatária de (2) «xTètè.ç |@i\$» pode dar por encerrado o bate-papo, quando enuncia “aaa tah é c tem razaum”. Isso encerra a relação de um tema interenunciados, mas pode ensejar também a entrada de um novo tema. O tema da racionalidade cartesiana que homogeneiza o sujeito, tornado-o transparente no discurso. Porém, essa é uma ilusão permeada por uma simples atitude polida de encerrar um assunto. Dar razão ao outro é permitir a presença do outro, por meio das palavras que o inserem no discurso: “aaa tah é c tem razaum”; i. e., um discurso outro.

Outra questão a ser observada, do ponto de vista gramatical, é o modo como os signos lingüísticos são referidos nos enunciados, desobedecendo à língua padrão, porém, coerentes com a língua ora em uso, produzida em condições especiais, de modo a permitir as “transgressões gramaticais”, por se tratar de um ambiente virtual interativo e caracterizado também pela fugacidade do tempo.

O uso do pronome na segunda pessoa faz supor um sujeito enunciador dotado de controle do dizer, já que esse discurso se assemelha ao discurso relatado

(DD). Com isso, pode-se observar a presença da modalização autonímica, tal qual formulou Authier-Revuz. É o próprio enunciado incidindo sobre si mesmo; é o próprio sujeito do discurso autocitando-se, sem reformulação.

Considerando a modalização autonímica (cf. nota de rodapé 9, p. 60-61) presente neste fragmento, os signos autônimos □@äñ|-|ãÑēfe@tjte□ e «x□Tëtë.ç|-|@ĩ§□x» necessitam de tradução, reportando os interlocutores a uma outra forma de língua desconhecida do português padrão. Assim, fica evidente a heterogeneidade mostrada por meio de elementos exteriores ao lingüístico (nesses nomes semióticos, a relação de semelhança com os signos lingüísticos do português é mínima) que remetem à alteridade. Depreende-se daí um outro registro discursivo: o da variedade “internáutica”, ou “internetês”, amplamente divulgada e mutuamente construída entre os membros da comunidade do bate-papo. É freqüente, entre eles, a criação de novas comunidades que se constituem por assunto, campo de interesse ou em torno de nomes de pessoas. Ao se criar uma comunidade (qualquer internauta pode fazê-lo), ela é publicada na Rede e todos que tiverem interesse em aderir a ela, o fazem publicamente.

Conforme já enunciamos, Orlandi (2005, p. 94-5) diz que “o interdiscurso (memória) determina o intradiscurso (atualidade)”. Quando admitimos o interdiscurso, nesta análise, reconhecemos a base heterogênea dos discursos que remete às várias posições do sujeito, atravessado por diferentes formações discursivas. Assim, neste fragmento, a posição política e ideológica do sujeito, é marcada pela concordância com o outro. Essa concordância pode ser evidente em qualquer discurso cujos participantes convencem um ao outro. Então, de acordo com Pêcheux apud Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 287), disso se depreende que “cada formação discursiva está de fato dominada pelo interdiscurso”.

Por meio dessa breve incursão analítica, fica patente a alteridade, no fio do discurso, percebida pelo atravessamento de formas da heterogeneidade mostrada, marcada por elementos lingüísticos que, segundo Authier-Revuz (1990, p. 32) “colocam um exterior em relação ao qual se constitui o discurso”.

- Análise do fragmento B

Esse fragmento representa a forma de fala teatral. A interlocução é pontuada pela marcação de tempo (elemento extralingüístico) e pela entrada autonímica das falas. Ex.: (2), (8) e (15).

Observem-se os verbos “falar” e “murmurar”. Ambos introduzem falas, porém, o primeiro caso, configurado na relação (2) e (8) remete a um sujeito enunciador que se auto-enuncia e se auto-representa no discurso. Em seguida, os enunciados de Bart e de lika (calor ai; frio) dizem respeito a um discurso outro, ou seja, a um discurso que vem de outro lugar. Dessa maneira fica marcada a alteridade em ambos os casos.

Qual o significado de uso dos verbos “falar” e “murmurar”? A distinção de significado entre “falar”, em (44) e “murmurar”, em (15) está em um registro de forma da heterogeneidade não-marcada que se traduz pela encenação de uma entonação (murmurar = queixar em voz baixa; falar = pontuar a entrada de fala explícita).

Também o uso do itálico reforça a alteridade, considerando as observações de Authier-Revuz quanto à relação *uso/menção*. Aqui se verifica menção no DD, portanto, a ilusão que o enunciador tem de reprodução do próprio discurso, numa atitude meta-enunciativa do seu dizer. Por exemplo: em (2), (16:12:43) Bart *fala para* lika: calor e ai.

Em suas observações sobre o discurso relatado, Authier-Revuz (1998, p. 150-6), ao confrontar o DD e o DI, faz as seguintes considerações: a) no que tange ao estatuto semiótico, o DD, faz *uso e menção*, portanto é heterogêneo e o DI faz *uso*, por isso é homogêneo; b) quanto à estrutura sintática, o DD apresenta duas construções, sendo heterogêneo, e o DI, uma única construção (aparece como oração substantiva), considerado, por isso, homogêneo; c) sobre a modalidade da enunciação, o DD possibilita uma asserção, como a interrogação, por exemplo, i. e., uma intercalação de modalização sendo heterogêneo. Já o DI faculta apenas uma modalidade de enunciação, portanto, homogênea; d) em respeito às indicações dêiticas, o DD tem uma estrutura heterogênea e o DI, homogênea; e) quanto às descrições definidas, no DD os interlocutores são escolhidos, possibilitando a heterogeneidade e no DI isso não ocorre, facultando-lhe o caráter homogêneo.

Mediante tais considerações, verificamos que a estrutura do DD no “chat” contempla o perfil heterogêneo do discurso.

Observe-se que as formas da heterogeneidade mostrada e marcada de conotação autonímica sugerida por Authier-Revuz, na linguagem de “chat”, parece produzir um outro efeito diferente daquele exemplificado pela autora como sendo marcas do discurso relatado (DR). Em verdade, o fragmento B apresenta marcas de um discurso em curso, por seu caráter de simulação dos processos de interação verbal.

Acontece que o relato, na interação virtual, é construído na própria cena enunciativa, assim como, na fala, os discursos são produzidos na interação face a face. Isso confere ao “chat” evidência da materialidade do discurso à qual se refere Orlandi (2004, p. 36): “um deslocamento fundamental, no estudo da linguagem,

permite passar do *dado* para o *fato*. Este deslocamento, por sua vez, nos coloca no campo do acontecimento lingüístico e do funcionamento discursivo (= historicidade).

Lembramos que essa heterogeneidade mostrada no DD aliada à historicidade permite olhar para o “chat” e identificar nele a ilusão da intencionalidade que o sujeito cartesiano do discurso tem a respeito de seu dizer.

3.2.4 Condições de produção do “chat” paralelo ao “blog”

Para tratar das condições de produção do “chat”, propomos inserir um “blog” e dois fragmentos de “chat”, neste item, a fim de desenvolver um comentário em confronto. Nosso objetivo é evidenciar a semelhança entre ambos os textos, verificando os pontos congruentes das condições em que eles são produzidos.

Procedendo do mesmo modo em relação às análises precedentes, transcrevemos o texto I e os fragmentos dos textos III e IV.

TEXTO I

Mensagens deixadas em um blog:

www.blogdapiolha.blig.com.br

(Bia, Marcelli e Paula – 7ª série, 13 anos)

Por: Marcelli

- (1) Pó, deve ser mto irada essa aula de handball. Paulinha queria saber se vc vai na studio (2) nesse domingo, se for deixa uma mensagem no icq.
- (3) Bjocas celly

Por: Paula

- (4) Oi Vi que vc eh minha xará..cool
- (5) vou passar sempre aki no seu blog pq eh uma gracinha.
- (6) Bye-Bye Paulinha (huahua)

Por: Aline

(7) Quem me dera ter alguém pra poder sair hoje... aki em salvador tb tá chovendo, mas eu (8) naum tô com a mínima vontade de ficar em casa... queria sair com alguém, mas parece (9) ki todo mundo ta preguiçoso hoje... sou uma excessão!

(10) Bjoks!!

Por: Bia

(11) Aloha!!! Blz com vc?

(12) Desculpe a demora... mas enfim estou aki. Valew pela visita.

(13) Entau vc está escrevendo um livro... que legal... pq vc não publica alguns trechos dele

(14) aqui no seu blog, para escutar algumas opiniões, hein?

(15) Beijos

(16) Bia

TEXTO III

Fragmento A

(1) □@ã;ñ|-|ãÑēfe@t;te□ pq naum keria dar esperanças ‘pra ele

(2) «x□Tëtë.ç |-|@ï§□x» aaa tah é c tem razaum

TEXTO IV

Fragmento B

(2) (16:12:43) Bart *fala para* lika: calor e ai

(8) (16:13:03) lika *fala para* Bart: frio

(15) (16:13:29) lulu/rose *murmura para* Bart: vcs vão falar com a gente ou com essa lika?

(28) (16:13:03) lika *fala para* Bart: frio

(44) (16:13:49) Bart *fala para* lulu/rose: com vcs e claro

Podemos dizer que o “blog” e o “chat” são textos produzidos para circular em uma sociedade tecnológica (cujas características são a descontinuidade, a fragmentação, a simultaneidade, a rapidez), complexa (que enfrenta problemas cotidianos, tais como a ruptura das normas sociais, a desagregação familiar, a cidadania, a exclusão social, o consumismo, a serialização, o surgimento das tribos urbanas, a inversão de papéis e valores, a violência, os crimes etc.) e paradoxal (por

uma certa ascendência neo-barroca em relação ao confronto ou à tolerância dos contrários em vários setores sociais).

Por isso perguntamos: em que contexto histórico e de situação ocorre esse tipo de comunicação? Por que o “chat” e o “blog” fazem uso de uma variação fala/escrita da língua tão diferenciada? Por que o privado se torna público nesse gênero de comunicação? Que efeitos de sentido o “chat” e o “blog” trazem para a comunidade que os adota como meio de comunicação? O “chat” pode ser interpretado como uma simples interação verbal? Em que medida a historicidade pode ser caracterizada nesses discursos?

Antes de responder a tais questionamentos, voltemos ao item 1.3 desta dissertação, que situa historicamente os inícios dessa forma de comunicação, desenvolvida primeiramente pelo Pentágono norte-americano. Voltemos também nossa atenção para o item 3.1.4, que explicita algumas noções de hipertexto, desde a inauguração da “Web”, a partir do modelo protótipo idealizado pelo físico inglês Tim Berners Lee.

Hoje deparamo-nos com produções escritas do gênero dos textos I, III e IV, já que a “Web” acabou por gerar uma cultura de Rede, alterando as formas de comunicação interativa e virtual para todo o sempre, bem como o comportamento social delas decorrentes.

É curioso observar como um artefato de guerra tão sigiloso, gerador da criptografia e de seus derivados e causador de tantos males à sociedade global, tenha findado por cair nas graças de jovens descomprometidos com o dizer, compartilhando aparelhos eletrônicos altamente sofisticados para dizer o “mesmo”. A voz de Orlandi (2004, p. 16) ecoa de outras paragens na direção desse pensamento: “produzem realmente a multiplicação (diversificação) dos meios, mas ao mesmo

tempo homogeneízam os efeitos. Daí uma idéia de criatividade caracterizada pela deslimitada produção (a enorme variação) do ‘mesmo’.

De acordo com Marcuschi (2000, p. 87-108), a propriedade do hipertexto é ser: “não-linear, volátil, topográfico, fragmentário, de acessibilidade ilimitada, multissemiótico e interativo: é uma costura geral de discursos e não a construção de um discurso unidirecionalmente ordenado.”

Entendemos que o hipertexto funciona sob uma condição estritamente organizacional de leitura não-linear, do mesmo modo que os textos da mídia impressa, porém, seu caráter especial reside no fato de ele não permitir a reprodução das condições do espaço virtual. Essa condição de produção lhe imprime uma função específica incomparável.

Quanto às suas finalidades, o hipertexto foi criado para ampliar os recursos da mídia, em virtude da demanda da sociedade contemporânea.

Então, o “chat” e o “blog”, com alguma característica de hipertexto, são aqui tratados como textos eletrônicos produzidos em condições muito especiais, visto que eles também não impedem o acesso a vários “links” em meio a uma interação verbal.

Refletindo sobre os textos I, III e IV, podemos responder às questões iniciais.

1^a) Tanto o “chat” quanto o “blog” se posicionam no contexto histórico da contemporaneidade e de situação variável, pois contemplam o caráter do virtual e da irreverência no uso da língua (uma consequência das características da sociedade tecnológica de informação: a pós-modernidade).

2^a) A variabilidade fala/escrita é imbricada, em decorrência da necessidade social de uma comunicação verbal, que produza o efeito da presença simulada dos enunciadores/interlocutores, permeada pela virtualidade.

3ª) As informações pessoais tornam-se públicas, demonstrando sua consonância com a inversão de valores²⁰ e, em muitos casos, pela necessidade narcísica do exibicionismo (por exemplo: parece que a vida é um “show”, como exibem os “clubers” ou pessimista, como mostram os “góticos” ou violenta, como reagem os “skin hads”). O uso da primeira pessoa do singular (eu) se dilui na primeira pessoa do plural (nós) que em ação reflexa, especular, produz imagens do “mesmo” no outro (social) que luta para diferenciar-se do Outro (inconsciente).

4ª) Sobre os efeitos de sentido, dizemos que, entre os enunciadore/interlocutores, no texto I, observa-se o paradoxo neo-barroco em virtude do truncamento de informações e, nos fragmentos A e B dos textos III e IV, a descontinuidade, o dialogismo no diálogo unívoco locutor/alocutário, simulado no DD, já que estes incorporam suas funções, denunciando, no fio do discurso, o papel social do *outro*; um ato de enunciação outro, para dizer o mesmo. Em conseqüência, essa interpretação vai ao encontro do sujeito clivado, barrado, dividido que se dilui no Outro, instaurando a opacidade desse sujeito.

5ª) A interação verbal (virtual) é óbvia no “chat”, mas não apenas isso, pois pode notar-se a sofisticação na criação dos nomes icônico-simbólicos dos enunciadore/interlocutores, o modo descontínuo entre os enunciados/falas e a pontuação de enunciados semelhante ao modo do diálogo dramático, teatral (mesmo reconhecendo que, hoje, a AD descarta a interpretação das máscaras).

²⁰ Sobre a concepção filosófica de valor (característica de coisas que são preferidas, mais ou menos desejadas, julgadas superiores e desejáveis), a sociedade tecnológica ocidental suscitou uma mudança irreversível nos conceitos de público e privado. Se, no passado histórico (séc. XVI, por exemplo), a vida íntima dos reis era pública, i. e., “pertencia ao povo”, era natural, pelo fato de essas personalidades políticas exercerem um papel social sobre o qual não lhes era permitido conservar uma vida privada. Hoje, com a Internet, o público se transformou em espetáculo. E qualquer pessoa pode publicar sua intimidade em “sites” de variada natureza, da mais ingênua à mais obscena. Ou seja, a futilidade do exibicionismo assumiu uma importância sem precedentes, quando leva à coletividade o conhecimento de “tudo” a respeito do outro. Nesse sentido é que consideramos a inversão de valores neste trabalho.

6ª) A historicidade, *como conjunto de fatores que constituem a história de uma pessoa e que condicionam seu comportamento em uma dada situação*, é caracterizada pela própria descontinuidade, fragmentação, pelo paradoxo e pelo deslocamento espacial (do papel para a tela do computador) e se projeta na materialidade da língua, através dos enunciados/discursos, mostrando um sujeito clivado com características semelhantes às desses enunciados/discursos, no contexto da “Web”.

Então, as condições de produção do “chat” e do “blog” esbarram na questão primordial da AD3, a do sujeito do discurso. Isso pode ser demonstrado a partir dessas respostas que, sem qualquer pretensão hierárquica, nos fazem refletir sobre a passagem da transparência para a opacidade no fio do discurso.

Finalmente, conforme enunciamos no primeiro parágrafo do item 3.2.3 desta dissertação, admitimos o binômio estabilização/desestabilização das condições de produção dos discursos/enunciados do *corpus* analisado.

4 À GUIA DE CONCLUSÃO

Dominique Maingueneau, em entrevista concedida à Folha Dirigida, em 05-12-2006, comenta que o discurso é uma coisa nova. No passado, a linguagem “era estudada como uma projeção do pensamento”. Com a AD, fica patente que o discurso não é só linguagem. O falar está dentro da sociedade, implica interação entre os falantes. “Não se pode mais fazer psicologia, sociologia ou filosofia sem se ocupar dessa dimensão”. Daí se pode dizer: sem pôr a linguagem do “chat” em discussão.

Já que “falamos sempre por meio de um dispositivo”, verificamos que o dispositivo dos internautas é o gênero “chat” disseminado na mídia eletrônica. Isso nos leva a crer que não existe uma fala absoluta; portanto o discurso é tão relativo quanto os homens. E compete à AD contribuir para as reflexões do homem comum sobre a sua existência, em busca de soluções para a problemática social.

Considerando os comentários precedentes, desde o ato descritivo ao interpretativo desenvolvido nesta dissertação, assumimos a seguinte atitude responsiva: em relação aos elementos lingüísticos, observamos (i) o uso de novos significantes para um mesmo significado; (ii) a morfologia e a sintaxe interagem dentro da lógica da realização dos enunciados/discursos do “chat”, conferindo a estes o efeito de sentido próprio da internáutica; (iii) a palavra cifrada, no “chat”, pode causar algum estranhamento ao leitor, porém aquele que se detiver na análise das formas consegue decifrá-las facilmente; (iv) e (v) o termo criptografia é utilizado neste trabalho metaforicamente, portanto, *stricto sensu*, os internautas não produzem mensagens criptografadas; eles usam os elementos paralingüísticos e os “emoticons” aliados aos caracteres da língua portuguesa, de forma

descomprometida, como uma brincadeira, um jogo, forma esta característica do jovem; (vi) o estudo dessa linguagem do “chat” pode contribuir para o ensino da morfologia da língua portuguesa e ainda estabelecer reflexões sobre o uso da linguagem no contexto de Rede.

Qual é o impacto dessas análises sobre o ensino da morfologia portuguesa? Pelo estudo dos textos aqui apresentados, atestamos as inovações na estrutura mórfica do português, criadas pelos usuários do “chat”. Isso foi possível graças aos pressupostos teóricos da morfologia e da fonostilística já explicitados. Assim sendo, o professor de língua portuguesa pode utilizar um material semelhante ao do *corpus* deste trabalho para análises morfossintáticas em aula.

Dos planos morfológico e mórfico, ele pode trabalhar com essa criação sofisticada de vocábulos repletos de fenômenos fonético-expressivos (tendo por base os prosodemas) e morfológicos, tais como o hipocorístico, a acrossemia, a acrografia, a fonossemia, a redução vocabular e a ampliação vocabular. Do plano sintático, o professor pode elaborar exercícios para que seus alunos detectem, nos períodos simples e ou compostos, as orações dependentes e independentes, a intercalação de expressões nominais (onomatopéias) e as frases nominais.

Além disso, o olhar lançado sobre os textos do ponto de vista enunciativo/discursivo também é uma novidade que poderá ser implementada em sala de aula.

Em relação aos elementos exteriores ao lingüístico, respondemos: (i) e (ii) em virtude da heterogeneidade mostrada pelo DD, as frases se repetem de forma unívoca (isso toca a indagação-cerne da AD, quanto à posição do sujeito não-cartesiano: “Como ser único e repetível ao mesmo tempo?”); (iii) e (iv) questões subseqüentes às anteriores, a originalidade do dizer remete ao Adão mítico de

Bakhtin; (v) e (vi) o sujeito do discurso, no “chat”, é denunciado no fio discursivo pelas marcas da heterogeneidade mostrada; (vii) essas mesmas marcas ostensivas no discurso iludem o sujeito, que se considera o planejador estratégico de seu dizer; (viii) a marcação de tempo nos enunciados/discursos do “chat” promovem o efeito da heterogeneidade mostrada e marcada nesse recurso discursivo dos internautas; (ix) a posição do sujeito na cena enunciativa é virtual, atravessada pelo discurso outro; (x) do ponto de vista da AD3, em vez de proteção de faces, preferimos observar as posições do sujeito na materialidade do discurso por meio da análise dos efeitos ícono-tecno-discursivos na esfera social do “chat”; (xi) esse estudo transita da transparência, evidenciada nas formas marcadas da heterogeneidade mostrada, para a opacidade, evidenciada nas formas não-marcadas, até diluir-se no Outro, porque se admite o interdiscurso; (xii) do exterior desses enunciados/discursos vem o atravessamento dos discursos, onde o sujeito é assujeitado e não-cartesiano; (xiii) para a AD, as formas explícitas do dizer, através dos elementos paralingüísticos presentes no “chat”, estão relacionadas à historicidade, portanto, a questão da perplexidade social diante dessas formas é secundária; (xiv) as condições de produção do “chat” estão analisadas no item 3.2.4. deste trabalho.

Acreditamos que as formas de alteridade, marcadas pela heterogeneidade mostrada nos fragmentos em análise, tenham sido explicitadas com base nas noções de signo-padrão e signo autônomo, modalização autonímica e menção, bem como em algumas observações gramaticais dos enunciados.

Além disso, parece mesmo que as formas de heterogeneidade marcada aqui evidenciadas produzem o efeito de ilusão de um locutor pleno na estratégia do jogo da comédia interacional. Conforme afirma Authier-Revuz (1990, p. 39), essa ilusão é,

para o sujeito, “uma estratégia de proteção para si próprio e para seu discurso face à ameaça incontornável da heterogeneidade constitutiva.”

Enfim, o comportamento lingüístico e de linguagem analisado nesta dissertação leva-nos a registrar a ironia de um dizer socioculturalmente construído pelo homem ocidental. Do ponto de vista histórico-sociocultural, perguntamos: como pôde uma linguagem “hard”, criada na rigidez de um âmbito militar, etnocentrista (que lida com a vida e a morte) transformar-se numa linguagem “soft”, irreverente, desenvolvida num âmbito jocoso de jovens descomprometidos com as convenções oficiais do código escrito, anti-etnocentrista?

5 BIBLIOGRAFIA

AGUILERA, Maria Verônica. As várias faces da linguagem. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 05 dez. 2006. Entrevista (Dominique Maingueneau).

ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e a suas regras*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

AMARAL, Maria das Graças L. M. do. Estratégias enunciativas e efeitos de sentido. In: III CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, Rio de Janeiro, ago. 1999. Artigos. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/anais/anais%20CNLF34.html>>. Acesso em: 19 maio 2006.

A POLÊMICA linguagem da internet. **O Globo**, Rio de Janeiro, 05 abr. 2006.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. *Iniciação à sintaxe do português*. 7. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Tradução Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. Observações no campo do discurso relatado. In: *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas, SP: Unicamp, 1999.

_____. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 19, Campinas, SP, Unicamp, jul./dez. 1990.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 3. ed. Tradução do francês: Maria Ermantina Galvão; revisão da tradução: Maria Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Procedimentos e recursos discursivos da conversação. In: PRETI, Dino (Org.). *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. 2. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.

BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* 8. ed. São Paulo: Ática, 1995.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Da língua ao discurso, do homogêneo ao heterogêneo. In: BRAIT, B. (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas: Pontes/Fapesp, 2001.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 6. ed. Vozes, 1975.

_____. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2. ed. preparada pelo professor Raimundo Barbadinho Neto, conforme indicações deixadas pelo autor. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

_____. *Problemas de lingüística descritiva*. 19. ed. Petrópolis, Vozes, 2002.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DOS DIÁRIOS íntimos aos blogs. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 out. 2004.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. *Dicionário das ciências da linguagem*. 2. ed. Edição portuguesa orientada por Eduardo Prado Coelho. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1974.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FORTES, Débora. A nova internet. **Revista Info Exame**, São Paulo, Abril, n.193, ano 17, p. 84-5, abr. 2002.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução: Selma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRANZOIA, Ana Paula; GONÇALVES FILHO, Antônio. O português.com. **Revista Época**, Rio de Janeiro, Globo, p. 54-5, 09 set. 2002.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: *Sociolingüística interacional*. RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2002a. p. 13-20.

_____. "Footing". In: *Sociolingüística interacional*. RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2002b. p.107-148.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. 10. ed. Tradução: MariaCélia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 2002c.

GUIMARÃES, Eduardo. Os estudos sobre a linguagem: uma história das idéias. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/fremereport.html>>. Acesso em: 02 jul. 2002.

_____. Enunciação e história. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989. p. 71-79.

HENRIQUES, Cláudio Cezar; SIMÕES, Darcília Marindir P. (Orgs.). *A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática*. 2. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. *Morfologia portuguesa em perspectiva sincrônica: teoria e prática*. Rio de Janeiro: UERJ, 2006. Mimeografado.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. 2002.

INFO EXAME, nov., 2002, p. 65.

INSTITUT I NICOD.....PEOPLE: François Récanati, 2006. Disponível em: <<http://www.institutnicod.org/notices.php?user=Recanati>>. Acesso em: 26 maio 2006.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

_____. *Morfemas do português*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Tradução Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

LEITE, Marli Quadros. Língua falada: uso e norma. In: PRETI, Dino (Org.). *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. 2. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, p. 179-208, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. Introdução. In: *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

_____. *Termos-chave da AD*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001a.

_____. O hipertexto como um novo espaço de escrita na sala de aula. In: AZEREDO, José Carlos de (Org.). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. Transcrição de conversações. In: *Análise da conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2001b.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística: a expressividade da língua portuguesa*. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: T. A. Queiroz: 2000.

MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

MENEZES, Débora. Tecnologia ao alcance de todos. **Revista Nova Escola**, São Paulo, Abril, n. 195, ano 21, p. 30-7, set. 2006.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

MORAES, Lygia Correa Dias de. A sintaxe da língua falada. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. 5. ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM & BENTES (Org.). *Introdução à lingüística*. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

NEVES, Tânia. Vc tem medo de ICQ???????. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, Jornal da família, domingo, 09 nov. 2003.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, M. A Análise de Discurso: três épocas. In: GADET F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1993.

PORTUGUÊS AMEAÇADO. **O Dia**, Rio de Janeiro, 09 set. 2001.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de conteúdo e análise do discurso: o lingüístico e seu entorno. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. (Mimeografado)

SERRANI, Silvana M. *A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição na discursividade*. 2. ed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1997.

SILVA, Deonísio da. Nas telas e nas telinhas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, Caderno B, 28 mar. 2005.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Lingüística aplicada ao português: morfologia*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SIMÕES, Darcília. *Fonologia em nova chave: considerações sobre a fala e a escrita*. 2. ed. corrigida e atualizada. Rio de Janeiro: H. P. Comunicações, 2005.

TEIXEIRA, Marlene. In: AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Tradução Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. Orelhas.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º. 6. ed.* São Paulo: Cortez, 2001.

UOL BIBLIOTECA. *Uol – Babylon* para traduções online. Disponível em: <http://www1.uol.com.br/babylon>. Acesso em: 02 dez. 2006.

VALENTE, André. *A linguagem nossa de cada dia*. Petrópolis: Vozes, 1997.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. Gramática do Texto. In: *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

XAVIER, Antônio Carlos; SANTOS, Carmi Ferraz. O texto eletrônico e o gênero do discurso. **Veredas – Revista de Estudos Lingüísticos**. Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 4, n. 1, jan./jun. Juiz de Fora: UFJF, 2000.

_____. Processos de referenciação no hipertexto. **Línguas e Instrumentos Lingüísticos n. 8**. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Pontes, 2002.

WIKIPÉDIA. *Enciclopédia eletrônica*. Passado da internet. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet>>. Acesso em: 15 nov. 2006.

_____. *Criptografia*. Disponível em <http://wikipedia.org/wiki/Criptografia>>. Acesso em 14 fev. 2007.

6 ANEXOS

TEXTO I²¹

Mensagens deixadas em um blog:

www.blogdapiolha.blig.com.br

(Bia, Marcelli e Paula – 7ª série, 13 anos)

Por: Marcelli

- (1) Pó, deve ser mto irada essa aula de handball. Paulinha queria saber se vc vai na studio (2) nesse domingo, se for deixa uma mensagem no icq.
 (3) Bjocas celly

Por: Paula

- (4) Oi Vi que vc eh minha xará..cool
 (5) vou passar sempre aki no seu blog pq eh uma gracinha.
 (6) Bye-Bye Paulinha (huahua)

Por: Aline

- (7) Quem me dera ter alguém pra poder sair hoje... aki em salvador tb tá chovendo, mas eu (8) naum tô com a mínima vontade de ficar em casa... queria sair com alguém, mas parece (9) ki todo mundo ta preguiçoso hoje... sou uma excessão!
 (10) Bjoks!!

Por: Bia

- (11) Aloha!!! Blz com vc?
 (12) Desculpe a demora... mas enfim estou aki. Valew pela visita.
 (13) Entau vc está escrevendo um livro... que legal... pq vc não publica alguns trechos dele
 (14) aqui no seu blog, para escutar algumas opiniões, hein?
 (15) Beijos
 (16) Bia

²¹ Embora o blog não corresponda à interatividade comunicativa, ele consta como parte integrante deste *corpus*, por apresentar uma configuração hipertextual curiosa pelo fato de haver perguntas e respostas, de um modo semelhante às ocorrências do “chat”. Também é útil para a análise em confronto com o “chat”, no item 3.4.2. desta dissertação.

TEXTO II

(Diego e Sérgio – 2ª série do Ensino Médio, 16 anos)

- (1) *Sérgio – E ai kra blz?? Como vc tah?? E ao final de semana. K7 ai vamo chamar as
- (2) mulé pra ir no cini.
- (3) *Diego – trank vamo, qd vai c????
- (4) *Sérgio – po ai vamo mark de ir no sabado
- (5) *Diego – po vo vê com o meu velho
- (6) *Sérgio – Rlx, depois c liga pra minha Ksa, qd puder T+ Vlww Flww
- (7) *Diego – Vlww Brow, show
- (8) By
- (9) (.=CsKT@Z=.)
 .=(^.^)=.
- (10) And
- (11) ¿PeTeR¿

TEXTO III

(Beatriz , Rachel e Tetê – 1ª série do Ensino Médio, 15 anos)

- (1) @ãjñ|-ãÑëfê@tjte □ pq naum keria dar esperanças ‘pra ele
- (2) «x□Tëtë.ç|-|@i\$□x» aaa tah é c tem razaum
- (3) @ãjñ|-ãÑëfê@tjte □ ih vc tem novi?
- (4) «x□Tëtë.ç|-|@i\$□x» bom ontem sentei na frente do bruno ai ai..hj fui a
- (5) praia e a piscina minha mãe tah resolvendu a parada doc achorrooo uhuuuuuuuuu e
- (6) daqui a poco a gente vai pro shopping...só
- (7) @ãjñ|-ãÑëfê@tjte □ ki xops?
- (8) «x□Tëtë.ç|-|@i\$□x» recreio shopping, amanha a gente vai pro barrashopping
- (9) «x□Tëtë.ç|-|@i\$□x» hj fui no barra
- (10) @ãjñ|-ãÑëfê@tjte □ tava legal lah?
- (11) «x□Tëtë.ç|-|@i\$□x» Aham
- (12) «x□Tëtë.ç|-|@i\$□x» Hmmm
- (13) @ãjñ|-ãÑëfê@tjte □ desculpe ta demorando é pq to mandando um email pro
- (14) Leonardo ligeirinho .. akele namorado da minha irmã da net
- (15) «x□Tëtë.ç|-|@i\$□x» fala pra ela tomar cuidado hein
- (16) @ãjñ|-ãÑëfê@tjte □ ki horror menina!!!!
- (17) «x□Tëtë.ç|-|@i\$□x» Hauahuahauhuahauhauh
- (18) «x□Tëtë.ç|-|@i\$□x» klma tah to brinkndu aaa vc pego o icq do bruno?
- (19) @ãjñ|-ãÑëfê@tjte □ naum.. issu q eu ia t perguntar..
- (20) «x□Tëtë.ç|-|@i\$□x» ok.. bjaummm
- (21) @ãjñ|-ãÑëfê@tjte □ bjoksss xauuuu

TEXTO IV

(Rafael – 1ª série do Ensino Médio, 15 anos)

- (1) (16:12:38) **01540** *fala para* Ret carente =^.^=: kd vc
- (2) (16:12:43) Bart *fala para* lika: calor e ai
- (3) (16:12:45) Ret carente =^.^= *fala para* 01540: to aqui!
- (4) (16:12:45) forest *fala para* Popozuda: tenho 15 anos
- (5) (16:12:47) **Popozuda** *fala para* TaRzAm: se vc quiser
- (6) (16:12:59) Ret carente =^.^= *fala para* 01540: Qual é o seu nome?
- (7) (16:13:01) forest *fala para* Popozuda: qual é o seu nome
- (8) (16:13:03) lika *fala para* Bart: frio
- (9) (16:13:03) vivi: entra na sala...
- (10) (16:13:12) ¥¥¥LiLi¥: sai da sala
- (11) (16:13:14) TaRzAm *fala para* Popozuda: QUANTOAS ANOS
- (12) (16:13:16) **Popozuda** *fala para* forest: qual seu cel
- (13) (16:13:18) DOTADO sorri para Paulinha: NÃO ENTENDI OQUE SIGNIFICA MGA
- (14) (16:13:26) gato do icq: vivi quer tc
- (15) (16:13:29) lulu/rose *murmura para* Bart: ves vão falar com a gente ou com essa lika?
- (16) (16:12:59) Ret carente =^.^= *fala para* 01540: Qual é o seu nome?
- (17) (16:13:01) forest *fala para* Popozuda: qual é o seu nome
- (18) (16:13:03) lika *fala para* Bart: frio
- (19) (16:13:03) vivi: entra na sala...
- (20) (16:13:12) ¥¥¥LiLi¥ : sai da sala
- (21) (16:13:14) TaRzAm *fala para* Popozuda: QUANTOAS ANOS
- (22) (16:13:16) **Popozuda** *fala para* forest: qual seu cel
- (23) (16:13:18) DOTADO sorri para Paulinha: NÃO ENTENDI OQUE SIGNIFICA MGA

- (24) (16:13:26) gato do icq: vivi quer tc
- (25) (16:13:29) lulu/rose *murmura para* Bart: vcs vão falar com a gente ou com essa lika?
- (26) (16:13:35) **01540** *fala para* Ret carente =^.^=: Ricardo e vc
- (27) (16:13:37) **forest** *fala para* Popozuda: naum uso o meu cel
- (28) (16:13:03) lika *fala para* Bart: frio
- (29) (16:13:03) vivi: entra na sala...
- (30) (16:13:12) ¥¥¥LiLi¥ : sai da sala
- (31) (16:13:14) TaRzAm *fala para* Popozuda: QUANTOAS ANOS
- (32) (16:13:16) **Popozuda** *fala para* forest: qual seu cel
- (33) (16:13:18) DOTADO sorri para Paulinha: NÃO ENTENDI OQUE SIGNIFICA MGA
- (34) (16:13:26) gato do icq: vivi quer tc
- (35) (16:13:29) lulu/rose *murmura para* Bart: vcs vão falar com a gente ou com essa lika?
- (36) (16:13:35) **01540** *fala para* Ret carente =^.^=: Ricardo e vc
- (37) (16:13:37) **forest** *fala para* Popozuda: naum uso o meu cel
- (38) (16:13:39) **Popozuda** *fala para* forest: Gabriela e o seu
- (39) (16:13:45) O KRA: entra na sala
- (40) (16:13:45) vivi fala para gato do icq: sim
- (41) (16:13:45) **Ret carente =^.^=** *fala para* 01540: Renata
- (42) (16:13:47) as pagodeiras: entra na sala...
- (43) (16:13:48) ¥¥¥LuLu¥: entra na sala...
- (44) (16:13:49) Bart *fala para* lulu/rose: com vcs e claro
- (45) (16:13:49) ¥¥¥LiLi¥:entra na sala
- (46) (16:13:51) **Popozuda** *fala para* TaRzAm: 14 e vc
- (47) (16:13:52) NANDA: entra na sala...
- (48) (16:13:53) **forest** *fala para* Popozuda: gabi?????????????????????????????
- (49) (16:13:55) gato do icq *fala para* vivi: de onde tc

- (50) (16:13:56) TaRzAm *fala para* Popozuda: POPO VC TEM CELULÁ?
- (51) (16:13:57) as pagodeiras *grita com* TODOS: ALGUEN QUER TC ??????/
- (52) (16:13:58) 01540 *fala para* Ret carente =^.^=: Seu nome é lindo
- (53) (16:14:00) DOTADO *sorri para* Paulinha: CADE VC GATA
- (54) (16:14:03) Paulinha *fala para* DOTADO: MARINGÁ, E AGORA VOCÊ ENTENDE.
- (55) (16:14:08) vivi *fala para* gato do icq: de minas gerais
- (56) (16:14:10) ¥¥¥LiLi¥ *fala para* ¥¥¥LuLu¥: onde vc foi parar????
- (57) (16:14:11) O KRA: Tem alguma gata querendo tc
- (58) (16:14:12) forest *fala para* Popozuda: tcf com outro gata????????????????, a naum
- (59) (16:14:14) Popozuda *fala para* forest: e seu tel
- (60) (16:14:15) TaRzAm: sai da sala
- (61) (16:14:20) gato do icq *fala para* vivi: sou de ctba
- (62) (16:14:22) lulu/rose *murmura para* Bart: e por que estão falando se está frio ou calor (63) aí?
- (64) (16:14:32) forest *fala para* Popozuda: de que bairro esta tc/
- (65) (16:14:34) !G@T@!: entra na sala...
- (66) (16:14:36) as pagodeiras *grita com* TaRzAm: VAMOS TC?
- (67) (16:14:39) Popozuda *fala para* TaRzAm: tenho e vc

TEXTO V

(Raphael – 1ª série do Ensino Médio, 15 anos)

- (1) (15:26:27) **Felipe**: sai da sala...
- (2) (15:26:31) **gata da uol**: sai da sala...
- (3) (15:26:36) **Mel**: ALGUEM DE 93ANOS
- (4) (15:26:39) **PAULISTA** *fala para Dani*: quer tc
- (5) (15:27:01) **terra**: entra na sala...
- (6) (15:27:08) **hipnotica** *fala para gostosinho*: posso te hipnotizar primeiro
- (7) (15:27:11) **Mel**: ALGUEM DE 9 ANOS
- (8) (15:27:32) **PAULISTA** *fala para Dani*: oi!!!!!!!
- (9) (15:27:45) **Victor** *fala para Mel*: Eu tenho 13
- (10) (15:28:00) **Gatinha**: **entra na sala...**
- (11) (15:28:01) **hipnotica** *fala para gostosinho*: por que
- (12) (15:28:07) **FELIPE**: entra na sala...
- (13) (15:28:12) **PAULISTA**: oi
- (14) (15:28:18) **FELIPE** *fala para Gatinha*: Oi! Qual a sua idade?
- (15) (15:28:18) **Gatinha**: algum gatinho quer tc?
- (16) (15:28:24) **PAULISTA** *fala para Gatinha*: eu
- (17) (15:28:26) **FELIPE** *fala para Mel*: Oi! Qual a sua idade?
- (18) (15:28:32) **hipnotica** *fala para gostosinho*: tem sunga
- (19) (15:28:33) **Dani** *fala para PAULISTA*: oi
- (20) (15:28:44) **Victor** *fala para Mel*: Eu tenho 13!!!!!!!!!!!!
- (21) (15:28:47) **PAULISTA** *fala para Gatinha*: qts anos?
- (22) (15:28:52) **hipnotica** *fala para gostosinho*: ponhe pra min
- (23) (15:28:58) **Gatinha** *fala para PAULISTA*: 11 e vc?

- (24) (15:29:00) **Cyberwolf**: entra na sala...
- (25) (15:29:10) **FELIPE** *fala para* hipnotica: Oi! Qual a sua idade?
- (26) (15:29:18) **Cyberwolf**: Alguem afim d tec
- (27) (15:29:19) **Mel** *fala para* gostosinho: MINHA IDADE E 9
- (28) (15:29:21) **bed boy**: entra na sala...
- (29) (15:29:21) **PAULISTA** *fala para* Gatinha: 13 tc da onde?
- (30) (15:29:34) **Gatinha** *fala para* PAULISTA: de NITERÓI
- (31) (15:29:44) **gatinho**: sai da sala...
- (32) (15:29:45) **hipnotica** *fala para* gostosinho: ela e de que cor
- (33) (15:29:46) **hipnotica** *fala para* gostosinho: ela e de que cor
- (34) (15:29:48) **Victor** *fala para* Mel: AIÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔ!!!!!!

TEXTO VI

(Karine – 1ª série do Ensino Médio, 13 anos)

- (1) (15:35:04) **n@nd@** *fala para bed boy: VC ME DÁ SEU TEL*
- (2) (15:35:09) **bed boy** *fala para n@nd@: primeiro onde vc mora*
- (3) (15:35:09) **IYli@€LA**: *fala para Bad boy: qts anos?*
- (4) (15:35:10) **hipnotica** *fala para gostosinho: ta mas pode ser a cobar*
- (5) (15:35:13) **terra**: *entra na sala...*
- (6) (15:35:17) **IYli@€LA** *fala para Bad boy: qts anos?*
- (7) (15:35:27) **G@tinh@ 1@@ g@tinho**: *tem algum gatinho que quer tc*
- (8) (15:35:29) **PAULISTA** *fala para n@nd@: eu dou 35 99842667*
- (9) (15:35:32) **hipnotica** *fala para gostosinho: eu to meio roca*
- (10) (15:35:46) **IYli@€LA** *fala para Bad boy: oi...*
- (11) (15:35:54) **Victor** *fala para Dani: Ei :-(*
- (12) (15:35:56) **Pedro** *fala para Mel: quer tc com um gostoso*
- (13) (15:36:07) **PAULISTA** *fala para G@tinh@ 1@@ g@tinho: quer tc?*
- (14) (15:36:08) **n@nd@** *fala para bed boy: TÁ VC NÃO VAI DÁ TCHAU*
- (15) (15:36:10) ****Florzinha****: *entra na sala...*
- (16) (15:36:10) **Guilherme**: *entra na sala...*
- (17) (15:16:19) **hipnotica** *fala para gostosinho: vc nao me conhece bele fala nao*
- (18) (15:36:19) **FELIPE** *fala para n@nd@: quer me ligar?*
- (19) (15:36:27) **G@tinh@ 1@@ g@tinho** *fala para gostosinho: 11 anos são pauloe vc*
- (20) (15:36:27) **Guilherme** *fala para n@nd@: OI GATA*
- (21) (15:36:31) ****Florzinha****: *alguem q tc !!!!!!!*
- (22) (15:36:32) **n@nd@** *fala para FELIPE: SIM*
- (23) (15:36:37) **Dani** *fala para Victor: eusou de cabelos grandes castanhos de olhos azuis e*
- (24) *sou muito bonita*

(25) (15:36:41) **Pedro**: sai da sala...

(26) (15:36:52) **Duk e Iaia**: entra na sala...

TEXTO VII

(Ana Carolina e Juliana – 1ª série do Ensino Médio, 14 anos)

Carol:

(1) Juuuu

Juliana:

(2) Koeh carol blz?

Carol:

(3) Koehhh

Carol:

(4) Blz!! E ctg?

Juliana:

(5) Blz e ai conta as 9da10?

Carol:

(6) pow .. tenho nenhuma naum e vc tem alguma??

Juliana:

(7) Nem ah vc vai na saum toreh este fds?

Carol:

(8) Nem sei oq eu vou fazer no fds kra.... ta phoda ...

Carol:

(9) Mas ... cs vaum pra onde??

Juliana:

(10) Nem sei liguei pra dede og e ela disse q agente resolva na hora.....mas vc jah estrou no

(11) site do Felipe dylon....?

Carol:

(12) Ah tah ... ai dpois me falam oq vcs resolveram ...blz??

Juliana:

(13) Pode deixar.....amanha vamu ter q atura aula d espanho kra ninguém merece...!!!

Carol:

(14) hahahaha

(15) eh verdade

Carol:

(16) falou com a Dani?

Juliana:

(17) Naum quando e oq....?

Carol:

(18) hj pow sei lah neh

Juliana:

(19) nem ...oq pela net nem falei + na escola eu falei.....

Carol:

(20) Ah tah !!!

Juliana:

(21) ...vou kolokar paradinhas no seu blogger...

Carol:

(22) Bota msm tah mo ruim de deixar cmts ...

Juliana:

(23) eh eu vou resolver este pbm

Carol:

(24) Pow mas a parada era o cine do Rio Design???

Carol:

(25) ah ta blz!

Juliana:

(26) fala serio c a dani tah pensandu q eu vou no cine do rio dising ela tah maluka...

Carol:

(27) pq?

Juliana:

(28) a fala serio os mulekes naum vaum kerer

Juliana:

(29) eh pekenoe a sei la naum gosta dakele shop.

Carol:

(30) ahh fala serio neh Ju

(31) Pow ... é pekeno e tal ... mas soh um uma vez ... nada contra akele shopping....

Juliana:

(32) Aaaaaaaa+ eu naum keru ir cedu....

Carol:

(33) cedo?

(34) oq eh cedu pra vc??

Juliana:

(35) ela deve querer ir umas 4:00 horas

Carol:

(36) putz!

(37) cedaum ... nem rola ...

Carol:

(38) Ai ... Diluuuuuuuvio no RJ!!

(39) MO CHUVAAA

Juliana:

(40) Tah chuvedu pacas aki.....

Carol:

(41) AKI TBM ... mttt

Carol:

(42) ?????? kd vc ??????

Juliana:

(43) to akiiiiiiiiiiiiiii

Carol:

(44) jjah to indu....

Juliana:

(45) tah entaum.....

Carol:

(46) Amigahhhhhhh

(47) tenhu q ir Bjãozaum

(48) t amanha na eskola ...

(49) Fui!

Juliana:

(50) Bjus migah.....!!!!

Carol:

(51) =)

(52) f-u-i

Juliana:

(53) =D